



O ENCONTRO MÁRIO SOARES-FRELIMO

CONFERÊNCIA DE PAZ NO PRÓXIMO MÊS

—prevê-se em Dar Es-Salaam

DAR ES-SALAAM, 17 (R) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Soares, e dirigentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) iniciaram conversações, num local secreto nesta capital, sobre a entrega de poderes em Moçambique. Fontes afectas à Frelimo disseram que as conversações, que começaram ontem e que se aguarda duren alguns dias, iniciam «os preliminares de uma conferência formal sobre a independência».

Espera-se que o encontro privado termine com a Frelimo e Lisboa anunciando conjuntamente a realização de uma conferência formal de paz, provavelmente no próximo mês, para confirmar os seus preparativos em Lusaka.

Fontes bem informadas de Dar-Es-Salaam, centro administrativo dos lados estavam a tratar de concessões, antes de anunciarem uma data para a independência do território ultramarino português na África Oriental.

Notícias não confirmadas que circulam entre movimentos

de guerrilheiros, com base em Dar-Es-Salaam, dizem que a Frelimo estava interessada em manter o Exército português em Moçambique, durante um período limitado, a fim de se poder registar uma transferência ordeira de poderes.

Julgava-se que, em troca, Portugal pedia eleições em todo o território, com a independência marcada para uma data do próximo ano, o que permitiria à Frelimo, oficialmente ainda proibida, organizar uma sólida base política.

O dr. Mário Soares é acompanhado nas conversações pe-

lo dr. António de Almeida Santos, ministro da Coordenação Interterritorial, enquanto a Frelimo está representada pelo seu vice-presidente Marcelino dos Santos e pelo delegado tanzaniano na Frente, Joachim Chissano, o terceiro dirigente não oficial da Frelimo.

**APOIO
DA SUÉCIA
À FRELIMO**

ESTOCOLMO, 17 (F.P.) — O Governo sueco decidiu aumentar ontem o seu apoio à Frelimo e confirmou a sua decisão anterior de lhe conceder um subsídio de 15 milhões de coroas.

Este subsídio destinar-se-á especialmente a um campo infantil instalado na Tanzânia e ao Instituto de Moçambique em Dar-Es-Salaam, centro administrativo da Frelimo.

O equipamento destinado às escolas, aos pavilhões clínicos e às quintas colectivas das regiões controladas pela Frelimo, será ulteriormente comprado e entregue.

**PREVENÇÃO
EM INHAMBANE**

CIDADE DA BEIRA, 17 (F.P.) — As Forças Armadas portuguesas e a população civil entraram de prevenção em Inhambane, uma cidade a meio caminho entre a Beira e Lourenço Marques.

Segundo as autoridades trata-se de prevenir a eventualidade de violências semelhantes às registadas no norte de Moçambique, nomeadamente em António Enes, onde a situação continua confusa.



Dois garotos cipriotas gregos passam junto das ruínas de uma bomba de gasolina, em Nicósia, atingida pelos repetidos ataques aéreos turcos (Telefoto UPI-Teleimprensa)

APÓS O CESSAR-FOGO EM CHIPRE

A Turquia está disposta a reatar negociações

O cessar-fogo parece estar a ser respeitado na ilha de Chipre pois não têm sido assinalados combates. Entre as últimas vítimas deste conflito contam-se dois jornalistas feridos por terem sido apanhados por um tiroteio, junto ao aeroporto,

e cinco soldados da ONU, dois ingleses, dois finlandeses e um dimanarquês feridos também no sector de Nicósia.

Se a notícia do cessar-fogo foi recebida com satisfação em Ankara, que na luta, conseguiu aquilo que não obtivera na con-

ferência de Genebra, já, em Atenas, a reacção foi inversa. As manifestações que se realizaram na capital grega foram sinal de grande revolta.

«A Turquia está disposta a voltar à Conferência de Genebra caso as outras partes também estiverem dispostas», declarou, na sexta-feira, o primeiro-ministro, Bulent Ecevit. Acrescentou que a Turquia apoiava a criação rápida de uma administração civil cipriota turca logo que deixasse de ser precisa uma administração militar. Ankara deseja «a instauração de um Estado único, federal, e, eventualmente, com um chefe único».

O ministro dos Negócios Estrangeiros turco, Turan Guney, por seu turno, disse que o reatamento da Conferência de Genebra não demoraria muito, certamente, e pôs mesmo a hipótese de a Conferência recomençar os seus trabalhos antes do fim-de-semana. As 20 horas (hora de Lisboa) foi levantado o estado de «prevenção de guerra».

APROVADO NA FORMA DEFINITIVA O DECRETO-LEI SOBRE A GREVE

O Conselho de Ministros aprovou ontem na sua forma definitiva, o decreto-lei sobre a greve e o «lock-out», cuja publicação na folha oficial anuncia para a próxima semana. Entretanto, debruçando-se sobre as ocorrências do Rossio, e depois de lamentar «a perda de uma vida e ferimentos em vários manifestantes e agentes da autoridade», garantiu que o inquérito (a decorrer) será isento e sem atender a privilégios como é próprio «de uma ordem jurídica democrática».

Com a ausência dos ministros Mário Soares, Almeida Santos e Melo Antunes, o Conselho esteve reunido durante cerca de nove horas no palacete da Rua da Imprensa à Estrela. No final, já depois da uma da manhã de hoje o Ministério da Comunicação Social tornou público o seguinte relato:

«1. Foi aprovado na sua forma definitiva, o decreto-lei sobre a greve e o «lock-out», que será publicado no «Diário do Governo» na próxima semana.

2. Foi aprovada a nomeação dos seguintes governadores civis: Horta — capitão-tenente Rui Vasco de Vasconcelos e Sá Vaz; Angra do Heroísmo — dr. Oldemiro Cardoso de Figueiredo; Ponta Delgada — dr. António Borges Coutinho; Faro — dr. Luís Filipe Nascimento Madeira; Évora — dr. João Alves Pimenta.

3. Foi aprovado um projecto de diploma legal sobre recondução de funcionários por terem cessado comissões de serviço.

4. Foi aprovado o projecto de diploma legal sobre a constituição da Comissão Nacional da F. A. O.

5. O Conselho de Ministros aprovou as linhas gerais de acção do Ministério da Educação e Cultura, cujos pontos fundamentais são: a democratização da escola e a organização de um sistema educacional ao serviço da democratização de Portugal; a adaptação do ensino às novas condições da vida portuguesa, tomando consciência de que o próximo ano escolar será de transição, pois só a longo prazo será possível edificar o sistema educacional por que anhamos, ao que acrescem as dificuldades económicas e financeiras presentes.

6. O Conselho de Ministros apreciou os factos ocorridos durante a manifestação realizada no Rossio, na noite de 14

para 15 do corrente.

O Conselho lamentou profundamente que tais incidentes tenham determinado a perda de uma vida e ferimentos em vários manifestantes e agentes da autoridade.

Relembrando que a autoridade democrática tem de ser respeitada, o Governo Provisório reafirma também que o inquérito imediatamente instaurado será conduzido com totais garantias de isenção e ausência de privilégios, como é próprio de uma ordem jurídica democrática.

O Governo está empenhado em assegurar as liberdades fundamentais restauradas em 25 de Abril, entre as quais se contam o direito de reunião e de expressão e a liberdade de imprensa.

No momento presente, porém, alguns movimentos de libertação, apesar dos esforços feitos por Portugal, ainda não concluíram um cessar-fogo com as Forças Armadas que asseguram o processo de descolonização.

A realização de reuniões por eles promovidas poderia trazer graves inconvenientes e dificultar o complexo processo de descolonização em curso».

DOIS MILHÕES PARA SINES

Foi ontem assinada a escritura do contrato pelo qual a Caixa Geral de Depósitos concede ao Gabinete da Área de Sines um empréstimo de dois milhões de contos, a utilizar em três anos (660 mil já em 1974). A cerimónia decorreu na presença dos secretários de Estado do Planeamento Económico e do Tesouro, director do G. A. S. e três administradores da Caixa.

Segundo um texto de proveniência oficial, a efectivação deste financiamento representa «um acto de confiança no futuro do País».

Em Sines trabalham hoje 1 800 pessoas — e haverá 3 000 no fim do ano.

Entretanto, a operação veio pôr em relevo o volume de crédito em que a Caixa se encontra empenhada. Durante o segundo trimestre deste ano a sua distribuição elevou-se a 7 milhões de contos, verba equivalente à que distribuiu no primeiro trimestre. Só no passado mês de Julho autorizou 3 600 mil contos de créditos, facto possível pelo comportamento da carteira de depósitos.

NACIONAL

PRECEDENTE

Comentando a histórica comunicação do general Spínola de que Portugal reconhece agora o direito à independência dos seus três territórios africanos, «Le Monde» afirmava que o II Governo Provisório, sob a presidência do coronel Vasco Gonçalves, deseja terminar com os acontecimentos em África «antes que estes se lhes escapem das mãos». Acrescentava que «os portugueses mantinham a Guiné sem qualquer razão económica ou militar, mas apenas para manter a doutrina salazarista de que Portugal, na Europa e no Ultramar, era um Estado uno e indivisível». Agora, porém, a forma de abandonar a Guiné «estabelecerá um precedente importante para Moçambique e Angola».

Aquele jornal considerava ainda mais importante para Portugal que se evitasse qualquer tentativa dos colonos para se apoderarem do poder, de modo que a descolonização pudesse salvaguardar «os seus legítimos interesses», antes e depois da independência, de uma maneira ordeira e sossegada, sem o «salve-se quem puder» ocorrido no Congo.

O precedente está aberto. Saibamos todos, portugueses e africanos, brancos e negros, assumir as nossas responsabilidades e tudo se poderá solucionar da melhor maneira, como se impõe.

MANUEL DE AZEVEDO

O funeral de Vitor Bernardes morto a tiro no Rossio

A hora em que esta edição do nosso jornal começa a circular, realiza-se, para o cemitério dos Prazeres, o funeral de Vitor Manuel Ferreira Bernardes, morto a tiro por um agente da P.S.P., durante os incidentes da madrugada de quinta-feira no Rossio.

Vários movimentos, nomeadamente o M.D.P.C.D.E. e o Partido Socialista, convidaram os seus simpatizantes e militantes a incorporarem-se no funeral. Também os simpatizantes do P.A.I.G.C., durante a manifestação-comício de quinta-feira, fizeram idêntico apelo.

COMUNICADO

Em cima da hora de fecho desta edição, tomamos conhecimento do seguinte comunicado do Ministério da Administração Interna:

«Realizando-se esta tarde o funeral de Vitor

Manuel Ferreira Bernardes, vítima dos lamentáveis acontecimentos ocorridos no Rossio, na noite de 14 para 15 do corrente, o M.A.I. chama a atenção da população para os seguintes pontos:

1 — O funeral constituirá uma manifestação de pesar, a que todos nos associamos e deverá decorrer como tal, na maior serenidade e unidade de sentimentos.

2 — Não podemos permitir de modo nenhum que alcancem os seus intentos aqueles que pretendem aproveitar semelhante acto para perturbarem a ordem democrática.

3 — Esta tentativa de perturbação foi denunciada através de várias atitudes incluindo a distribuição de panfletos cujo conteúdo incitando à desordem, só poderá originar o fortalecimento das forças reacçãoárias.

4 — Como tal, apela-se para o bom senso, civismo e vigilância das pessoas que se integrem no funeral, para que uni-

dos com as Forças Armadas estejam atentos e neutralizem, através da sua atitude perante dig-

na, as manobras extremistas que, de modo nenhum, podemos permitir que se concretizem.»

GREVE E OCUPAÇÃO NA «CORFI»

PORTO, 17 — No passado dia 9 os operários da «Corfi» — propriedade da indústria de Manuel Violas de Espinho — tiveram uma reunião com a administração da empresa com vista a satisfazer as reivindicações apresentadas no dia 5 de Junho. Como até agora tais reivindicações ainda não fossem atendidas, o pessoal da fábrica (cerca de 800 operários) entraram em greve às 7 horas da manhã de ontem. O motivo da greve baseia-se no facto de terem sido suspensos por carta com aviso de recepção enviada

pela gerência, 7 operários sindicistas sendo dois delegados à Intersindical e cinco membros do «comité» da fábrica. Contudo, estes operários apresentaram-se ontem de manhã ao trabalho, não aceitando a ordem recebida, a gerência resolveu que não trabalhariam nenhuns tendo pouco depois determinado o trabalho para todos. Foi então que, por solidariedade, foi decidida a greve geral e a ocupação das instalações por parte dos trabalhadores.

A GREVE DE ZELO DO PESSOAL DOS MATADOUROS

Continua a greve de zelo dos trabalhadores dos matadouros regionais do País, a qual será interrompida no dia 20, para o início de um inquérito, que será levado a efeito por uma comissão constituída por representantes, da Direcção Geral de Saúde, da Câmara Municipal de Lisboa, do Serviço Nacional de Emprego, da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, da Divisão de Salários do Ministério do Trabalho e três trabalha-

res de matadouros. Segundo crêem os trabalhadores dos matadouros, terminado o inquérito e no caso de a actual situação se manter, a greve continuará. A meio da manhã de hoje, iniciou-se uma reunião daqueles trabalhadores, que tem por objectivo criar uma plataforma de entendimento com as entidades patronais, relativamente ao plano de reivindicações apresentado.

COVA DA PIEDADE

Protesto enérgico contra a administração escolar

A maneira como a Administração Escolar tem tratado os problemas da Escola Preparatória do Comandante Concelção e Silva, na Cova da Piedade, é objecto de uma exposição enviada ao secretário de Estado da Administração Escolar.

Essa exposição, assinada pelos trabalhadores da Escola é do seguinte teor:

«Os professores e restantes trabalhadores da Escola Prepa-

ratória do Comandante Concelção e Silva protestam energeticamente contra a maneira como a Administração Escolar tem tratado o problema das instalações desta Escola, apresentando soluções que ignoram as decisões tomadas pelos trabalhadores e a lista de prioridades entregues por estes às entidades competentes da Administração Escolar.

«Os trabalhadores ao apresentarem estas hipóteses tiveram em conta a sua viabilidade e as condições mínimas neces-

sárias para que professores, alunos e funcionários possam tirar um mínimo de rendimento do seu trabalho.

«Lamentam profundamente que a Administração Escolar tenha tomado tudo em conta (dinheiro, interesses que vêm não contrariar...) menos as condições mínimas para esse rendimento.

«Contestam ainda que a pretexto de haver escolas em piores condições os queira fazer aceitar as soluções que haviam condições mínimas (de espaço, ar, repudiado por considerarem que uma Escola não é um conjunto de salas com carteiras onde professores «enchem» alunos de «saber», mas um local de trabalho em que as condições mínimas (de espaço, ar, material...) são indispensáveis para que se possa começar desde já ainda que de uma maneira elementar, a trabalhar para a construção de uma sociedade diferente onde a Escola não tenha um papel meramente passivo, antes esteja ao serviço do povo.»

COMÍCIO DO P.C.P.

Efectua-se hoje, pelas 21 horas, na Escola Masculina de Tortosendo (Covilhã) um comício do Partido Comunista Português.

RESIDENCIAL DO MARQUÊS

a estrear, central, confortável, abs. sossego. Ac. hospedes.

Filial luxuosa pr. Cidade Universit.. Climatizada, c/ garrafela, frigoríf. nos quartos c/ aperit. e bebidas. Tem garagem. Tel. 72 27 68.

ANDAR DE LUXO

Ao Calhariz de Benf., c/ 6 soa., 3 c. b., 2 var., sec. roupa, climatizada, c/ arrecad. e garagem. Preço 3.000 contos c/ hipot. Montepio de 800. Aceit. ofertas. Tel. 72 27 68.

ÚLTIMO DIA HOJE às 21.45

OS BONECREIROS representam NOITE DE GUERRA NO MUSEU DO PRADO

de Rafael Alberti Sociedade Nacional de Belas - Artes, R. Barata Salgueiro Mont. sub. F. C. Gulbenkian — Meiores de 13 anos. Segunda-feira, 19, início em Lagoa da tournee de «Os Bonecreiros» no Algarve.

A RECONSTRUÇÃO ECONÓMICA DA GUINÉ-BISSAU

BISSAU, 17 — (Do enviado especial da A.F.P. Eric Makedonsky) — A retirada progressiva do exército português vai pôr em evidência um problema financeiro revelador da «falta de sentido económico» da Guiné «portuguesa» em guerra, que foi um dos motivos de reflexão que conduziram certos oficiais portugueses a reflectir, antes de 25 de Abril, na política da guerra.

Para nos apercebermos desta falta de sentido económico basta um rápido exame à balança de comércio externo de Junho último: as importações elevaram-se a 7,1 milhões e as exportações mal deram para cobrir as despesas do exército português na Guiné que ascendem a 92,7 milhões de escudos.

Mesmo contando com 17,6 milhões para pagar férias de estrangeiros na Europa, 9,5 milhões de rendimentos transferidos e 2,8 milhões enviados para as famílias de estrangeiros residentes fora da Guiné, revela-se um excedente da balança global de 5,7 milhões de escudos puramente artificial.

Os números dos outros meses ou anos sublinham excedentes comparáveis e da mesma natureza, colocados no Banco de Portugal em Lisboa, à balança

taxa de juro colocada à disposição do governador da Guiné. A manutenção dos militares, foi o único factor que levou a balança da Guiné-Bissau a deixar de ser ainda mais deficitária.

Nos dois terços do País que pertenciam ao P.A.I.G.C. havia alguns campos fortificados portugueses, as estradas estavam minadas e grande parte dos arrozais estavam também nas mãos do P.A.I.G.C. Aliás, as exportações de madeira ficaram muito desorganizadas com a guerra.

POTENCIALMENTE RICO

Segundo um estudo oficial português, realizado em 1972, a cobertura real das importações pelas exportações passou do índice de 100 por cento para o índice de 23,9 por cento em 1970. E certo que o fim da guerra vai permitir ao país equilibrar-se porque é potencialmente rico.

O sul do país, muito irrigado, permite duas colheitas de arroz por ano, enquanto a criação de gado e o amendoim podem ser desenvolvidos. A diversificação é mais fácil do que noutros países africanos. O país está a preparar-se para a plantação de borracha, de cana de açúcar, para a qual já foram feitos, outro-

ra, diversos estudos, e de palmeiras. As peles de crocodilo eram, antes da guerra, enviadas para Paris, todos os meses.

A produção da madeira «Kaya Senegal» já aumentou apenas com a suspensão das hostilidades, e pela mesma razão melhorou o transporte de amendoim. Por outro lado, as exportações de palmeiras e de peles de crocodilo passaram de 8,1 milhões de escudos em Junho de 1973 para 17 milhões de escudos em Junho de 1974.

A Guiné-Bissau pode, portanto, equilibrar a sua produção em alguns anos de Paz, mas durante o período de transição, isto é, do equilíbrio artificial da balança realizado pelas despesas militares, e o início sensível de um recomeço económico, o novo governo da Guiné-Bissau terá necessidade de um auxílio consequente de todos os países amigos.

EMBAIXADOR CUBANO

HAVANA, 17 — (F.P.) — O Governo cubano nomeou Manuel Normando Agramonte embaixador na Guiné-Bissau. Normando Agramonte representava com a mesma categoria Cuba na República da Guiné.



mediterrâneo

Cruzeiros à Italiana!

Faça férias repousantes e alegres nos hotéis flutuantes da Italian Line... a maneira elegante de percorrer as rotas da história e arte.

14 Cruzeiros ao Mediterrâneo com partida de Lisboa desde 6.372\$00

E ainda várias modalidades de visita à Itália. Itinerários com transporte e hotéis. Automóvel sem condutor. Liberdade de quilómetros ilimitada. Sempre o tradicional serviço da Italian Line, agora aliado à qualidade Multitur.

Peça-nos o livro de Cruzeiros 1974

viaje com a **Italian Line**

Reserve na sua Agência de Viagens ou

E. Pinto Basto & Ca. Lda.
Pr. Duque de Tercera, 20 — Tel. 36 85 59 — Lisboa 2

JOSE AUGUSTO FRANÇA

Justiça e política

Quando Richard Nixon se candidatou à presidência dos Estados Unidos após o Governo de Johnson, viam-se em Nova York cartazes que, sob o seu retrato, perguntavam: «Compraria você um automóvel em segunda mão a este homem?» («Would you buy a second hand car from this man?»). Mais nada, e nada mais era preciso: o retrato do homem e a pergunta. Os americanos compraram-lhe o carro, e tudo acabou na Polícia.

É sempre perigoso comprar um carro em segunda mão quando o vendedor, e a sua cara, não inspiram confiança: sabe-se lá que traficâncias foram feitas no motor, se os pneus estão recauchutados, quantos quilómetros foram apagados do contador, e se as portas não vão ficar nas mãos, daí a poucos quilómetros... Toda a precaução é pouca — tanta, pelo menos, quanto aquela que se recomenda para o eleitor de um presidente da República.

É claro que em Portugal o problema há muito se não põe, e de bom ou mau grado fomos tendo três presidentes num Estado Novo que não era exactamente o estado do, como se diria, carro da República. Não vem ao caso, por enquanto.

O desenlace do escândalo Watergate e de outros com ele relacionados, na imoralidade da vida pública americana, foi lógico e raro. Foi exemplar também — e dificilmente se imaginaria outro Estado condenando friamente o seu chefe, perante si próprio e perante o Mundo, e pondo-o na rua, com o alto desprezo que a justiça assume. Que Nixon se tenha demitido nada tira ao caso — e só acrescenta à sordidez do caso de um homem que assim salvou umas largas dezenas de milhares de dólares de pensão anual, como último «racket» possível, e paradoxalmente legal, este...

Na verdade, por abuso de poder e falsas declarações, ele

foi considerado indigno de dirigir e de simbolizar o seu país — e, assim fazendo, os Estados Unidos deram um alto exemplo ao Mundo pelo menos Ocidental.

Um bom exemplo de justiça contra o mau exemplo da política; e sobretudo o grande exemplo da independência do poder judicial, numa grande nação que, através de manobras nem sempre claras e muitas vezes condenáveis, acredita e pode acreditar na justiça e leva a idealidade da sua Declaração de Direitos ilustrada, à prática processual.

De certo modo, os Estados Unidos ficam devendo a Richard «Watergate» Nixon (assim, à americana, se poderá escrever o seu nome) um renascimento da sua imagem moral — e, com ela dos princípios da Democracia.

... Mas um exemplo é um exemplo, é feito para se seguir. Esta justiça independente da política e por isso mesmo mais grave, esta justiça que não olha a conveniências partidárias nem a falsas convenções, é a que convém a um país como o nosso, que reatende os primeiros deveres da Democracia. Um país saído de um período onde, em tribunais de excepção telecomandados, a justiça era servida em nome da política, com magistrados escolhidos para o efeito, testemunhas propositadamente falsas e público impedido de entrar nas salas de audiência. E comunicação oficial de publicidade obrigatória, mentindo pela boca de todos os ministros necessários e para tal pagos em ordenados e benesses.

Esta justiça corajosa e digna será necessário invocá-la nos julgamentos que a II República Portuguesa vier a promover, pela sua procuradoria. Que todos os criminosos, dos vários organismos que, como nos Estados Unidos, usaram de privilégios de força e de impunidade, para

Continua na pág. 18

MARIA JUDITE DE CARVALHO

O AZULEJO

O perigoso, ultra-reacionário azulejozinho pendurado com a veneração de uma tela de mestre, na sala nobre de tantos lares modestos e até modestíssimos. Quem terá tido a ideia peregrina de escrever em loiça, para colocar em lugar de não se partir, na parede, enfim, das pequenas eternidades, esse indiscreto símbolo da alienação da mulher, mesmo da mulher do proletário? Quem teve a ideia, teve também — poucos podem gabar-se disso — a prova cabal do seu êxito. É assim às vezes, embora raramen-

te, até com os grandes sociólogos, (porque este azulejozinho tem, tem tido ao longo dos anos, o seu valor sociológico).

Negativo? Claro que sim. Diz ele, azulejo, que «a minha casa é o meu mundo». Temo-lo encontrado ao longo da vida, tantas vezes... Em casa da costureira, por exemplo. Em casa da simples mulher-doméstica.

O conselho ali está. Não vamos, claro, pensar que as mulheres se demitem da vida comunitária por causa dele, mas ele é sem dúvida uma desculpa, melhor, uma inci-

tação ao gineceu, um alibi.

Se «a minha casa é o meu mundo», para quê ler jornais, ouvir notícias, saber, enfim, o que vai pelo mundo ou até o que acontece em Portugal? Para quê se não é atraente nem fácil?

Há dias, entrei numa sala de provas e perguntei à senhora o que pensava desta modificação. Encolheu os ombros, sorriu. Que o marido ouvia-via as notícias, às vezes. Mas ela não, não percebia grande coisa, portanto... Coisas de homens, não era? Falava, e por sobre a sua ca-

beça, rectangular, debruado a cordão de seda azul-pavão, lá estava ele, o azulejozinho.

A sua casa é o seu mundo. Lê decerto o «Simplesmente Maria», faz pratinhos saborosos, cuida da roupa, limpa o cenário e trabalha para fora como uma moura. Mas não sai do seu mundo nem o deixa ser contaminado pelo exterior, senão o essencial para fazer as compras do dia-a-dia.

Nada mais a interessa. Coisas de homens. Mesmo isto, agora. A sua casa é o seu mundo, portanto...

VITAL RODRIGUES

COOPERATIVISMO E CORPORATIVISMO

De acordo com o Programa do Movimento das Forças Armadas, ao Governo Provisório não cabe proceder a «grandes reformas de fundo». Compete-lhe, no entanto, proceder ao saneamento e ao desmantelamento de todas as estruturas fascistas.

Saneamento dirá respeito ao afastamento de elementos situados em posições de influência na vida política e económico-social do País e cuja actuação precedente ou mentalidade constituam entrave à instauração de um regime autenticamente democrático. Regime que tanto se refere à comunidade nacional considerada no seu conjunto, como às diversas instituições e organismos por que se repartem as actividades da população.

Desmantelamento das estruturas fascistas corresponderá à eliminação daquelas que procuravam alcançar os objectivos, confesos ou não, de um regime favorável à manutenção dos privilégios de uns tantos, em prejuízo da grande maioria.

Com as estruturas em causa são (ou julga-se serem) facilmente identificáveis, o seu desmantelamento será apenas uma questão de disposições legislativas.

O saneamento, porém, embora da mesma forma a apoiar-se em diplomas legais, reveste-se de execução bem mais difícil, dada que a identificação dos casos a considerar não apresenta carácter tão objectivo como o das estruturas. Por isso mesmo, corre-se o risco da permanência, em estruturas, que por definição nada têm de fascistas, antes pelo contrário, de elementos que à sua sombra prossigam uma mesma política de privilégios; tal pode suceder no seio de associações Cooperativas onde os mesmos se tenham instalado, caso infelizmente bastante frequente e um dos principais motivos da debilidade e reduzido prestígio apresentado pelas Organizações em causa.

O regime Corporativo começou por eliminar quanto possível as realizações democráticas e cooperativistas existentes à data da sua implantação. Não o conseguiu totalmente, mas com deliberada obstrução impediu durante

muitos anos que novas organizações se criassem, para, numa fase, seguinte, simular certa tolerância, sem no entanto conseguir esconder os condicionamentos a que as submetiam, originando o seu quase total desvirtuamento.

O corporativismo dispunha, aliás, de poderosas armas, capazes de limitarem profundamente o prestígio das associações Cooperativas.

Recorda-se a ridícula consulta aos Grémios da Lavoura sobre o interesse ou não da criação de Cooperativas, como se aqueles tivessem representatividade que justificasse serem ouvidos. E sabe-se quantas Cooperativas, por isso mesmo, nunca se constituíram: e sabe-se, também, quantas, apesar de criadas, nunca entraram em funcionamento.

Depois, era a obrigatoriedade de submeter a sancionamento superior os resultados das eleições para os Corpos Gerentes. Claro que, em face de tal obrigatoriedade, não havia outra solução que não fosse «escolher» elementos aceites pela situação, porventura até declarados corporativistas, que não estavam nada interessados em dar vida a um tipo de associativismo que poderia por em cheque a inoperância do sistema corporativo.

Face à incapacidade do sistema que se pretendia impor, desencadeou-se a dada altura uma autêntica vaga de formação de associações pretensamente apresentadas como Cooperativas, promovida pela própria organização Corporativa. Sobre Cooperativismo formado de cima para baixo, tendo por cima o corporativismo, que assim pretendia salvar as aparências como se o rótulo bastasse e a que, porque destituído de espírito, se procurava conferir expressão material que impressionasse... e se inaugurasse.

Não era difícil à organização corporativa introduzir, nos Corpos Directivos das Cooperativas, elementos seus simpatizantes ou que como tal se comportassem, pelo menos para recolha de benesses; alguns até eram (e muitos ainda são) elementos Directivos de Organismos Corporativos.

Se tais elementos revelavam

alguma iniciativa, as respectivas associações logo beneficiavam de vultuosos subsídios e de magnânimos empréstimos, como forma mais eficaz de os prestigiar e, ao mesmo tempo, assegurar a sua dependência.

Por outro lado, a organização corporativa, dominando vastos sectores de intervenção, sempre teve possibilidades, que usava (e ainda usa) de tornar difícil a vida de Cooperativas que não eram da sua feição, isto é, que não tinham à frente, nas suas Direcções, amigos Corporativistas mais dispostos a fazer o jogo das empresas capitalistas (e lá tinham as suas razões) do que a defender os interesses dos seus associados.

Exemplos destes casos encontram-se por toda a parte de Nordeste a Noroeste ou em qualquer outro quadrante. Os grandes amigos foram sempre, para o corporativismo, grandes realizadores...

Apesar de tudo, algumas Cooperativas ainda podiam apresentar, aos olhos dos fieis servidores do corporativismo, certo inconveniente: ainda tinham Assembleias Gerais que se poderiam comportar democraticamente. Era preciso impedir tal e daí começaram a surgir as Assembleias Gerais por delegação.

As Assembleias Gerais já não são, em tais casos, o órgão através do qual todos os associados podem e devem tomar conhecimento dos problemas da associação e discutir as grandes decisões intervindo com o seu igualitário voto. A reunião da Assembleia Geral passa a ser apenas um acto simbólico em que uns tantos, mais nomeados que eleitos, vão deitar um papel numa urna.

Argumenta-se que um grande número de presenças dificulta a boa disciplina de Assembleias Gerais e a apreciação acerca dos assuntos postos à sua consideração. Como não é fácil a discussão dos problemas, elimina-se a discussão. Critério simples e eficiente, sem dúvida.

É óbvio que um grande número de presenças só pode resultar da existência de vasta massa associativa. Por isso,

para que a delegação se possa apresentar como justificável, é essencial preferirem-se Cooperativas com enorme número de associados, mesmo que corresponda a abranger-se área social tão vasta que restrinja profundamente a participação dos mesmos e faça recair as eleições para os cargos directivos sempre em elementos da «casa», da sede.

São conhecidos os argumentos com que se procura justificar a preferência pelas «grandes» Cooperativas: necessidade de assegurar dimensão económica, falta de dirigentes, falta de espírito Cooperativo.

O primeiro argumento — necessidade de assegurar dimensão económica — só pode ser invocado por desconhecimento ou deliberado esquecimento de que o associativismo Cooperativo admite, além da Cooperativa do 1.º grau, de base a constituição de União e até de Federações. Esquece-se, ainda, que, em princípio, às Cooperativas de 1.º grau competirá atender os problemas ligados directamente à produção, para competir às de 2.º grau (União) operações de transformação de produtos e, às de 3.º grau (Federações), a comercialização.

O «esquecimento» apontado leva a atribuírem-se a Cooperativas funções mais próprias das Unções, com abandono total ou quase dos problemas da produção e os resultados estão à vista.

Mas, se há volume de produção capaz de dar dimensão económica a «grandes» Cooperativas, que também são grandes pela sua vasta massa associativa e pela larga área social que abrangem, porque não fomentar ante várias Cooperativas com «dimensão humana», integradas numa sua União capaz de tratar, em condições económicas, as produções correspondentes?

Não se tem procedido assim, à sombra de um outro argumento já citado: a falta de dirigentes. Como há poucos agricultores com capacidade, diz-se, para o desempenho de cargos directivos, opta-se pelas grandes Cooperativas, com muitos associados e espalhados por vasta área.

Continua na pág. 14

NACIONAL

Saneamento financeiro no Fundo de Abastecimento

— anuncia o Ministério das Finanças

Na execução do Programa do Movimento das Forças Armadas, a que o Governo Provisório se comprometeu, e dentro da política de verdade que qualquer Governo honesto deve manter sempre para com os governados, o Ministério das Finanças vai promover o saneamento financeiro do Fundo de Abastecimento, de modo a evitar que os actuais «deficits» nele acumulados ponham em risco a prossecução da nova política económico-financeira que o primeiro-ministro, coronel Vas-

O QUE É O FUNDO DE ABASTECIMENTO

Em traços esquemáticos, o Fundo de Abastecimento era o recurso fundamental do Governo para manter certos bens de consumo básico a preços políticos — ou seja, a preços inferiores aos custos reais — e subsidiar indirectamente algumas indústrias através da concessão de subsídios na compra de «fuel», sua fonte energética mais importante.

Este Fundo obtinha as suas

la, etc.). O Fundo, durante muitos anos, não só manteve o seu equilíbrio, como era por vezes superavitário.

Dois factores vieram em meados do ano passado destruir o equilíbrio financeiro do Fundo de Abastecimento: por um lado, alargaram-se desmedidamente os sectores em que foi chamado a intervir e os produtos cujo preço passou a subsidiar; por outro lado, a subida do preço dos cereais no mercado internacional veio transformar em fonte de «deficit» o que

políticos só possíveis por concessão maciça de subsídios a outros produtos de grande consumo alimentar. Assim ao «pão político» veio juntar-se o «arroz político», o «açúcar político» e o «bife político».

Chegou-se até ao ponto de o consumidor pagar, efectivamente, cerca de 40 por cento do preço real do açúcar e cerca de dois terços do pão.

Como para todos estes produtos foi exigida a intervenção do Fundo de Abastecimento, o «deficit» acumulou-se nos termos já referidos. E contra isso que o Ministério das Finanças vai actuar de modo a cortar ao Fundo de Abastecimento as hipóteses efectivamente já reunidas de atropelar a política de saneamento económico e financeiro anunciada e a definir pelo primeiro-ministro.

Isto não significa que todos os preços «políticos» actuais terminem elevando-os até ao montante dos custos reais. Mas significa que vai haver alterações e que o funcionamento do Fundo de Abastecimento mudará radicalmente.

Pelo quadro anexo (quadro n.º 1) mostra-se até que ponto aumentou o preço do trigo e do milho nos mercados internacionais. Portugal não tem uma agricultura capaz para responder às necessidades da procura destes dois cereais. O rendimento que o preço antigo deixava para o Fundo de Abastecimento também acabou.

Entre 1970 e 1973 os preços internacionais dos cereais conheceram aumentos que oscilaram entre os 90 por cento e os 300 por cento. Aqueles preços, que em 1970 eram sensivelmente inferiores aos preços de venda internos, tornaram-se em 1973 muito superiores. O diferencial entre uns e outros, que era receita do Fundo, passou a ser fonte de prejuízo.

De facto, enquanto em 1970 cada tonelada de trigo mole e rijo comum vinha aumentar as receitas do Fundo de Abastecimento em cerca de dois mil escudos, em 1973, a mesma tonelada importada passou a exigir um subsídio de 838\$20. E o que se diz de trigo, em graus variáveis é válido para os restantes cereais.

O resultado está à vista e o quadro número dois explica-o ponto por ponto: «deficit» de nove milhões e meio de contos.

POLÍTICA DE VERDADE AINDA QUE IMPOPULAR

Perante a actual situação financeira do Fundo de Abastecimento o País pode optar por um dos dois caminhos: o primeiro consiste em continuar a vida dos Governos anteriores; o segundo aponta para o saneamento financeiro do Fundo.

A primeira via é a da facilidade a curto prazo e da acumulação de problemas que com o tempo se tornam de solução cada vez mais difícil, e por isso os Governos do anterior regime a adoptaram. A manutenção artificialmente baixa dos preços no consumidor é obviamente popular. E travando alguns preços finge-se executar uma política anti-inflacionista inexistente. Nada mais é necessário fazer além de deixar tudo como está: o pagamento do «deficit» será escondido do País, diluindo as responsabilidades e não permitindo o apuramento das consequências.

Mas porque o Ministério das Finanças, assim como o Governo, parece preferir uma política de verdade optou pelo saneamento financeiro do Fundo, ainda que isso seja impopular.

Além de que o primeiro caminho — continuar como até aqui — é inaceitável por razões concludentes:

O montante que o «deficit» do Fundo de Abastecimento atingiu está já a causar tensões fortes no sistema creditício português. Para financiar esse «deficit» consumiram-se recursos que estão a fazer falta para financiar investimentos produtivos indispensáveis, nomeadamente na construção civil.

O agravamento do «deficit» nos próximos meses iria agravar estas tensões.

O Estado não se pode tornar devedor para financiar consumos correntes dos particulares. O corte de crédito ao investimento em benefício de subsídios ao consumo consistiria em sacrificarmos o nosso próximo futuro a um presente defeituoso. A emissão monetária teria aqui consequências inflacionistas inaceitáveis.

O actual «deficit» estimula a utilização irracional de recursos, importados, pois mantém os respectivos preços artificialmente baixos para os utilizadores imediatos, à custa do sacrifício global da comunidade que, afinal paga o «deficit» do Fundo de Abastecimento.

Dirigindo-se essencialmente ao subsídio de consumo, o «deficit» do Fundo de Abastecimento não estimula, antes desincentiva, o incremento da produção portuguesa. Ora, só no aumento da produção interna pode o País encontrar caminho que lhe permita duradouramente travar a alta dos preços.

CEREAIS (Em escudos por tonelada)	Preços nos mercados internacionais		Preços de venda em 1973/74
	1970	1973	
Trigo mole e rijo comum	1 872\$00	4 675\$30	3 817\$10
Trigo rijo de grão claro	2 052\$90	7 588\$50	4 065\$14
Milho amarelo normal	1 987\$40	3 586\$30	2 150\$00
Sorgo	1 762\$60 (a)	3 272\$80	1 900\$00

(a) - 1972

co Gonçalves, anunciará amanhã através da Televisão.

O «deficit» actual do Fundo de Abastecimento é superior a cinco milhões de contos. Até ao final do ano corrente, se se mantivesse a política adoptada pelos últimos governos do regime depositado no 25 de Abril, aquele «deficit» ascenderia a quase 10 milhões de contos.

A existência deste «deficit» implicaria ou a mobilização de recursos financeiros, com sacrifício do investimento produtivo, ou o aumento da fiscalidade até ao montante de 10 milhões de contos, — pois o «deficit» orçamental não permite que para esse sector se desviem os recursos fiscais — ou a emissão de moeda, emissão que será novo factor de inflação.

receitas por duas vias: a mais volumosa resultava da venda da gasolina. Por cada litro de gasolina consumido por particulares, uma larga percentagem do preço era desviada para o Fundo de Abastecimento. Por isso, basicamente, a gasolina é tão cara em Portugal. A outra receita era proveniente do diferencial entre o preço de compra de cereais nos mercados externos que era muito inferior ao preço pago à agricultura nacional e o seu preço de venda à moagem. Isto permitia ao Fundo conceder numerosos subsídios à produção, ao consumo e ao investimento, (subsídios, aos preços de alguns bens de consumo, subsídios a adubos, à motomecanização, a certas obras de natureza agrícola,

era uma origem importante das receitas do Fundo.

RAZÕES DO DESEQUILÍBRIO

O aumento brusco ocorrido no último trimestre de 1973 no preço das ramas do petróleo e que não se repercutiu, inteiramente, sobre o preço dos produtos acabados, excepto no caso da gasolina, vibrou sobre o «superavit» do Fundo de Abastecimento a última machadada.

A estratégia política do Governo deposita e que consistia em manter o preço de venda ao público do pão apesar da subida do preço do trigo e de outros cereais agravou as coisas. O mesmo se diga em relação à manutenção de outros preços

ORÇAMENTO DO FUNDO DE ABASTECIMENTO

(1974, em milhares de estudos)

1. Receitas	4 649 394
1.1. Combustíveis líquidos	3 932 000
1.2. Outras	717 394
2. Despesas "tradicionais"	4 718 807
Das quais:	
2.1. Combustíveis líquidos	2 222 000
2.2. Outras	2 496 807
2.2.1. Cereais	370 000
2.2.2. Bovinos	600 000
3. Despesas - prejuízos com importações	8 787 604
3.1. Cereais	5 448 604
3.2. Açúcar	2 569 000
3.3. Produtos Pecuários	770 000
4. Despesas - Juros e amortizações	660 656
Deficit previsto 1 - (2+3+4)	9 517 673

AUTO - RADIO AM / FM
E LEITOR DE «CARTRIDGS»
COMPLETO
C/ 2 ALTIFALANTES
E ANTENA

2.800\$00 COM GARANTIA!
MONTAGENS RÁPIDAS ★ ASSISTÊNCIA TÉCNICA
TECNO - BAZAR (ELECTRÓNICA), LDA.
R. Oliveira Martins, 41-C — Telfs. 77 43 84-77 45 11
(Junto à Avenida de Roma)

MARIA GUILHERME
ASTRÓLOGA

Só atende senhoras. Prevê o futuro e ajuda a resolver os seus problemas. Marcação pelo Telef. 557673.

ASTRÓLOGA
ELGA

Trata e resolve todos os problemas e assuntos de sua vida, mesmo sendo os mais difíceis. Só senhoras. Tel. 77 43 43.

PRAÇA DE TOIROS DE **VIANA DO CASTELO**

SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS AMANHÃ às 18 h.

8 touros de Manuel Assunção Coimbra 8

CAVALEIROS
JOSÉ M. BAPTISTA
JOSÉ JOÃO ZOIO
ESPADAS
PEDRIN BENJUMEA
RICARDO CHIBANGA

Forcados Amadores do Ribatejo capitaneados por Rui Soutto Barreiros

INTEGRADA NAS FESTAS DA SENHORA DA AGONIA

ESPECTÁCULOS

Toca a formar brigadas de trabalho toca a formar brigadas de vigilância urgente

A televisão portuguesa está muito contente com a sua nova aquisição chamada Fernando Pessa. Menos exuberante do que no dia da estreia, quando Pessa entrou com todo o gás. E o som mais regulado, mais de acordo com a força do locutor recruta.

Põe-se aqui a questão de se saber se a actividade mais de acordo com a maneira de ser de Pessa, a mais indicada, era aquela. Pessoalmente, não posso senão dar uma resposta negativa. Se a maneira de escrever do jornalista não deve trair simpatias ou antipatias pessoais ao transmitir a notícia, o mesmo se poderá exigir do locutor. Nesse aspecto, por exemplo, o trabalho de Carlos Cruz pode considerar-se exemplar. O que não se verifica em relação ao novo apresentador do *Telejornal*. Estamos em presença de um metal fortemente personalizado, certamente com dificuldades em se adaptar às exigências da TV. Fernando Pessa fala, não como se estivesse ao pé de nós, mas como se estivesse a ser ouvido na outra banda. Para além disso, há os tiques habituais, certas inflexões tão nossas conhecidas, tão familiares, capazes de provocar situações ambíguas que não aproveitam a ninguém.

Bolas. No fundo, talvez isto não tenha o menor interesse. Claro que não tem. Nem eu quero enredar-me na caça miúda. A correr o risco de coices pessoais — que não existem, bom, eu sei que os meus leitores não pensariam nisso, mas por causa das moscas o melhor é ir adiantando.

Por causa disso é que não me refiro, por exemplo, a uma data de pessoas que aparecem no telejornal de ontem. Deixemos passar algum tempo, deixemos que vão ganhando calo destas andanças...

Hoje em dia, sente-se que certas coisas nem têm importância por aí além. Percebe-se isto, para não ir mais longe, quando nos anunciam que o nosso Primeiro-Ministro fala amanhã. Esta necessidade de o ouvir, esta urgência de convívio, de esclarecimento, de incitamento: esta certeza renovada de que estamos juntos e que, juntos, venceremos.

Não era outra, aliás, a intenção de três dirigentes do Movimento Democrático Português a que Raul Durão chamou Movimento Democrático Popular — que vieram à televisão

expor os seus pontos de vista sobre a actual situação económica do País. Foram Armando de Castro, Francisco Mota e Hugo Velasco Fernandes.

Particularmente significativas as intervenções dos dois últimos. Hugo Velasco Fernandes referiu determinadas condições que podem influir no mercado do trabalho e acentuou a necessidade de combater o poder monopolista por altamente lesivo da pequena e média empresa. Recordou que o desemprego rural pode vir a acentuar-se se certos empreendimentos agrícolas não forem levados a cabo ou se vastas áreas continuarem sem cultivo ou sem aproveitamento. Lançou o sinal de alarme: isso não constitui já mera possibilidade, dado que já é uma realidade em certas zonas.

(Aliás, esse perigo existe não apenas nos meios rurais, mas, sim noutros ramos de actividade, como também Hugo Velasco Fernandes recordou, e como ao depois, em pleno *Telejornal*, viemos a ter conhecimento através da entrevista com Alfredo Arez Sobreira a propósito das relações do pessoal das agências estrangeiras de aviação com as entidades patronais).

Que fazer perante certas situações que podem conduzir à degradação económica? Francisco Mota numa intervenção cheia de interesse, veio dizer-nos que não senhor, que não podemos cruzar os braços nem deixá-los cair ao longo do corpo, à espera que o Governo Provisório e as Forças Armadas façam tudo.

Realmente, o mais grave que nos poderia acontecer era deixar que esta perigosa distinção se estabelecesse. Se reconhe-



POR MÁRIO CASTRIM



ceamos que a coligação representada no Governo é o caminho que melhor serve os interesses imediatos do País; se reconhecemos que a aliança das forças democráticas com as Forças Armadas não é a melhor, porque é a única garantia de defesa da democracia, se reconhecemos isso, há que levar isso à prática: em todo o nosso quotidiano, em toda a nossa actividade, política ou profissional, há que vigiar o cumprimento de certas regras sem as quais tudo pode vacilar.

Assim, Francisco Mota aconselha como fundamental a vigilância mais severa por parte dos trabalhadores. É importante que se compareça a um

comício, a uma reunião, a uma manifestação com cravos e tudo, com bandeirinhas e tudo: mas é lá, nas fábricas, nas empresas, controlando os estoques, a produção, o ritmo das encomendas cumpridas ou recusadas, as medidas tomadas em relação a outras empresas dependentes ou ligadas no circuito de produção — é lá, é com essa vigilância permanente, que o futuro se conquista.

Dizem que o nosso Primeiro-Ministro e muitos outros responsáveis quase não dormem. Em contrapartida, amigos, não estaremos muitos de nós a dormir demais?

Televisão, televisão, estás tu a fazer o que podes — e o que deves?

"OS BONECREIROS" NO ALGARVE

O grupo teatral «Os Bonecreiros» na sequência da sua actividade desloca-se ainda este mês ao Algarve onde apresentará uma série de espectáculos. Trata-se de uma iniciativa da Comissão Democrática de Portimão com a participação da Comissão Regional de Turismo e que tem o apoio económico do Hotel Balaia e da Torralta.

«Os Bonecreiros» cumprirão itinerário que se inicia em Lagos, na Praça da Carolota, no dia 19. Depois estarão a 20 em Portimão (Cine Esplanada) e a 21 no Castelo de Silves. Estes dois espectáculos constam de uma segunda parte preenchida com Carlos Pare-

des e Luisa Bastos. A «tournée» dos «Bonecreiros» continua em Albufeira, dia 22, no Pavilhão Imortal; a 23, em Lagos (cinema); a 24, em Monchique, no recinto de festas dos Bombeiros Voluntários; a 25, na Mexilhoeira Grande (praça); a 27, em Portimão no recinto de festas; a 28, na Casa do Povo de Paderne; a 29, no Cinema de S. Bartolomeu de Messines. Finalmente actuarão em Faro a 30, 31 e 1.

Os espectáculos apresentados serão «A Noite de Guerra no Museu do Prado» de Rafael Alberti e «A Comédia Moschea» de Ruzante, segundo as condições locais e as características do público.

AUTÓDROMO DO ESTORIL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA LUGARES CATIVOS

Informam-se os possuidores de lugares cativos que queiram assistir a este espectáculo, que podem levantar os respectivos bilhetes, nos escritórios do Autódromo, no Estoril, no próximo Domingo, dia 18, a partir das 8 horas, contra a respectiva identificação do lugar.

CASA SONOTONE SURDOS CAMARADAS



Ilda Santos

Temos que nos ajudar uns aos outros e a maior ajuda para aqueles diminuídos de audição é fazerem um audiograma e uma demonstração que é totalmente gratuita. Para os nossos camaradas com menos possibilidades há um caminho a seguir, a ajuda das Caixas de Previdência, as facilidades de pagamento e todo o nosso carinho. Temos tudo para corrigir a deficiência auditiva. Vendemos Laringes Electrónicas para os operados à laringe. Pilhas de todas as voltagens. Assistência permanente a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de quaisquer marcas ou casas. Pedimos aos nossos camaradas que nos visitem sem demora, pois serão recebidos com todo o nosso amor em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33-S/L — Telef.: 868352 - 865978
PORTO — Praça da Batalha, 92, 1.º — Telef. 35602

Eng.ª Electrónica
Ilda Capinha

HOTEL JUPITER ****

PRAIA DA ROCHA

Preços especiais para clientes nacionais, válidos para estadias começando em Setembro mínimas de 4, 7 e 14 dias.

POR CASAL

PENSÃO COMPLETA — 660\$00 p/ dia

MEIA PENSÃO — 520\$00 p/ dia

Quarto e peq. almoço — 390\$00 p/ dia

(TAXAS INCLUIDAS)

Crianças até 12 anos, aposento grátis comparilhando o quarto dos pais, e 50% de desconto no valor da pensão alimentar.

BOWLING — PISCINA — SNACK — BAR

— BOITE —

Conjunto ARS ANTÍQUA

Rancho Folclórico do ARADE

Telegramas — JUPITER

Telefone — 22 041

Telex — 18246

ALUGAM-SE

APARTAMENTOS

GRANDE LUXO — MOBILADOS — NÃO MOBILADOS
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS:

TODOS OS DOMINGOS

Julho 7, 14, 21 e 28

Agosto 4, 11, 18 e 25

Setembro 1, 8, 15, 22 e 29

Outubro 6, 13, 20 e 27

OUTRAS PARTIDAS:

Julho 5, 11, 19 e 25

Agosto 1, 2, 8, 15, 16, 22, 29 e 30

Setembro 5, 13, 19 e 27

Preços excepcionais desde*

3.450\$

INCLUINDO:

● Viagem em jacto TRIDENT ou BOEING 727

● Estadia no Hotel

● Transportes em terra

● Visita Turística de Londres

● Taxas hoteleiras

● Sobretaxa de combustível

● Acompanhante **abreu**

PREÇO ESPECIAL PARA JOVENS COM ESTADIA EM CASA PARTICULAR. 2.900\$

* a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21

COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 2 70 11/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

novidades EUROPA-AMÉRICA

CRESCIMENTO ZERO?

por Alfredo Saurvy

Na obra de um grande especialista, a análise implacável dos graves problemas da economia e da população

...e a denúncia de «certas» soluções

Preço 105\$00

COLEÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS NA MESMA COLEÇÃO: A INTERVENÇÃO AMERICANA NO CHILE — Armando Uribe

Preço 85\$00

O NOVO JOGO DO PETRÓLEO
Jean-Marie Chevalier

Preço 90\$00

O PERIGO AMERICANO
C. Goux
e J. F. Landeau

Preço 65\$00

A UNIDADE DA OPOSIÇÃO
A DITADURA — A. H. de Oliveira Marques

Preço 50\$00

REPRODUÇÃO DAS ESPÉCIES
Desmond Morris

Preço 180\$00

Peça na sua livraria ou directamente a publicações
europa-américa
Apartado 8 — Mem Martins

TAKY

Depila até a raiz



A navalha corta a superfície



a TAKY aveluda a pele a navalha irrita a pele

IBIZA e PALMA de MAIORCA

Todos os dias, de 10h às 12h, de 14h às 18h, de 19h às 21h

TELEF. 56722 - 56723 - 56724 - 56725 - LISBOA

LUSOFRIO

REPARAÇÕES

FRIGORÍFICAS

Telef. 77 62 87 — LISBOA

ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Título original: *LAST TANGO IN PARIS*

Realização: *Bernardo Bertolucci*, 1973 (Itália)

Argumento: *Bernardo Bertolucci e Franco Arcalli*; Fotografia (*Eastmancolor*); *Vittorio Storaro*;

Música: *Gato Barbieri*;

Produtor: *Alberto Grimaldi*;

Interpretes: *Marlon Brando (Paul)*; *Maria Schneider (Jeanne)*; *Jean-Pierre Leaud (Tom)*;

Massimo Girotti (Marcel); *Maria Michi (mãe de Rosa)*, etc..

Distribuição: *Rank Films*

Classificação: *Interdito a menores de 18 anos*

Estreia: *Cinema S. Jorge*

(8.8.1974)

Dizia Ferreri, falando de *La Grande Bouffe*, que o seu filme *exprime um profundo desespero, dado que se vive num mundo onde os sentimentos desaparecem*. Por isso quis apoiar o seu filme numa verdade ainda não adulterada: a realidade fisiológica. Creemos que será este um bom princípio para se iniciar uma primeira aproximação do último filme de Bernardo Bertolucci — *O Último Tango em Paris*. Desespero, falência dos sentimentos, uma única realidade ainda

possível: a fisiológica.

O encontro de um americano de 45 anos, viajado (América Latina, Vietname, etc.) que um dia atracou a Paris, e de uma jovem francesa, filha de família de passado «glorioso», é a base deste ritual de destruição, jogado até final. Ele tem um passado carregado, esteve um pouco por todo o lado onde estão (ou estiveram) os americanos, acabando por parar em Paris, depois de ter alugado um quarto de pensão barata por uma noite e ali permanecendo cinco anos casado, com a filha da hospedeira. Rosa, a mulher, suicida-se, entretanto, lancetando os pulsos com navalha de barba. Ele descobrirá igualmente o adultério. Cansado e destruído, procura um refúgio. Encontra-o na Rua Jules Verne. Quarto aluga-se. Aqui se dará o primeiro encontro. A rapariga entra, abre a janela e descobrirá um desconhecido amarrado de dor na penumbra subitamente iluminada. Um telefonema, a linha que une dois corpos, a comunicação

que se estabelece. Brutal, fria. Nomes, passado, histórias, tudo o que pode revelar uma intimidade, criar uma cumplicidade emocional, desenvolver sentimentos, tudo isso é afastado, cruamente recusado. Estas relações começam, portanto, como uma vingança e revolta de um desconhecido no corpo de uma rapariga. Assim se irá desenvolver esta história de encontros sucessivos no mesmo apartamento velho e desabitado da Rua Jules Verne. Uma progressiva relação dialéctica entre os *flash backs* de um casamento consumado e o presente, agreste, dilaceradamente despedido de sentimentos. Entre um passado de derrota e um presente que se recusa ao futuro. Entre uma relação de sentimentos que o amarrava durante cinco anos a Paris, e terminaria em traição e uma relação meramente fisiológica que se recusa sempre ver ultrapassada noutro plano. Só assim se poderão compreender os sucessivos encadeados entre cenas passadas em ambientes relativos à mulher que se suicidou e as cenas vividas com a desconhecida num apartamento ignorado. Relações de violência, impostas com agressividade, violações consecutivas, humilhações auto-infringidas. Quando Jeanne começa a sentir a necessidade de ultrapassar o mistério inicial, quando confessa o seu amor, o desconhecido mais não faz do que reconduzir o amor confessado a uma situação de degradação evidente, ao mesmo tempo que inventa uma história revoltante de um porco cobridor. É a violência que se instala de novo, uma violência que vem do exterior, das carrinhas da polícia estacionadas junto ao passeio, das carruagens de comboio de matraquear dilacerante, da solidão das ruas, da prostituição de pensão, da preversidade do adultério concebido com requintes, do sangue extravasando da banheira, descendo pelas paredes ladrilhadas do quarto de banho, saindo dos pulsos abertos de uma mulher. A violência da competição desse «Último Tango», um ritual assumido como ritual de morte.

Dois quadros de Francis Bacon abrem o filme. São o genérico de nervos e carne rosa

da e sangrenta, de olhos desorbitados, de músculos contorcidos, de solidão. Esses quadros permanecerão na retina do espectador. Eles definirão o clima. Músculos, nervos, carne, sangue são os componentes desta relação de amor dessacralizado, onde a palavra adquire o peso de injúria, de relação que continuamente se corta.

A seu lado, um cineasta (Leaud que recorda Truffaut e brinca ao «cinema directo»), Tom, fabrica uma história paralela, feita de lugares comuns, de noivas eternas, de amores permanentes, de reencontros. Cita-se *Atalante*, de Vigo, mas a bôia de salvação afunda-se, sinal de que aquele não é o lugar para uma tal aparição. O filme começa, pois, a respirar em três tempos, dirigindo-se para um ponto determinado para onde convergem três hipóteses: do romantismo do cinema à violência e traição de Rosa, passando pelo encontro ocasional de dois desconhecidos. A violência esbatida, mistificada; a violência quotidiana; a violência desejada; imposta. Tudo remete para um ponto onde a violência será fatal. Esse ponto surge, quando o cinema já não está presente, com o seu mecanismo de sonho (Tom afirma que o seu filme *está terminado*). Esse ponto fulcral surge igualmente depois de Paul, o desconhecido, ter regulado as contas com Rosa, a quem humilha e ofende no seu leito de morte, a quem pede perdão depois; esse ponto será, porém, irreversível, a partir da altura em que Paul corre para junto de Jeanne e lhe indica um futuro possível. É a esperança que renasce para ele. A indumentária indica-o. Paul vestiu-se para oficializar uma declaração. Procura Jeanne e confessa-lhe as suas intenções. E a altura desta reasumir a sua condição de filha de família digna e heróica. Perante o futuro (que até aí nunca surgira nas suas relações com Paul), os preconceitos, a educação, a família. Jeanne corre, foge para casa dos pais, onde a imagem tutelar do pai, general francês, na Argélia, lhe inspira a confiança suficiente para se servir da arma e libertar-se de uma his-

tória que, a partir daí se tornaria perigosa. O que anteriormente se revelava aventura inconsequente, passaria a ser intromissão. Os sentimentos ultrapassam o jogo dos músculos e dos nervos. O mistério quebra-se e Jeanne assume a sua verdadeira dimensão, amedrontada e hipócrita. As suas últimas palavras servem para se escusar, para desculpar um gesto, para negar o envolvimento numa relação.

Figura cansada de uma «geração perdida» (referências a Hemingway ou Fitzgerald não serão de forma alguma inadequadas), Paul denuncia o desespero de uma situação de impasse.

O filme de Bernardo Bertolucci é, por isso, um filme de angústia para lá de uma aparência «chocante». Porque a verdadeira dimensão desta obra não são as cenas mais arrojadas que o povoam, mas o silêncio glacial que o percorre, essa solidão desesperante que se instala a tons laranja. Tom laranja, essa iluminação subtil que faz de cada filme de Bertolucci um caso raro no cinema moderno. Uma iluminação voluptuosa, difusa, carnal. Uma realização impecável de rigor, de meticulosidade, de inteligência, de requinte. Os vidros martelados, os espelhos, as cortinas (que dividem áreas e pessoas, que cortam ambientes), as portas que se abrem para novas portas, os ascensores, o labiríntico percurso da Rua Jules Verne, a chuva de Kelly, o cinema de Hollywood. E sobre tudo isso, um homem e uma mulher, mas agora carne, músculos, sangue, nervos, os retratos de Bacon. E dois actores incomparáveis. Marlon Brando como poucas vezes o vimos; Schneider, uma revelação; Massimo Girotti, o amante «duplo», a segurança profissional. Leaud, a «noite americana».

Leitor: *O Último Tango em Paris* é efectivamente um grande filme. Não o perca, portanto. Mas, em lugar de ir vê-lo como objecto de arrojo sexual, procure ver nele o que efectivamente ele encerra. Todas as sequências que compõem este filme estão lá para que as pense. Possivelmente para que as «sotra». Num filme onde os

sentimentos se recusam, os sentimentos têm de estar em quem vê. Um olhar inteligente é tudo quanto se pede. Não um olhar concupiscente. Bertolucci não lhe merece.

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS VISTO POR GUY BRANCOURT

«Há personagens com rostos de «vida em decomposição», como em Francis Bacon, do qual duas pinturas ilustram o genérico.

Existe Paul, um americano em Paris, um desenraizado que foi actor, músico, boxeur, jornalista, antes de se render aí, tal como os grandes da literatura anglo-saxónica de entre duas guerras, de Hemingway a Fitzgerald.

Há o sexo que é uma festa, os dias tranquilos passados, como em Clichy, como diz Henry Miller, mas em Passy.

Existe o amor que é uma dança de morte, como em Strindberg, mas também, como em numerosas espécies de animais, para as quais o êxtase é o prelúdio da agonia.

Há a ponte de Passy que é necessário ultrapassar para ver os fantasmas vir ao nosso encontro, como em Murnau.

Existe a «douceur de vivre» que não se pode compreender, como diria Talleyrand, «se não se viveu os anos antes da revolução».

Há, tal como na «Nadja» de Breton, «a forma de uma cidade (...) que escorrega, queima e desaba, no movimento das ervas loucas das suas barricadas, dentro do sonho das cortinas dos seus quartos, onde um homem e uma mulher continuarão, indiferentemente, a amar-se».

Existe o tango que, como disse Jorge Luis Borges: «É uma maneira de caminhar na vida», uma dança de homens, de «machos».

Há a exigência de Garcia Lorca: «É preciso renunciar ao «bouquet de lys» e penetrar na lama».

Existe o cinema que, tal como o tango, é um caso de estilo e, portanto, de moral.

Há um homem e uma mulher que se encontram, fechando-se na sua paixão, destruindo-se. E dentro desta simplicidade linear existe todo Bertolucci que encerra, na perfeição, o ciclo da sua primeira idade cinematográfica: as últimas convulsões de uma adolescência que se recusa a morrer.

GUY BRANCOURT
(in Ecran 73)

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

KARA KARAS

VEJETAS DA CANÇÃO DO PARAGUAI

RODI SCHWEITZER

ORIGINAL MALABARISTA

ZÉLIA LOPES com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

EXTRA VAGÂNCIA 74

Produção OLIVIER BRIAC

FERRER TRINDADE e sua Orquestra

"NUEVOS AMIGOS" ORPHEUS QUARTET

LADY FLAM

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE "ARABIAN" Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR A 10 H. Maiores de 21 anos

CABARET ESSIMO

TODAS AS BEBIDAS QUE QUISER

DAS 22,30 H. EM DIANTE

UM ESPECTÁCULO DE MUSIC-HALL

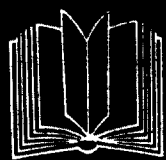
(O SHOW COMEÇA ÀS 23,30)

RESERVAS PELO TELEFONE 28 37 50

PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS PÓRTICO N.º 11

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

livros



na banca
do jornalista

"A QUESTÃO CAMPONESA EM FRANÇA E NA ALEMANHA"

Por Friedrich Engels

«A questão camponesa em França e na Alemanha», de Friedrich Engels, foi agora publicada em Portugal pela editora «Centeilha» (de Coimbra), em tradução de Manuel Bastos.

O texto, que veio a público pela primeira vez em Novembro de 1894, constitui um comentário incisivo de Engels ao oportunismo e reformismo propostos pelos socialistas franceses e alemães na última década do séc. XIX em relação à questão agrária. O mínimo que se pode dizer do presente opúsculo (38 páginas) é que, no momento político português, se impõe (exige) a sua leitura urgente. E esta urgência não resulta só da abordagem particular das relações entre assalariados agrícolas e pequenos camponeses face aos médios e grandes proprietários, mas também da atitude de todos face à revolução socialista.

Defendendo claramente a aliança entre o proletariado industrial, o proletariado agrícola e os pequenos camponeses («A conquista do poder político pelo Partido Socialista anuncia-se cada vez mais próxima. Mas, para que conquiste o poder político, é preciso que esse partido passe primeiro da cidade

para o campo» — pag. 7), Engels recusa o oportunismo de outro tipo de alianças: «Nego terminantemente que o partido operário de qualquer país deve admitir nas suas fileiras, além dos proletários rurais e dos pequenos agricultores, os grandes e médios camponeses ou ainda

os caseiros de grandes bens, os criadores de gado e outros capitalistas que valorizam o solo nacional». (...) «Se no nosso Partido podemos admitir indivíduos de qualquer classe da sociedade, não podemos tolerar grupos com interesses capitalistas, ou camponeses médios ou burgueses médios» (pag. 21). Das palavras de Engels não podemos deixar de concluir que nenhum motivo tático pode sancionar que um verdadeiro partido da classe operária prometa ou sugira a defesa da apropriação particular dos meios de produção (a defesa de pequenas e médias empresas, por exemplo), ainda que isso surja sob a capa de antimonopolismo...» A tentativa — diz Engels — para proteger o pequeno camponês na sua propriedade não lhe protege a liberdade, mas simplesmente a forma particular da sua servidão» (pag. 17).

E mais adiante: «Nunca poderemos transformar num camarada o camponês que nos pede para mantermos a propriedade parcelar nem o pequeno patrão que quer permanecer eternamente patrão» (pag. 26).

Para uma análise de classes como a viria a fazer Mao Tse-Tung em 1929 em relação à China, torna-se importante o conhecimento deste texto de Engels onde se estabelecem os traços essenciais das diversas classes sociais existentes no campo, e se esclarece quais as que se podem tornar verdadeiras aliadas da classe operária. Ao longo da sua análise Engels recusa a conquista oportunista do campesinato para fins eleitorais (pag. 25), tal como critica as reivindicações economicistas que em nada defendem os sectores mais desprotegidos do campo, mas se limitam a melhorar a situação dos grandes proprietários. Entre elas incluía a «re-

dução da taxa legal e convencional do juro», a «redução das tarifas de transporte para adubos, máquinas e produtos agrícolas», e o «estudo imediato de um plano de trabalhos públicos tendo como objectivo o melhoramento do solo e o desenvolvimento da produção agrícola» (pags. 23/24).

A clareza dos pontos de vista de Friedrich Engels dispensam-nos de dúvidas sobre o papel contra-revolucionário do reformismo. Defendendo que só a apropriação colectiva dos meios de produção pode conduzir à revolução («A posse colectiva dos meios de produção deve, portanto, ser prosseguida por todos os meios postos à disposição

do proletariado» — pag. 16), considera também indispensável a expropriação dos grandes empresários agrícolas e industriais.

E neste contexto que Engels aponta a traição: «Um partido operário deve, naturalmente, intervir em primeiro lugar a favor dos assalariados, isto é, dos criados, das raparigas da quinta e dos jornalistas; por este facto, estão proibidos de fazer promessas aos camponeses que incluam a perpetuação do assalariado dos operários. Enquanto subsistirem camponeses médios e grandes enquanto tais, estes não podem arranjar-se sem assalariados. Portanto se é simplesmente estúpido da nossa parte prometer aos

camponeses parcelares que serão mantidos enquanto pequenos camponeses, é quase **traição directa** prometer a mesma coisa aos médios e grandes camponeses» (pags. 32/33).

Eis como o verdadeiro partido do proletariado não pode surgir ou sequer manter certas alianças, ainda que não formalizadas mas existentes na prática, sob pena de trair a classe operária e o campesinato. O texto de Engels adquire na conjuntura nacional uma actualidade indiscutível, e contribui positivamente para uma correcta formação marxista-leninista.

JOSÉ A. SALVADOR

A QUESTÃO CAMPONESA EM FRANÇA E NA ALEMANHA

friedrich
engels

Canon
F-1



tecnologia da mais alta precisão

Canon
F-1

sonipol

LISBOA - PORTO - FARO

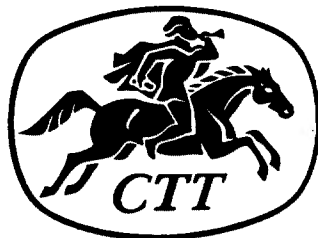
Departamento FOTO-CINE
R. ANTÓNIO ERES, 9-C
LISBOA

Não é apenas uma câmara fotográfica de características sensacionais. Mais do que isso... ela orgulha-se de ser o núcleo central de todo um sistema destinado aos mais delicados problemas da fotografia moderna. De facto, quando equipada com qualquer das suas 40 objectivas ou um dos seus inúmeros acessórios, ela poderá resolver tudo... desde a fotografia ultra-rápida a 1/2000 seg. até à fotografia nocturna automática.

CANON F1: um sistema completo para macro-foto, micro-foto, tele-foto, foto desportiva e foto à distância com ou sem fios.

CANON F1: um marco significativo na história da tecnologia moderna.

VEJA-A NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE



SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

ATENÇÃO BEJA

OS CTT INFORMAM

Os assinantes dos Grupos de Redes de BÉJA e CASTRO VERDE, com acesso ao serviço telefónico interurbano automático, passam a obter directamente os telefones automáticos dos grupos de redes abaixo indicados, marcando os seguintes indicativos:

PORTO TLP	029
BRAGA	023
PENAFIEL	025
S. JOÃO DA MADEIRA	026
VALENÇA	021
VIANA DO CASTELO	028
VILA NOVA DE FAMALICÃO	022

SANTOS & NASCIMENTO

AVENIDA DA LIBERDADE, 177 — LISBOA

SALDOS

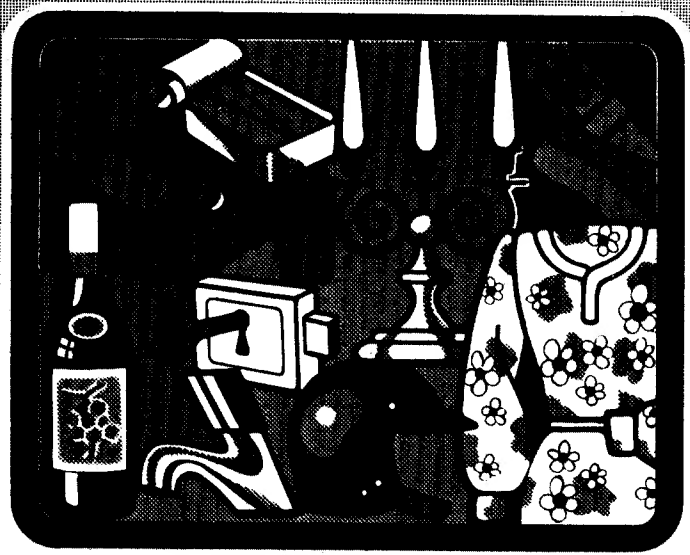
A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 19

GERAL

DESPEDIMENTOS DE MÉDICOS

A secção sul do Sindicato dos Médicos está a proceder ao estudo de casos de despedimentos sem justa causa de médicos, ocorridos em empresas nacionais, multinacionais e no funcionalismo público. Os interessados deverão enviar para a sede do sindicato, para aquele efeito, uma exposição circunstanciada de ocorrências desse teor.

Feiras no Estrangeiro

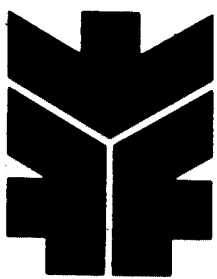


NOVAS NORMAS DE APOIO às PARTICIPAÇÕES INDIVIDUAIS

A todas as empresas exportadoras, independentemente da natureza dos produtos:

50% de comparticipação em

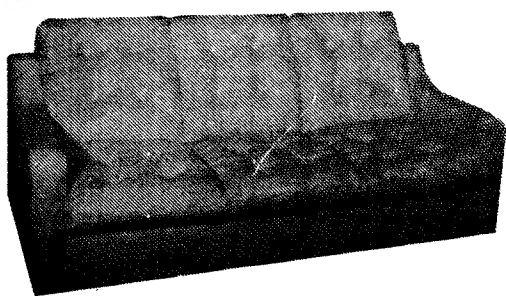
- aluguer do espaço
- construção, decoração, montagem e desmontagem do stand
- transporte, despacho e seguro dos mostruários
- viagem e estadia de um representante da empresa.



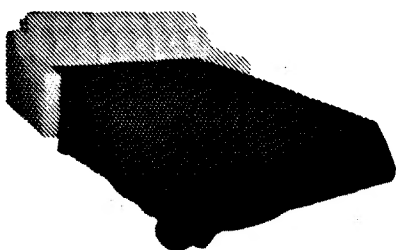
Informe-se já! Obtenha pormenores
na Direcção dos Serviços de Feiras e Exposições

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-A - Lisboa - Telfs. 777772-777768



sofás-camas
estofos



VALENTIM RODRIGUES

Av. Defensores de Chaves, 31-B e C. Lisboa 1

DE MBABANE PARA LUSAKA

QUE FAZ CORRER JORGE JARDIM?

LOURENÇO MARQUES, 16 — (Por Edmond Marco, enviado da F.P.) — Jorge Jardim, de 54 anos, multimilionário e diplomata, jornalista e político, homem forte do Norte de Moçambique, hoje à beira do caos, procurado desde Junho por suposto recrutamento de mercenários e por tentativa de golpe de estado, será amanhã um dos homens que participará na instauração da paz na África Austral portuguesa?

Inconcebível ainda há pouco tempo, esta hipótese é hoje apresentada tanto em Pretória — onde o infatigável Jardim fez, há duas semanas, uma aparição fugitiva para se avistar com misteriosos emissários — como em Lourenço Marques, onde acaba de saber-se, que Jardim está em Mbabane, capital da Suazilândia.

Porque será que Jardim — em quem muitas pessoas, incluindo, alguns responsáveis portugueses de Lourenço Marques, julgavam ver o futuro chefe duma espécie de OAS moçambicana — terá aparecido nesta Las Vegas africana, no meio de casinos e a dois passos da fronteira de Moçambique?

Para realizar ali, afirmam de boa fonte, um conselho de guerra — ou, por outro lado, de paz... — com influentes industriais e homens de negócios portugueses.

Esses comerciantes portugueses — cujos nomes não são citados mas que controlariam o que resta da estrutura económica de Moçambique — persistiriam em ver em Jardim o providencial «Deus ex Machina» do drama que se desenrola nesta África Austral Portuguesa, onde o pânico que se propaga, pouco a pouco do Norte para Sul, pode destruir os frutos da presença secular dum país branco racista.

OFERTA DE BONS OFÍCIOS?

Este conciliábulo, mais perturbador ainda porque, no fim

— sempre segundo as mesmas fontes — Jorge Jardim tomou o avião para Lusaka (Zâmbia), onde deve chegar por vias não oficiais.

A sua chegada à capital zambiana poderia coincidir com a duma delegação do Governo português, chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português, Mário Soares, e a de Samora Machel, presidente da Frelimo, vinda de Dar-Es-Salaam (Tanzânia) para segunda série de conversações de paz, iniciadas há dois meses, sob a égide do presidente Kenneth Kaunda.

Que irá fazer Jorge Jardim? Provar tanto a uns como a outros, à Frelimo e à delegação portuguesa, que não sabe o que fazer dos mercenários e da contra-revolução, e oferecer, com os seus bons ofícios, a ajuda dos seus milhões, e de muitos outros, àqueles que devem decidir, por fim, em Lusaka, iniciar em conjunto — depois da paz — o duro caminho da recuperação económica e social de Moçambique.

TEORIA SEDUTORA

A teoria seduz: convence já em Lourenço Marques aqueles que sabem que Jardim tem acesso fácil junto do presidente Kenneth Kaunda. Não deve esquecer-se que o Governo zambiano teria muito a ganhar com a abertura, apesar do embaraçante troço rodesiano, da estrada do cobre para a Beira e o Oceano Índico.

Mesmo a Frelimo, apesar da sua intransigência inicial, deu a entender em contactos esporádicos dos seus emissários com as autoridades portuguesas, em certos sectores da «No Man's Land», de Moçambique, que não estava administrativamente preparada para defender sozinha um Moçambique independente — e que uma presença branca a seu lado, não seria, automaticamente, rejeitada.

A FRELIMO ACEITARÁ?

Parece, por outro lado, que entre os chefes da ala moderada da Frelimo se receia um afastamento quase imediato dos dirigentes portugueses de Moçambique, que colocaria, repentinamente, uma pequena minoria de antigos guerrilheiros, sem grande experiência administrativa, face à massa colossais e potencialmente explosiva duma população negra de proletários apolíticos e ainda agitados por paixões e ódios tribais atávicos e profundos.

A fundação que acaba de desencadear-se na Zâmbia moçambicana, o repentino surto de banditismo sem motivação política, é um sinal de alerta tanto para Dar-Es-Salaam como para Lisboa.

SITUAÇÃO FLUÍDA

Acrescenta-se um facto novo: o aparecimento, no Norte de Moçambique, dum movimento de negros militantes, sob a égide de Basílio Francisco Banda — antigo combatente da Frelimo — que está pronto a disputar, de armas na mão, à Frelimo o direito de se arvorar em senhora absoluta do território.

Num breve encontro realizado com os jornalistas, na região de Nampula, Basílio Banda, chefe do «Monipamo» (Movimento Nacional para a Independência Pacífica de Moçambique) lançou um aviso contra a possibilidade de vir a verificar-se «um novo Congo» em Moçambique, se a Frelimo exigisse e conseguisse carta branca.

Nesta situação extremamente fluida, a habilidade diplomática dum homem como Jardim poderia exercer-se com eficácia, tanto mais que — como afirmam alguns observadores de Lourenço Marques — poderia fazer-se, sem dúvida, intérprete autorizado daqueles que têm interesse em manter o «statu quo» económico e a paz na África Austral.

Concluída a ponte Macau-Taipa

MACAU, 17 (R.). — O governador de Macau, general Nobre de Carvalho, inaugurou o maior projecto de desenvolvimento neste território português atravessando, a pé, o último

tabuleiro de uma nova ponte de três quilómetros, que liga o encrave com a Ilha de Taipa, ao Largo.

O acto seguiu-se à colocação de um dos últimos tabuleiros centrais de cimento, com 23 metros, a cerca de 30 metros acima do mar.

A ponto rodoviária foi desenhada pelo construtor português de projectos desse género, prof. Edgar Cardoso, que revelou hoje, nesta cidade, que os primeiros veículos ao serviço da obra atravessariam, dentro de duas ou três semanas, o tabuleiro colocado.

Teatro Maria Matos

A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS,
ESCRITOR, 45 ANOS
DE IDADE»
de Bernardo Santareno
Todos os dias
às 21.45 horas
Domingos, «matinées»
às 16 horas
Segundas-feiras
descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito a menores
de 13 anos

estude!
GANHE MAIS

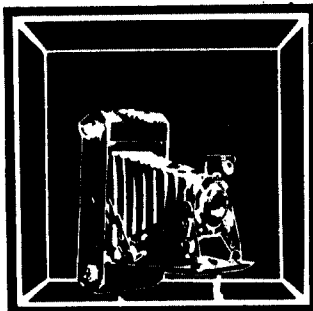
Obtenha uma especialidade; em sua casa, por correspondência, com qualquer destes cursos:

*Televisão / Electrónica / Rádio	* Inglês	* Secretariado
* Desenho / Pintura	* Vendas / Marketing	
* Fotografia	* Electricidade	* Relações Públicas
* Corte / Costura / Confecção	* Cultura Geral Elementar	

Peça folhetos **GRÁTIS** indicando o curso do seu interesse:

CENTRO DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA
ÁLVARO TORRÃO RÁDIO ESCOLA
RUA FERNÃO LOPES, 8 - LISBOA, 1 - (ao Saldanha) - TEL. 536752

PUBLITOTAL



CONCURSO FOTO TORRALTA



1-PREMIO ARTE POPULAR/ARTESANATO

HORÁCIO JOSÉ DA CRUZ
Av. da Igreja 53-3º Dto. LISBOA

MENÇÕES HONROSAS

GERTRUDES COSTA
Av. de Roma 107-2º E LISBOA

ANTÔNIO MARIA SOUSA E SILVA
Rua Porto Santo 1-2º Dto. AMADORA

2-PREMIO ARQUEOLOGIA

BLIEBERNIGHT LEITÃO
Quinta de S. José SACAVERM

MENÇÕES HONROSAS

GERTRUDES COSTA
Av. de Roma 107-2º E LISBOA

GERTRUDES COSTA
Av. de Roma 107-2º E LISBOA

3-PREMIO MONUMENTOS

JOSÉ CARLOS GONÇALVES DOS SANTOS
Rua do Sol ao Rato 15A P. 5B s/I E LISBOA

MENÇÕES HONROSAS

MANUEL JOSE NASCIMENTO MAGALHÃES
Rua Pedro Escobar 36 1º Dto. PORTO

LUIS MANUEL MARQUES QUINTINO
Rua António Luis Inácio 8-1º Esq. LISBOA

1. As fotografias no formato 18 x 24, reproduções brilhantes, têm de versar um dos três temas:

- A) Arte Popular e Artesanato
- B) Arqueologia
- C) Monumentos

1.1 As fotografias devem indicar obrigatoriamente no verso, além do nome e morada do concorrente, qual o tema a que concorre a fotografia.

1.2 A má classificação do tema fotografado é factor de exclusão da mesma.

1.3 Cada concorrente é obrigado a identificar-se da mesma maneira do princípio ao fim do concurso, de modo a evitar possíveis duplicações de classificação do mesmo concorrente que, em caso algum serão somadas sob o mesmo nome, considerando-se unicamente a identificação a que corresponder o maior número de pontos acumulados.

1.4 As fotografias serão enviadas até ao último dia de cada mês, ficando classificadas por semanas, para a Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, não se devolvendo reproduções.

1.5 As fotografias ficarão propriedade da Torralta, que se lhes quiser dar utilização em anúncios de publicidade só o fará mediante acordo particular com o autor.

2. O júri será formado por membros da Sociedade Nacional de Belas Artes, pertencentes ao corpo de professores do Curso de Formação Artística.

2.1 O júri atribuirá quatro ou cinco prémios e oito ou dez menções honrosas conforme o mês tenha quatro ou cinco semanas.

2.2 O júri poderá não atribuir prémios.

3. O prémio principal de cada tema, em cada semana, é constituído por uma estada completa de 2 dias para duas pessoas nas instalações da Torralta em Tróia ou no Algarve, por escolha do concorrente, e a menção honrosa por almoço ou jantar num dos restaurantes de Tróia, incluindo a viagem de ida e volta de hovercraft.

4. Estabelecer-se-ão quatro classificações, três por tema, e uma geral por concorrentes, soma das pontuações alcançadas nos três temas.

4.1 O mesmo concorrente pode ser classificado num ou vários temas, no mesmo dia.

4.2 Os prémios não podem ser gozados cumulativamente e têm de ser efectivados até três meses depois da data da sua atribuição.

5. Serão atribuídos três prémios finais. Um para o concorrente mais premiado no conjunto dos três temas e que é uma HASSELBLAD com uma objectiva normal. Três prémios iguais para os concorrentes mais pontuados em cada tema e que são três NIKON F equipadas com objectivas MIKKRON.

5.1 Os prémios finais não podem ser acumulados, pelo que, quando um concorrente tiver direito a dois ou mais prémios ser-lhe-á atribuído o de maior valia, atribuindo-se o ou os de menor valia ao 2.º classificado.

6. O concurso tem início na 1.ª semana de Setembro, data em que se começará a recepção de fotografias.

6.1 O primeiro dia de publicação no "Diário de Lisboa" será o último sábado de Setembro.

6.2 A sua duração será de 52 semanas, após o que se efectuará uma exposição de todas as fotografias premiadas em local e data a indicar oportunamente.

TORRALTA

NACIONAL

Teodorakis quer conhecer portugueses da "resistência"



O FESTIVAL DO ALGARVE

O compositor grego Mikis Teodorakis, que acedeu a deslocar-se a Portugal para participar no I Festival Internacional do Algarve, desejando assim celebrar a libertação do povo português e contribuir para uma iniciativa que visa dar nome mundial à província do Sul, manifestou o desejo de se encontrar, na sua passagem por Lisboa, com intelectuais portugueses da resistência. Nesse sentido, os organizadores decidiram promover, em honra daquele intelectual grego, uma reunião no Hotel Tivoli, amanhã, às 19 e 30. Os convites aos escritores, jornalistas e artistas portugueses interessados em conversar com Teodorakis são feitos por intermédio da Imprensa, uma vez que já não há tempo de serem formulados pessoalmente. Os sócios da Sociedade Portuguesa de Escritores, são especialmente convidados.

Teodorakis chegará a Lisboa, vindo de Paris, naquela mesma tarde. Sabe-se que a recepção do Tivoli vão estar presentes o dr. Raul Rego e o dr. Piteira Santos que eram respectivamente ministro da Comunicação Social e director geral da Cultura Popular e Espectáculos quando Teodorakis foi convidado a deslocar-se ao nosso país para estar presente no Festival do Algarve. O artista grego avistará-se, na manhã de segunda-feira com o dr. Mário Soares se este se encontrar em Lisboa e com dirigentes do Partido Socialista, seguindo à tarde para Faro.

JORNALISTAS COM TEODORAKIS

No mesmo avião em que o compositor grego se desloca de Paris, viajam, também, numerosos jornalistas entre os quais se destacam: Mathieu Galley de «Quotidien de Paris»; Christian

Chabanis do «France Catholique»; Fabrice Rouleu, Christiane Jolivet e Sophie Dermolin todos da ORTF; Paul Boucier da France-Presse; Jean-Louis Martinoty da «L'Humanité» e «Humanité-Dimanche»; Colette Godardi de «Le Monde»; Nicole Boulanger de «Le Nouvel Observateur»; François Gorret de «Europe-1»; Henry François Rey de «Le Point» e «L'Unité»; Petrik Ferla da Radio Suisse Romande; e Alberto Oliveiras de «La Vanguardia» de Barcelona; e Christopher Tod de «The Guardian» de Londres. Esperam-se ainda jornalistas alemães, dinamarqueses e suecos, muitos deles convidados pela Direcção-Geral do Turismo e pelo Ministério de Comunicação Social.

Estes jornalistas, juntamente com jornalistas dos principais diários portugueses, da RTP e de estações de rádio, permanecerão no Algarve durante toda a semana do Festival.

O Festival prosseguirá na segunda-feira na praça da Catedral de Faro com um concerto de «Free-Jazz» pelo Saheb Sarbid Quartet; na terça-feira no Hotel da Balaia actuam a violonista e o pianista japoneses Keiko Wataya e Tadashi Kitagawa; na quarta-feira apresenta-se na praça da Catedral de Faro o célebre agrupamento musical «Les Percussions de Strasbourg»; na quinta-feira na praça Marquês de Pombal em Vila Real de Santo António, actuam Bill Coleman e a orquestra de Marc Laferriere; na sexta-feira no Museu de Faro actua a clavecinista Mugette Dreyfus enquanto em Portimão se apresentará a orquestra de Marc Laferriere; esta orquestra dará também um concerto no sábado em Vale de Lobo, ao mesmo tempo que em Portimão se apresentará o grupo teatral «Yes, Nós Temos Bananas»; no domingo o organista Michel Chapuis executará obras inéditas de compositores portugueses na catedral de Faro; finalmente, na segunda-feira o Festival será encerrado com o recital de Mikis Teodorakis, acompanhado pela sua orquestra, pelo coro da Gulbenkian e com a participação do actor Síndico Filipe, na praça da Catedral em Faro.

EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA

Ao mesmo tempo que se inaugura o Festival será aberta ao público no «hall» do Casino de Vilamoura uma grande exposição de Arte Portuguesa Contemporânea, organizada pelo Movimento Democrático de Artistas Plásticos e em que se encontram obras dos seguintes artistas: Alfredo Queiroz Ribeiro; Ana Vieira; António Mendes; António Mira; António Sena; Armindo Teixeira Lopes; Bartolomeu Cid; Charrua; Costa Pinheiro; David Evans; Eduardo Luís; Eduardo Nery; Emerenciano Rodrigues; Emília Nadal; Espiga Pinto; Eurico; Fátima Vaz; Fernando Cruz; Francisco Relógio; Gracinda Candeias;

Guilherme Parente; Henrique Manuel; Henrique Ruivo; Ivone Balette; João Bento d'Almeida; João Moura Coutinho; João Nascimento; José Augusto; José João Brito; José Manuel Romualdo; Julião Sarmento; Júlio Pereira; Júlio Pomar; Lisa Chaves Ferreira; Lourdes Castro; Luísa Correia Pereira; Luísa Nogueira; Man; Manuel Baptista; Manuel Filipe; Maria Gabroel; Maria Noémia Fernandes; Moniz; Nikias Skapinakis; Palolo; Pedro Chorão; Quintino Sebastião; Rogério Amaral; Rogério Ribeiro; Sérgio Pombo; Silvia Chicó; Teresa Cabrita; Teresa Magalhães; Victor Fortes; e Victor Palla.

O PADRE NÃO CHEGOU A LIMPAR O MURO

A população de Golães, aldeia a quatro quilómetros de Fafe, arranhou a última hora um activo elemento interessado em manter limpa a aldeia — o seu pároco. Cartazes com palavras de ordem democráticas, muros escritos com louvores à liberdade, ao amor e ao respeito? Para quê sujar a aldeia com semelhantes inovações? — disse para si o padre.

Vai daí não fez mais nada: esperou a calada da noite e dirigiu-se de balde pincel e

lanterna para o local do crime: o muro onde os proprietários tinham escrito algumas palavras que traduziram os seus anseios de liberdade. O padre foi levado à presença da Guarda Republicana e seguiu depois para o R. I. 8 de Braga.

Conhecido pelas suas posições antidemocráticas, o sacerdote condena agora os que escrevem nas paredes como há anos, excomungou, os que votaram no general Humberto Delgado.

PARTIDO DA DEMOCRACIA CRISTÃ

PORTO — Deslocou-se a Braga, a fim de tratar de assuntos relativos à criação do Partido da Democracia Cristã, naquela cidade, o dr. Rebelo Correia. Teve conferências com diversas pessoas, entre as quais o dr. Ambrósio de Pinan, historiador e professor da Faculdade de Filosofia.

Segundo declarou, das conversações que teve, ficou com a impressão de que o dr. Aldo Moro, chefe do Governo, Italia-

no, se deslocará a Braga, aquando da sua visita a Portugal.

AMORTECEDORES

REPARO E RECONSTRUO TODAS AS MARCAS, COM GARANTIA
MEDES TEL. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)

SALDAMOS

A PARTIR DO DIA 19

VÁRIOS ARTIGOS
A PREÇOS EXCEPCIONAIS

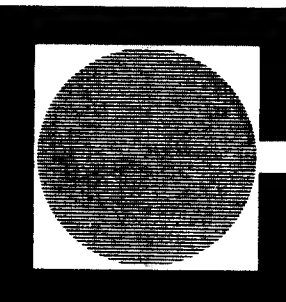
Lavores Femininos

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D

LAVORES

RUA AUREA, 179

visite o
COLÉGIO DOS OLIVAIS



infantário

infantil

primário

ciclo preparatório

ABERTAS
AS INSCRIÇÕES

TELEFOS: 31 66 83 / 31 76 21

PALMA DE MAIORGA

PARTIDAS:
TODOS OS SÁBADOS

Junho	1, 8, 15, 22 e 29
Julho	6, 13, 20 e 27
Agosto	3, 10, 17, 24 e 31
Setembro	7, 14, 21 e 28
Outubro	5 e 12

Preços
excepcionais
desde*

2.750\$

ILHAS CANARIAS

PARTIDAS:
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

Junho	27
Julho	4, 11, 18 e 25
Agosto	1, 8, 15, 22 e 29
Setembro	5, 12, 19 e 26

Preços
excepcionais
desde*

3.300\$

* a vantagem dos voos especiais

RESERVAS E INFORMAÇÕES

abreu

Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 197 • Tel. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Tel. 3 79 21
COMBRIA: Rua de S. João 2 • Tel. 2 70 11 2



TEATRO MONUMENTAL
TELEFONE 555133

Vasco Morgado apresenta

UM SUSEXO EM LISBOA!

ULTIMO FAZDO EM LISBOA

com

BADARO
ALINA VAZ/SANDRA/DAVID SILVA
CARLOS QUEIROZ/CRISTINA CASSOLA
NUNO EMANUEL/ANA LE MATTE

*

BALLET DE
FERNANDO REINA

Colaboração da Estrela Internacional
VIOLETA MONTENEGRO

EL AMERINDIO/BARRY BURGESS

*

o corpo sem censura de
POUPÉE LA ROSE
vedeta do Crazy Horse Salbo de Paris

*

O SHOW RUSSO DE
VAHÉ DJERRAHIAN
em
"DANÇAS E CANTARES DA URSS"

HUMOR, LINDAS MULHERES E MÚSICA NUM
SEXERCÍCIO TEATRAL!

TEXTO E ENCENAÇÃO DE BADARO
MÚSICA DE CORREIA MARTINS
MONTAGEM DE EDUARDO CRUZEIRO
FIGURINOS DE PINTO DE CAMPOS
DIRECÇÃO DE CENA DE SPINA

UM ATREVIMENTO ERÓTICO-MUSICAL

QUASE A ESTREAR!

(VEJA ANÚNCIO 2.ª FEIRA)

MATRÍCULAS

(PRÉ-PRIMÁRIA E 1.ª CLASSE)

HORÁRIO: DAS 9 ÀS 19 HORAS

EXPOSIÇÃO PATENTE ATÉ 15 DE SET.

COLÉGIO SÁ DE MIRANDA

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret. 45310 Direcção 537532

CERAI

Recrudescem os combates no Vietname do Sul

SAIGÃO, 17 — (R) — Travou-se luta a norte desta capital e perto da fronteira cambojana, quase durante toda a noite, após tropas comunistas, apoiadas por tanques de dia, trazerem os blindados para mais perto de Saigão, segundo anunciaram hoje fontes militares.

O comando de Saigão informou ainda que artilheiros comunistas dispararam milhares de granadas contra posições governamentais perto de uma capital distrital, onde se trava luta, situada muito ao norte.

Forças de infantaria e da milícia governamentais estavam a enfrentar um grande ataque desencadeado ontem por tropas norte-vietnamitas a 25 quilómetros ao norte da capital.

A leste, a grande base aérea de Bien Hoa foi novamente atacada com foguetões, mas não se conheceram imediatamente notícias de vítimas ou estragos materiais.

Na luta em terra, logo ao norte de Saigão, o comando disse hoje que foram mortos 55 soldados comunistas e indicou as baixas governamentais como sendo de 13 mortos e 41 feridos.

Enquanto uma grande força comunista atacava uma posição sul-vietnamita próximo da fronteira cambojana, a cerca de 90 quilómetros ao noroeste desta capital, tropas norte-vietnamitas chegaram o mais perto de Saigão desde a ofensiva comunista de 1972.

No norte longínquo, artilheiros comunistas intensificaram os bombardeamentos contra posições governamentais perto da cidade de Duc Duc, na província de Quang Nam, local das mais violentas batalhas da campanha comunista, agora prosseguindo e que já dura há um mês.

Cerca de 2 400 descargas atingiram ontem posições sul-vietnamitas e registaram-se alguns assaltos comunistas por terra — revelou o comando. A intensificação dos bombardeamentos poderia prever novos combates na área, na opinião de círculos militares.

Artilharia de grande alcance dos comunistas, os grandes canhões de 150 mm. foram empregados, ao mesmo tempo, para disparar centenas de granadas contra uma posição governamental perto da capital distrital de Dai Loc, a nordeste de Duc Duc, informou ainda o comando. Indicou as baixas governamentais em toda a área como sendo de cinco mortos e nove feridos. Nada sabia acerca das baixas dos comunistas.

Crê-se que mais unidades governamentais foram enviadas para a região montanhosa de pequenos vales, a sudoeste da cidade de Danang, tentando manter a área, após os violentos ataques de Julho.

Entretanto, fontes militares informaram hoje que um helicóptero governamental atacara, ontem, acidentalmente, uma igreja católica, perto de Saigão, matando seis pessoas e ferindo mais 56.

O helicóptero apoiava tropas sul-vietnamitas no distrito de Tan Uyen, a cerca de 30 quilómetros da capital, onde a acção comunista recrudescera durante a semana passada.

Pensava-se que a igreja fora atingida por foguetões, acrescentaram as mesmas fontes.



Chipre: ruínas de um hospital psiquiátrico que foi bombardeado. Entre a guerra e o cessar-fogo, entre o cessar-fogo e guerra; O destino dos cipriotas gregos e turcos, continua a não ser definido por eles próprios. Azares de uma ilha que tem o azar de estar efectivamente cercada de mar por todos os lados. Mar, e ainda por cima Mediterrâneo e oriental, flanco Sul da NATO, Médio Oriente à vista, etc. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Imprensa peruana: "isto é algo de novo"

CARACAS, 17 — (ANI) — «Defendemos o princípio de uma actividade jornalística com independência total» — declarou o representante peruano à conferência da ONU sobre o direito do mar, Alberto Ruz Eldrege, que também é director dos diários «El Expreso» e «Extra» e membro do Comité Jurídico Inter-Americano.

Ruz Eldrege falou perante trinta jornalistas numa conferência de imprensa especialmente convocada para explicar as causas que determinaram a expropriação de vários diários peruanos, que teve larga repercussão em todo o continente.

O representante do país dos incas salientou que a medida «não foi uma confiscação», acrescentando que foi tudo planeado de forma que se pague aos ex-proprietários dos jornais o valor dos seus bens.

Perante a pergunta sobre se existe efectiva liberdade de imprensa no seu país, o director de «El Expreso» declarou que não existe censura e que se permite a oposição, mantendo-se uma comunicação constante entre o povo e o governo e vice-versa.

Ruz Eldrege afirmou em seguida: «Isto é algo de novo e deve ser considerado como socialização e não estatização. Nas antigas estruturas estava representado o corrupto poder do dinheiro, nas mãos de um pequeno grupo».

Eleições na Inglaterra em Outubro?

LONDRES, 17 — A especulação em torno das próximas eleições gerais voltou a renascer em círculos políticos e jornalísticos de Londres.

A convicção geral é que as próximas eleições gerais se efectuem em 3 ou 10 de Outubro.

O Partido Trabalhista reservou o Central Hall de Westminster por três dias para fins de Novembro, no caso de a conferência anual de Blackpool prevista para fins de Setembro, ter de ser adiada por causa das eleições.

Em fontes trabalhistas foi dito que a medida é só uma prevenção e que os planos para a conferência de Blackpool continuam de pé.

Não obstante, em círculos sindicais assinaram-se que possivelmente o primeiro-ministro Harold Wilson anunciará a campanha eleitoral na primeira semana de Setembro, na reunião anual dos Sindicatos, em Brighton.

Os fundos actuais do Partido Trabalhista destinados a eleições cifram-se em umas 400 mil libras esterlinas, das quais 350 mil libras seriam atribuídas à campanha eleitoral.

Entretanto, segundo uma sondagem Gallup publicada pelo «Daily Telegraph» em caso de eleições agora, 39,5 dos votos iriam para os Trabalhistas (38 por cento em Julho) e 35,5 para os conservadores (35 por cento em Julho) e 21 por cento para os liberais (o mesmo que em Julho). A sondagem mostra igualmente que 44 por cento dos interrogados julgam que Wilson faz bom trabalho, 45 acham que não. Onze por cento não têm opinião; 60 por cento entendem que há razão para o governo proceder a eleições gerais no princípio do próximo Outono.

A PASTORAL DOS BISPOS REPUDIADA PELO M.E.S.

O Movimento da Esquerda Socialista (MES) repudiou em comunicado a posição assumida pelos bispos portugueses na sua pastoral sobre a actual situação política.

O documento, extenso e vigoroso, começa por afirmar que a pastoral é «uma intervenção política de carácter partidário» e acusa:

«Ao abrigo de finalidades ditadas espirituais, a hierarquia católica tem estado quase sempre ao serviço dos poderosos, nas lutas que os explorados e oprimidos têm incansavelmente travado pela sua libertação. Isto mesmo foi particularmente vincado nos 48 anos de fascismo em Portugal, onde só em raras ocasiões se verificaram excepções a esta atitude. É nesta tradição que se insere a presente tomada de posição dos bispos portugueses.»

E mais adiante: «O texto da Pastoral é suficientemente elucidativo. Fala por ele próprio, mostrando de que lado os bispos se colocam.»

«Aqueles que sistematicamente se recusaram a tomar posição perante as injustiças, violências e arbitrariedades do fascismo, que nunca levantaram a voz contra as torturas, as ilegalidades e os assassinatos da PIDE, mostram-se agora preocupados com «os presos por julgar»

(passados 3 meses) e com as «vítimas» do saneamento.

«Os que nunca protestaram contra uma censura brutal, apesar de debitarem longas homilias e pastorais sobre os «meios de comunicação social», vêm agora falar de «manchas» que existem do domínio da Informação.»

«Os que foram altamente cúmplices e até agentes do totalitarismo ideológico no Ensino, que vitimou gerações seguidas, arvoram-se agora em arautos do ensino livre e pluralista.»

E a seguir:

«Tudo isto é bem claro: os bispos antes não falaram, não denunciaram, não se preocuparam, visto que os presos, os oprimidos não eram os seus; as notícias censuradas não eram as suas, nem os livros apreendidos eram os seus; os interesses espezinhados dos trabalhadores não eram os seus; o ensino proibido não era o seu. Agora já começam a falar, porque os presos são dos seus, o seu ensino «livre» está ameaçado de perder privilégios, os interesses de classe que representam correm perigo.»

Insurgindo-se, em seguida, contra certos abusos da administração do Zaire, o presidente declarou que «a escola do partido não é uma simples escola ideológica através da qual devem passar todos os dirigentes a todos os níveis. É uma escola da vida e da vida tal como se vive no Zaire». O presidente, em seguida, fez o elogio da autocrítica

ca «necessária para extirpar progressivamente da sociedade do Zaire certos defeitos nefastos ao seu desenvolvimento».

«O dever do nosso povo, conclui, é acabar a obra que comeci e proceder de forma que no momento em que transmitir o poder ao meu sucessor, tenha a certeza de que a chama não se extinguirá».

CONVERSACÕES COM O PAIGC

Os ministros Mário Soares e Almeida Santos deverão deslocar-se na próxima segunda (ou terça) feira a Argélia a fim de conferenciarem com o P. A. I. G. C. Este

mostra-se altamente empenhado em que os portugueses não retirem já as suas tropas da Guiné-Bissau dada a importância da sua ajuda na construção do seu país.

mostram também que entre nos estas potencialidades são reais.

«No entanto, em Portugal, o alto clero continua a manter o seu poder absoluto, solidamente estruturado numa estreita aliança com o regime fascista, dominando largos extractos do povo, enganando-o e desviando-o da luta pela sua libertação. Numa estreita coligação de interesses os aparelhos repressivos da Igreja e do Estado fascista, foram silenciando ou isolando as tentativas de padres e leigos que lutavam contra a opressão do poder civil e eclesiástico.»

«Os bispos continuam assim solidários com os interesses que já defendiam antes do 25 de Abril. Todo um novo arsenal será para isso necessário, desde um moderno jornal diário até à utilização de variados partidos políticos (não um único, para assegurar o apregoado pluralismo). Um poderoso bastião do laccionarismo e do capitalismo reorganiza-se e passa ao ataque. É este o significado da pastoral dos bispos.»

«É nesta perspectiva que a Pastoral deve ser denunciada e o seu conteúdo combatido. Ao fazê-lo, o MES torna bem claro que não está a opôr-se aos cristãos, mas sim àqueles que, dominando a Igreja, apoiam as classes dominantes do nosso país».

BRASIL

VIAGEM ESPECIAL
AMBIENTE DE CRUZEIRO

Paquete "ANNA NERY"
(CLASSE ÚNICA)

A SAIR: 1 DE OUTUBRO DE 1974

LISBOA - LAS PALMAS RECIFE
SALVADOR - SANTOS - RIO DE JANEIRO

PREÇOS DESDE **8.970\$**

TAXAS INCLUIDAS

abreu
fundada em 1940

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Tel. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Tel. 3 79 21
COMBRA: Rua da Seta, 2 • Tel. 2 70 11/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

JÁ ESTÁ À VENDA

fixe

ESTRANGEIRO

O primeiro-ministro grego rejeitou conversações com o Presidente Ford

ATENAS, 17 (R.) — O primeiro-ministro Constantino Karamanlis rejeitou ontem um convite para travar conversações sobre Chipre em Washington com o presidente Gerald Ford.

Entretanto, quando os gregos engoliam a pílula amarga do facto consumado turco na ilha, Karamanlis e os seus colegas no gabinete voltavam as suas atenções para debelar os estragos económicos causados pela crise.

Os ganhos invisíveis da Grécia, principalmente devido ao turismo, foram severamente atingidos nas últimas semanas e a economia ficou privada de preciosa mão-de-obra com a mobilização de reservistas.

Contudo, agora que Karamanlis reconheceu que a Grécia não pode intervir militarmente em Chipre, os reservistas estão

gradualmente a ser desmobilizados e o estado de prevenção máxima das Forças Armadas foi reduzido para o de preparação avançada.

PLANO ECONÓMICO

O Governo vai anunciar hoje um plano económico que se espera inclua medidas destinadas a evitar uma recessão e a reactivar a economia.

Na frente diplomática, a posição de Karamanlis pareceu ter ficado fortalecida pelas garantias dadas ontem, à noite, pelo presidente Valéry Giscard d'Estaing da França, que prometeu a Grécia o apoio activo e amizade do seu País.

Esse apoio francês parece estar já a concretizar-se. Uma fonte autorizada disse estar a processar-se a entrega de 100 tanques médios AMX-30 e de uma dezena de vedetas navais, equipadas com tubos de lançamentos de mísseis, de fabrico francês, e que a entrega de 50 caças-bombardeiros supersónicos Mirage e ser acelerada.

A seguir à retirada grega da ala militar da NATO, aguarda-se que Karamanlis contrabalance a falta de apoio de defesa da NATO com acordos bilaterais com alguns países.

O ministro jugoslavo dos Negócios Estrangeiros Milos Minic, chegou hoje a Atenas para travar conversações com dirigentes do Governo grego.

Durante a sua permanência nesta capital, Minic entregará ao presidente Phaedon Gizikis uma mensagem especial sobre a crise de Chipre do presidente Tito da Jugoslávia.

MANIFESTAÇÕES

O atestado grego por causa da atitude de Washington quanto à guerra em Chipre transbordou, a noite passada, para as ruas, com manifestações anti-americanas nesta capital, em Salónica e em Heraklion.

Resolução da O.N.U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 17 (UPI-ANI) — O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou por 11 votos a favor, nenhum contra, e três abstenções um projecto de resolução apresentado pela França, no qual se solicita o começo das conversações de Genebra e a retirada de todo o pessoal militar estrangeiro que se encontra em Chipre sem ser ao abrigo de acordos internacionais.

A resolução manifesta ainda o seu repúdio por «acções militares unilaterais» em Chipre, sem as explicitar.



Milhares de estudantes desfilaram nas ruas para protestar contra o que consideram como a pouca vontade norte-americana de refrear a política da Turquia em relação a Chipre.

A indignação do Governo grego por causa do fracasso da NATO e em especial dos Estados Unidos — de impedir a intervenção militar turca em Chipre — foi manifestada no princípio da semana quando foi anunciado que as forças gregas retirariam da Aliança Atlântica.

A sorte das bases militares norte-americanas na Grécia era, porém, ainda incerta. Forças norte-americanas têm bases neste País devido a acordo bilateral mas sob a égide da NATO.

"A ALIANÇA ATLÂNTICA NÃO TEM FUTURO" —segundo a "Pravda"

MOSCOVO, 17 (F. P.) — Segundo a "Pravda", órgão do Partido Comunista Soviético a propósito da saída da Grécia da organização militar da NATO, escreve hoje que a Aliança Atlântica «não tem futuro».

«Ao deixar como fez a França, a organização do bloco, a Grécia confirmou inequivocamente a fé dos objectivos está na baixa enquanto surge inexoravelmente uma convicção, segundo a qual a Aliança Atlântica é um fruto da guerra fria, ponto de atracção das forças agressivas do militarismo e da reacção», escreve ainda a "Pravda".

Entretanto o secretário da Federação Sindical Mundial

(FSM) com sede em Praga, lançou ontem um apelo ao Movimento Sindical Mundial para «exigir a execução da resolução do Conselho de Segurança de 20 de Julho, a retirada de todas as tropas estrangeiras da ilha, assim como verdadeiras garantias de independência e de integridade territorial da República cipriota» anuncia a agência «TASS».

A F. S. M. solidariza-se sem reserva com os trabalhadores de Chipre que lutam pela liquidação das seqüências do golpe de Estado organizado por oficiais gregos e contra a invasão militar estrangeira da ilha», indica a agência Soviética.

"O EXÉRCITO DEVE SER O EXÉRCITO DO POVO"

—disse Papandreu

ATENAS, 17 (F. P.) — Andreas Papandreu afirmou ontem ao chegar ao aeroporto de Atenas, que o Exército deve ser o exército do povo. É preciso que as Forças Armadas saibam que a fonte da força nacional não está nas alianças, mas unicamente no povo.

O antigo deputado grego da oposição, sublinhou que regressa à Grécia para contribuir para a luta do povo e consolidar a soberania popular no sentido do não alinhamento internacional e, no plano interno, no sentido da libertação social, assim como

da renovação cultural.

Papandreu acusou mais adiante os Estados Unidos de cinismo na crise cipriota nascida de um lado cuidadosamente arquitectado tendente à partilha da ilha para a maior vantagem dos interesses estratégicos estrangeiros.

A dependência da Grécia relativamente aos Estados Unidos e à NATO conduz à partilha de Cípride. Acentuou ainda Andreas Papandreu que, em conclusão, condenou o capitalismo estrangeiro que vendeu a nossa pátria aos Estados Unidos e à Europa Ocidental.

CASTANHEIRA DE PÊRA



AURÉLIO JOAQUIM TOMÁS

FALECEU

Aurea da Costa Tomás é seu marido, Alcides do Nascimento, Santos Coelho, Alcides Tomás Coelho e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã às 13 horas, da Igreja S. João de Deus, Capela F, para jazigo no Cemitério de Castanheira de Pêra.

A FUNERÁRIA DE MOSCAVIDE
R. Almirante Gago Coutinho, 15-A — Telef. 2519157

A "Linha Átila" isola os cipriotas gregos do Norte da Ilha

NICÓSIA, 17 (R) — O Exército turco invasor concluiu ontem o estabelecimento da denominada «Linha Átila» que se estende por cerca de 95 quilómetros da importante cidade portuária de Famagusta, no Leste, até Morfu, no Noroeste, isolando os cipriotas gregos do Norte da ilha.

A despeito de receios da comunidade cipriota grega da ilha de que os turcos poderão ter ainda mais ambições em Chipre, a maioria dos observadores bem informados era de opinião de que a luta tinha terminado, pelo menos por enquanto.

Apesar do cessar-fogo, que entrou em vigor às 17 horas de ontem, continuava a observar-se o recolher obrigatório, embora alguns civis fossem vistos a circular na estrada entre Nicósia e o sul, durante a noite.

Tiroteios esporádicos ecoaram à volta desta capital, ao alvorecer de hoje, mas a nova trégua em Chipre parece estar ainda a manter-se geralmente.

A oeste de Nicósia, nuvens de fumo podiam ser vistas a elevar-se do que pareciam ser explosões. Registou-se uma rajada de disparos de carabina sem recuo através da linha verde, que separa as comunidades cipriota e turca nesta cidade.

Automóveis começavam a aparecer nas auto-estradas à volta de Nicósia e havia indicações de que a vida estava lentamente a regressar à normalidade.

Transportes blindados de pessoal nas Nações Unidas, arvorando a bandeira azul da O.N.U., percorriam a cidade em patrulha.

Não se registaram até ao começo da manhã notícias de violações sérias em toda a ilha.

Se o cessar-fogo se mantiver, um dos problemas que terá primeiro de ser tratado é o dos refugiados.

Um cálculo da Cruz Vermelha indica que cem mil cipriotas gregos fugiram do terço da ilha

conquistado pelos soldados turcos. Os refugiados incluem cerca de 25 mil de Famagusta, a leste, e quase 24 mil de Kyrenia, ao norte. Muitos dos refugiados de Famagusta e de outras áreas estão acampados na área da base britânica de Dhekelia.

Os números da minoria cipriota turca são bastante inferiores, mas muitos dos refugiados encontram-se em enclaves espalhados pela parte da ilha ainda controlada pelos cipriotas gregos. Cerca de seis mil estão acampados na praia do Vale da Felicidade, na área da base britânica de Episkopi, a sudoeste.

O custo da guerra em vidas humanas tem ainda de ser avaliado, embora observadores penssem que houve muitas centenas de vítimas entre os cipriotas.

A força de manutenção de paz da O.N.U. na ilha sofreu também baixas: três austríacos e dois dinamarqueses mortos e várias dezenas de outros soldados feridos.

Para os cipriotas gregos, a perda do porto de Famagusta

e do popular centro de turismo de Kyrenia, ao Norte, onde os turcos desembarcaram pela primeira vez, em 20 de Julho, foi um golpe especialmente amargo.

A economia cipriota foi duramente afectada pelos acontecimentos no mês passado — o golpe de Estado de 15 de Julho, que depôs o presidente Makarios, seguido pela invasão turca e pela guerra. Com tudo isso, a importante indústria de turismo sofreu perdas enormes.

Agora, o Governo turco afirma estar pronto para recomençar em Genebra conversações sobre o futuro de Chipre, mas observadores políticos de Nicósia julgam improvável que Atenas desista de regressar tão cedo à mesa de negociações, após a vitoriosa operação militar da Turquia na ilha.

Assim, somente quando a Grécia e a Turquia reatarem um diálogo válido podem os cipriotas, tanto gregos como turcos, acalantar esperanças quanto ao futuro pacífico da ilha.

CURSOS DE FÉRIAS

EXAMES DE 2.ª EPOCA

PREPARATÓRIO — LICEAL — COMERCIAL
ADM. INSTITUTOS

ADM. UNIVERSIDADE — EXAMES «AD HOC»

INTERNATOS

São Vicente

Rua 1.ª de Maio, 8
Tel. 848864 5

Marquês de Pombal • Álvares Cabral

Rua Morais Soares, 93 — Avenida Grego Vasco, 1
Tel. 82 02 21 83 46 58 — Benfica — Tel. 706974 5

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA 1974/75

GALVÃO DE MELO AO "TEMPO NOVO"

A SOBREVIVÊNCIA NACIONAL
EXIGE O FUNCIONAMENTO
DUM SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

O general Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, concedeu ao jornal «Tempo Novo» uma longa entrevista que, com a devida vénia, reproduzimos seguidamente. O jornal, dito «semanário de informação independente», publica-se em Lisboa desde Julho passado, sob a direcção de José Hipólito Raposo, e incluiu a entrevista no seu n.º 4 de ontem com o título «Comunismo e Fascismo são muito parecidos».

Ainda uma precisão: o chefe de redacção de «Tempo Novo» é Manuel Gama, oriundo do extinto «Observador», e da redacção fazem parte outros três antigos elementos do desaparecido mensário da Verbo — Francisco Ribeiro Soares, Francisco Sequeiros e Magalhães Monteiro. Ribeiro Soares e Sequeiros estavam no «Observador» à data da cessação da publicação, Magalhães Monteiro tinha saído, entretanto, para o «Notícias da Beira», de onde transitou agora para o «Tempo Novo».

É tempo, porém, de passarmos à entrevista. Ei-la, integral, dado o seu indelével interesse no momento, pois através dela se fica a conhecer mais profundamente o pensamento que orienta aquela discutida figura da Junta de Salvação Nacional

«Seria uma traição produzir, deliberadamente, condições que fatalmente iriam atirar, umas contra outras, as múltiplas etnias africanas que, na Guiné, em Angola ou Moçambique, de modo algum estão de acordo entre si.»

Estas são as palavras do general Carlos Galvão de Melo, em resposta a uma pergunta de «TN» durante a entrevista que nos concedeu. Quem é Galvão de Melo? Membro da Junta de Salvação Nacional, não é ali o mais novo, embora pareça. Nasceu há 52 anos na Figueira da Foz. Classificou-se em primeiro lugar numa escola americana de aviação a jacto. Foi aprovado por distinção no Curso do Estado-Maior. Firou o «brevet» de caças, de quadrimotores, «jactos», helicópteros, planadores. É pára-quedista, tendo participado em missões de combate. Mas é também um homem tranquilo, que tem como «hobby» o hipismo (todas as qualificações internacionais) e a música. É um dos homens sem sono, do 25 de Abril. É um homem sem medo, igualmente. Que não receia as perguntas do repórter.

TN — Pouco tempo terá, decerto, para ouvir Rádio. Talvez não saiba, portanto, que nas últimas horas, a pretexto dos incidentes na Penitenciária de Lisboa foi dos homens mais falados (e atacados) na Informação. Qual foi, afinal, a sua intervenção no incidente?

GM — Segunda-feira, antes das 7 da manhã, apareceu-me em casa, em Cascais, o sr. 1.º tenente da Marinha Lima Santos, informando-me com evidente preocupação que os presos da Penitenciária (ex-funcionários da ex-DGS) tinham apanhado a chave a um dos guardas e se encontravam amotinados, isto já desde a véspera. Os srs. comandantes Conceição e Silva e Serra pediam, urgentemente, a minha intervenção. Embora me não dissesse respeito directamente a ordem dentro destas ou quaisquer outras prisões (por serem civis pertencem ao Ministério da Justiça) acedi ao pedido que me era feito com tanta veemência. Dirigi-me a Lisboa e instalei-me no Comando da 1.ª Região Aérea tendo pedido a comparencia do sr. comandante Conceição e Silva e do sr. tenente Rosa. Uma vez posto ao corrente do que se estava passando, mandei que me fossem enviados representantes dos presos, o que aconteceu de seguida. Uma vez na minha presença, o grupo de presos voluntária e imediatamente me entregou a chave da prisão de que se haviam apoderado. A seguir, expressaram as razões que os haviam levado a adoptar a atitude de insubordinação, as quais podem resumir-se em três pontos fundamentais: estavam presos há mais de três meses sem terem sido ainda julgados; a má alimentação; o facto de as suas famílias não

terem sido dados quaisquer meios de subsistência. O incidente foi facilmente resolvido.

«UM HOMEM MORRERA»

O repórter tinha ainda dúvidas, no entanto. Um homem morrera, durante a tarde de domingo, na Penitenciária. Era um funcionário da ex-DGS, a quem atribuíam funções burocráticas no serviço de fronteiras. Saira da Penitenciária envolto na Bandeira Nacional, última homenagem dos seus camaradas, que se propunham igualmente, não obstante conhecerem o clima hostil desencadeado na cidade, acompanharem-no até à sepultura.

Continuamos, portanto, a perguntar:

TN — Sabe-se que um dos presos apareceu morto. E até houve quem levantasse a hipótese da morte ter sido consequência dos maus tratos. Tem qualquer fundamento esta acusação?

O general Galvão de Melo é categórico:

Essa acusação não tem qualquer fundamento. Nenhum dos prisioneiros que veio à minha presença se queixou de maus tratos e o próprio irmão da vítima, que falou comigo na segunda-feira, me disse que ele sofria do coração há bastante tempo. Naturalmente que os três meses de prisão, se não foram causa directa da morte, não ajudaram também a melhorar-lhe a saúde.

Falámos abertamente ao general Galvão de Melo da agitação provocada em torno do incidente. Como se sabe, os partidos das «esquerdas» e comissões de ex-presos políticos fizeram numerosos comunicados, manifestando a sua preocupação quanto ao desenrolar do caso. Houve populares que chegaram a sincronizar gritos hostis a Galvão de Melo, quando só uns poucos sabiam que estava nas suas mãos a condução do incidente. O que pensaria o nosso interlocutor destas atitudes?

GM — É evidente que toda esta agitação nada tem a ver com o povo de Portugal nem é espontânea. Ela é, como agora usa dizer-se, orquestrada por pessoas que não estão interessadas em que se esclareça a situação actual da ex-DGS.

TN — O senhor general referiu há pouco que um dos pedidos apresentados pelos presos da Penitenciária seria o de justiça rápida, pois queixavam-se de que há três meses aguardavam julgamento.

GM — Devo dizer-lhe que peguei neste assunto há muito pouco tempo, já depois da saída do sr. almirante Rosa Coutinho para Angola e eu próprio fiquei muito surpreendido quando verifiquei que nada se havia feito de concreto com a finalidade de justamente avaliar quais os não culpados e quais os culpados e, dentre estes, o

diferente grau de responsabilidades. É esta a tarefa que me foi agora cometida pela Junta de Salvação Nacional.

SOBREVIVÊNCIA NACIONAL

Falávamos de presos. E ocorreu-nos igualmente saber qual seria a situação dos elementos implicados no assalto a uma tipografia,

grave é não possuir qualquer serviço de informações que dispor de um semelhante ao que desapareceu agora.

TN — Mas então é de opinião que a ex-DGS deve ser substituída por outro serviço com finalidade idêntica?

GM — Sem dúvida. E acho até atentatório da soberania nacional não estar já um serviço de informações em pleno funcionamento.

reflexos. Houve por exemplo uma afirmação do senhor general, relacionada com a existência dos partidos, que aqui provocou viva controvérsia.

GM — De facto, referi, por mais de uma vez, durante a minha permanência no Brasil, que os partidos ainda não tinham entre nós existência legal. E é verdade. Quer o Programa do Movimento das Forças Armadas quer alguns discursos

do em 25 de Abril, era de facto um regime fascista, é evidente que não sou fascista. Porque:

— Nunca aceitei cargos políticos para que algumas vezes fui convidado e até com certa insistência.

— Guardo desse tempo mais dias de prisão do que condecorações.

— Havia oito anos que deixara as Forças Armadas, voluntariamente, por não achar digno ascender ao posto de general dentro dos condicionalismos existentes.

— Fui convidado pelo Movimento das Forças Armadas para desempenhar parte activa no movimento revolucionário de 25 de Abril, ao qual devo, e só a ele, as estrelas de general que, desta vez, aceitei usar.

É evidente que este perfil não é o de um fascista. Também, naturalmente, não sou comunista. Para mim, fascismo e comunismo são muito parecidos diferindo apenas por que o fascismo é de âmbito nacional enquanto o comunismo em caso algum se pode confinar às fronteiras de um país.

«NÃO PRECIPITAR A DESCOLONIZAÇÃO»

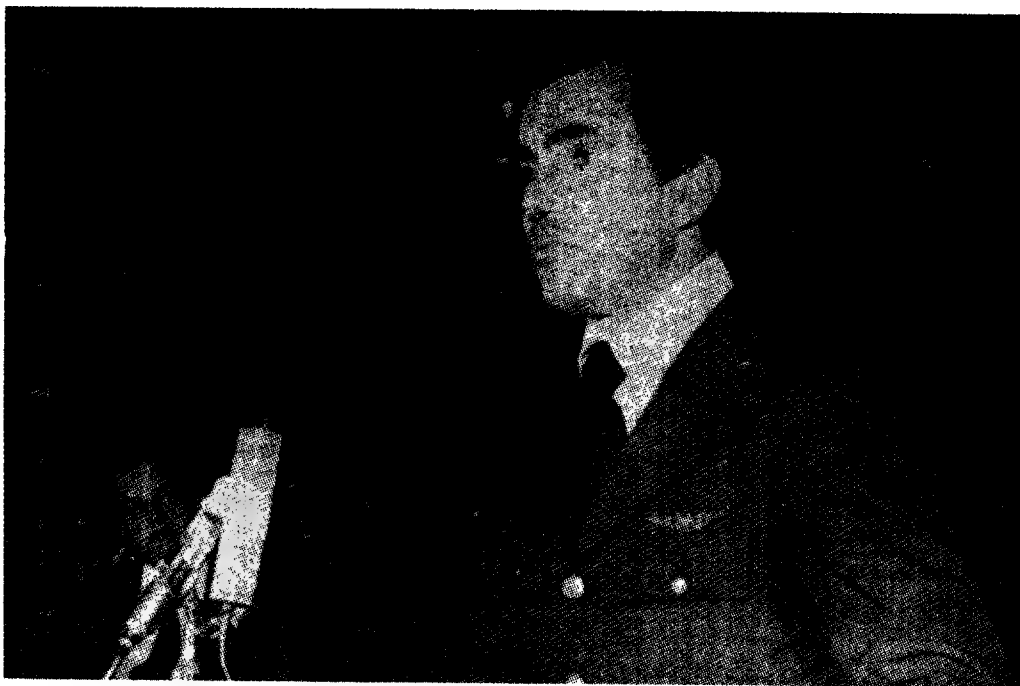
Todos sabemos, ou deveríamos saber, o que está a passar-se no Ultramar. As notícias que chegam de Angola e de Moçambique, principalmente, não obstante o afã com que certos meios informativos pretendem minimizar-lhes o grave significado, são de molde a preocupar os portugueses. Por isso, fizemos ao general Galvão de Melo a última pergunta:

TN — A que pressões Portugal teria sido sujeito para acelerar um processo de descolonização que em certos casos, concretamente em relação a Angola, não merece o acordo das populações directamente interessadas?

GM — Um ponto é certo. Os actuais responsáveis pela política portuguesa estão absolutamente decididos a cumprir de acordo com o conceito já expresso de autodeterminação: quer no Portugal europeu quer no Portugal africano. Contudo, a mais elementar regra de bom senso aconselha a não precipitar o processo de descolonização seja ele qual for. De facto, seria uma traição produzir, deliberadamente, condições que fatalmente iriam atirar, umas contra outras, as múltiplas etnias africanas, que quer na Guiné, quer em Angola, quer em Moçambique, de modo algum estão de acordo entre si. E não devemos esquecer que, se as independências em outros territórios africanos começaram, com muita frequência, por carnificinas que ninguém pode desejar, no caso português, a proceder-se a uma descolonização apressada, esses começos poderiam ser mais terríveis, uma vez que todas as etnias dispõem de verdadeiras soldadas com 14 anos de experiência. Assim, insisto naquilo que já em algumas reuniões tive a oportunidade de afirmar: uma vez definido o conceito de autodeterminação é necessário saber-se quais são os interlocutores representativos: acordar sobre as regras do diálogo e, então, planificar e iniciar uma descolonização sensata e digna. Pelas impressões que me foi possível trocar com o secretário-geral das Nações Unidas, sr. Kurt Waldheim, após o jantar oferecido no Ministério dos Negócios Estrangeiros, julgo poder afirmar que o seu pensamento é muito semelhante ao que acima expressei.

Infelizmente, tanto no exterior como no interior do País, certas pessoas menos pacientes, ou defendendo interesses menos claros, têm tentado precipitar o que — repito — deve ser feito com dignidade.

(N.B. — Os subtítulos são da responsabilidade da Redacção do «DL».)



com roubo de cartazes anticomunistas, a que TN fizera oportuna referência.

TN — Sabemos terem sido recentemente soltos três indivíduos implicados no assalto a uma tipografia. Tem o senhor general conhecimento deste caso?

GM — Fui eu próprio que autorizei a sua libertação, embora condicional, mas as investigações desse insólito caso continuam.

TN — Em título, um jornal diário de Lisboa sugeria que os assaltantes se haviam intitulado «elementos das Forças Armadas» dando aos seus leitores a ideia de que poderia tratar-se de uma falsa identidade. No entanto, o comunicado oficial referia concretamente a existência de dois oficiais da Marinha. Qual a sua situação?

GM — Estes dois oficiais estão detidos numa unidade da Armada onde, por ordem do sr. almirante Azevedo Pinheiro, chefe do Estado-Maior Naval, estão a ser ouvidos em auto de averiguações. Só depois de concluídas estas poderei, com certeza e justiça, dizer se de facto tomaram ou não parte no assalto à tipografia.

TN — Ainda a propósito da extinta DGS e do seu desmantelamento com que decerto o senhor general concordou não precisará o País de qualquer serviço que substitua as funções de coordenação de informações atribuídas anteriormente àquele organismo?

GM — É evidente que concordei com o desmantelamento da ex-DGS pois sempre condenei a sua existência. Mas condenei não enquanto serviço de informações de nível nacional. Condenei-a, sim, por duas razões: uma, era o mesmo organismo reunir em si a autoridade para investigar, prender, julgar e punir; outra, a utilização que, cremos, frequentemente se lhe deu para se alcançarem objectivos que duvido pudessem classificar-se de interesse nacional.

Contudo, é minha obrigação esclarecer que, de um ponto de vista de sobrevivência nacional, mais

Um serviço de informações, porém, que tenha por objectivo único o interesse nacional. Um serviço de informações completamente alheio ao acto de julgar e condenar. Não conheço nenhum Estado independente no Mundo que não disponha de um serviço nessas condições, nem acredito que no mundo actual tenha vida longa uma nação que experimente sobreviver sem ele.

IMPrensa

A Imprensa, a rádio e televisão brasileiras trataram o general Galvão de Melo com simpatia que não esmoreceu nem sequer na hora da verdade, que é a das «conferências de Imprensa» quando os repórteres fazem livremente todas as perguntas, mesmo as mais embaraçosas. Em Portugal, porém, certa Imprensa parece não ter sido sensível à simplicidade evidente e ao jeito democrático com que o general Galvão de Melo sempre se dispôs a receber os jornalistas. Quais os motivos desta aparente incompatibilidade?

GM — Julgo que hoje em dia já ninguém tem dúvidas sobre o que penso de alguns órgãos da Informação em Portugal. Acentua-se a minha opinião de que, na generalidade, corresponderam mal à decisão expressa no Programa das Forças Armadas de acabar com a Censura. Em minha opinião nada há de mais atentatório da dignidade humana do que proibir a livre expressão das ideias próprias. Contudo, o ajustamento sistemático de noticiários a interesses partidários é tão atentatório da mesma dignidade humana como a censura que atrás condenei.

PARTIDOS

TN — Quando da sua deslocação oficial ao Brasil — a primeira que um representante de Portugal fazia ao estrangeiro depois do 25 de Abril, verificámos que o significado da visita mereceu lá a maior repercussão, enquanto aqui tentaram omitir-lhe os principais

dos do senhor Presidente da República, nomeadamente o da tomada de posse, referem os condicionalismos em que as correntes ideológicas poderão vir a transformar-se em partidos. No sentido de esclarecer exactamente o que disse no Brasil, vou citar-lhe a passagem onde abordei este assunto durante a conferência proferida no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: «Se fizemos a revolução sob o signo da liberdade; se com actos já começamos a pôr em prática essa mesma liberdade onde antes ela não existia, porque não, desde já, eleições livres? Porque não, desde já, entregar a governação ao partido vencedor? É muito simples. As Forças Armadas não têm em mente entregar o Povo de Portugal a um partido vencedor. Isso seria salvar os portugueses de uma sujeição para os entregar a outra sujeição. Por enquanto as Forças Armadas nem sequer reconhecem a existência de partidos. E aqueles grupos que, a si próprios, apelidam de partidos, fazem-no por conta própria. (...) Assim, as diferentes correntes ideológicas hão-de, primeiro, demonstrar que têm aceitação entre portugueses e significado representativo para se constituírem em partidos políticos.»

«COMUNISMO E FASCISMO SÃO PARECIDOS»

TN — As intervenções do senhor general Galvão de Melo na RTP provocaram acesos comentários. E diametralmente opostos. Sabemos que enquanto grande parte do País manifestou, por milhares de assinaturas firmadas em telegramas, cartas e mensagens, a sua adesão às afirmações feitas, certos grupos não deixaram de se insurgir contra elas com significativa intolância, a ponto de o considerarem fascista. Qual é, afinal, a posição política do general Galvão de Melo?

GM — Não vou dizer-lhe exactamente o que sou. Mas vou dizer-lhe, exactamente, o que não sou. Se o regime anterior, derruba-

GERAL

COOPERATIVISMO E CORPORATIVISMO

Continuação da pág. 3

A este respeito ocorrem várias perguntas:

Que será mais fácil, dirigir grandes ou pequenas Cooperativas?

Dispõe-se de associados (umélite, de certo) com a devida formação e capacidade de gestão para dirigir grandes associações Cooperativas?

Como se renovam, nessas grandes Cooperativas, os quadros dirigentes? Não se registará a tendência para se reconduzirem sistematicamente as Direcções?

Na falta de elementos devidamente treinados, o que só o exercício do cooperativismo em pequenas associações poderá facultar, não se verificará a tendência de escolher, para cargos directivos, os grandes empresários, os mais abastados, os «diplomados», que

sempre serão pessoas de representação?

E os dirigentes eleitos serão escolhidos por serem associados ou não haverá muitos casos em que são «associados» para serem escolhidos?

Dê-se *dimensão humana* às Cooperativas do 1.º grau, de base, pois são, ou devem ser fundamentalmente, associação de pessoas que se devem conhecer umas às outras, que devem encontrar-se com frequência, que devem manter entre si relações de afectividade, que se tratam pelos nomes, que se zanguem quando haja motivos para isso, mas que também se abracem quando se reconciliem.

Para as pequenas associações não há dirigentes?

Porque se insultam assim os pequenos e médios agricultores? Então, entre eles, não se encontram elementos com ca-

pacidade para dirigir, e bem, ao menos as pequenas associações?

E aceita-se uma tal atitude para justificar as grandes Cooperativas? Associações onde os *pequenos* não têm voz, em que a voz é só de uns tantos que açambarcam os lugares de direcção para aí dizerem: daqui não saímos porque vocês são incompetentes.

As Direcções das Cooperativas não podem estar à espera de *gênios*. Devem ser entregues aos associados que, entre todos (e para isso têm de se conhecer bem) se revelarem como mais aptos e a quem se proporciona, assim, o treino que só o exercício dos cargos assegura. Deste modo, nas pequenas associações se revelarão os verdadeiramente competentes para dirigir até as grandes associações.

Não se nasce campeão, mas apenas com aptidão para o ser. E quantos têm aptidão e nunca se chegam a revelar? Só o treino revela e faz os campeões.

Falta de espírito Cooperativo, também se diz e até é verdade. Realidade tão válida para as pequenas como para as grandes Cooperativas.

A diferença estará em que naquelas, nas pequenas Cooperativas, se poderá formar tal espírito, enquanto nestas, nas grandes Cooperativas, assim se poderá deduzir, desde logo o mesmo se dispensa.

Não se procure, porém, confundir direcções com gerências. São funções distintas e nada impede que sejam desempenhadas por pessoas também distintas. Por isso, se a dimensão da empresa e a natureza das suas actividades o exigirem, como muito provavelmente sucederá nas Cooperativas de 2.º e 3.º grau (União e Federações), a gerência terá de ser entregue a quem possuir habilitações para tal, mas sem quebra de competência das respectivas direcções.

Como resumo das considerações feitas, sugerem-se algumas medidas destinadas a conferir ao associativismo agrícola o necessário grau de autenticidade, única forma de poder constituir o alicerce de uma renovada agricultura:

1 - afastar dos lugares de direcção e gerência elementos declaradamente afectos ao corporativismo, o que é fácil de detectar, até porque deste também são (ou foram) dirigentes ou dele receberam intencional protecção;

2 - eliminar dos estatutos, que tal mencionam disposições flagrantemente antidemocráticas, como sejam as Assembleias Gerais por dele-

gação;

3 - assegurar dimensão humana (número não muito elevado de sócios e residentes próximos) às Cooperativas de 1.º grau que se constituam, até porque são elas as mais autênticas escolas de formação de cooperadores e de dirigentes;

4 - dinamizar as Cooperativas de 1.º grau, de maneira a que se interessem sobretudo por aspectos ligados directamente à produção, uma vez que esta é essencial e os referentes à transformação e à comercialização competem às de 2.º e 3.º grau (União e Federações);

5 - promover, nos casos em que percentagem significativa da produção esteja cooperativizada, a formação das correspondentes União e, quando estas existam e igualmente se justifique, as respectivas Federações;

6 - promover o desdobramento das grandes Cooperativas (muitos sócios; grande área) em pequenas associações do 1.º grau, integrando-as em uniões.

O saneamento não deve abranger apenas as pessoas. Terá de abranger também os princípios, os hábitos, os vícios. Caso contrário, vão-se aqueles, mas ficam estes.

O desmantelamento das estruturas fascistas não deve abranger apenas aquelas que ostentavam o respectivo rótulo. Terá de abranger também as que se ocultam em rótulo diferente.

Não foram referidas «reformas de fundo», mas não deixariam de ser fundamentais.

EM PAÇO DE ARCOS NÃO SE PODE DORMIR

É provável que haja quem, habituado ao longo silêncio da imprensa durante os cinquenta anos passados (da imprensa falada ou escrita), e diante de títulos como o desta nota, logo desabafe: «Que exagero! Estes tipos agora não fazem outra coisa que descobrir mazelas na cabeça de um tinholo!»

Não se trata de especular por especular. Trata-se de dar conta de um facto: em Paço de Arcos, torna-se difícil conciliar o sono. Outro dia registámos desde a nossa varanda, não há nada como a experiência dos factos —, numa banda magnética que deixáremos à disposição de quem se interesse pelo assunto, entre a 1 hora e as 2 da manhã, uma sincronia de ruídos que podemos cifrar nestes números: trinta e dois grandes ruídos (gritos na rua, ladrar intenso de cães, bater violento de portas de carro e de entrada de prédios, chamamentos da rua para as janelas mais altas ou vice-versa e, sobretudo, o roncar de motores de motocicletas ou de motos); e cerca de cem ruídos menores (música de gira-discos ou rádios desde o interior das casas ou de automóveis estacionados, miar de gatos, conversas em plena rua, o arpejo de um violão, a picareta de um trabalhador da Câmara Municipal abrindo mais um buraco numa artéria próxima em busca não se sabe de que avaria nas condutas de água ou luz, chiar de travões, etc., etc., etc.).

Claro que nós não temos na-

da contra as conversas em plena rua, contra os aprendizes de violão ou de instrumentos semelhantes, contra o choro dos bebés, contra o miar dos gatos. Mas achamos que deixar que se façam competições de motocicletas (com escape livre) à uma e às duas da madrugada; que indivíduos menos responsáveis resolvam lançar o grito de guerra dos «Sioux» quando nos preparamos para conciliar o sono, despertando crianças e adultos; que se zangateie na rua alta madrugada, — não é, de modo nenhum, uma boa forma de alimentar o respeito pelos direitos comuns. Tanto quanto sabemos, há polícia de serviço, noite adentro, em Paço de Arcos. E tanto quanto sabemos, nunca a vimos intervir em casos como os apontados. Pergunta-se: não existe uma lei que proíba os escapes livres? Não há posturas camarárias que não permitam a vozeria a altas horas da noite?

No entanto, acreditamos sinceramente, que o remédio para estas coisas não está apenas na intervenção legal. Está, sobretudo, na consciência das pessoas. O que se passa em Paço de Arcos não é singular. Daí que uma vigorosa campanha anti-ruído, compenetrando o cidadão de que o mal que produz hoje para os outros acabará por atingi-lo mais tarde ou mais cedo, talvez resulte. Embora as medidas a tomar estejam muito para além duma simples campanha de mero civismo.



TERMAS de CALDELAS

FAMOSAS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS INTESTINAIS

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
GRANDE HOTEL DE CALDELAS

Beneficiários da A. D. S. terão direito ao desconto de 10 % nas inscrições e tratamentos, no mês de Junho e de 25 de Setembro a 10 de Outubro.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

AVISO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Sesimbra faz público que se recebem pedidos para Um Agente Técnico de Engenharia para os Serviços Técnicos de Obras desta Câmara Municipal, em regime de mera prestação de serviços em tempo inteiro ou parcial, conforme contrato a estabelecer.

Os concorrentes devem dirigir-se à Secretaria desta Câmara Municipal onde serão prestados todos os esclarecimentos necessários sobre o assunto durante as horas normais de expediente.

Sesimbra, 13 de Agosto de 1974

O Presidente da Comissão Administrativa,

Aurélio de Sousa

ANDARES

A 6 Km de LISBOA, numa atmosfera limpa e saudável encontrará:

MAGNÍFICOS ANDARES para HABITAÇÃO OU RENDIMENTO

Arrecadações na cave e Antena Colectiva de T.V.

BONS ACABAMENTOS COM ELEVADO NÍVEL TÉCNICO
O melhor local de Loures, junto ao Colégio Secundário e de Campo de Futebol.

PRAÇA TIMOR, LOTE 3 e 23 — AREEIRA

LOURES

SOC. CONST. ESPIRITO SANTO & C.ª, LD.ª — 68 35 99 - 68 98 14



POLINVESTE

DÁ-LHE A OPORTUNIDADE DE CONTRIBUIR ECONOMICAMENTE PARA UM PORTUGAL NOVO MULTIPLIQUE O SEU CAPITAL INVESTINDO NO TURISMO NACIONAL E ATRAVÉS DE

algarve

POLINVESTE — SOC. PROM. DE INVESTIMENTOS, S.A.R.L.

PORTO — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78-2.º
Telefone 694323

LISBOA — Rua Morais Soares, 155-1.º, Dt.º

SINDICATO DOS OPERÁRIOS DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS DO NORTE

CONVOCATORIA

Convocam-se todos os operários, sócios ou contribuintes, para uma ASSEMBLEIA GERAL a realizar no próximo Domingo (dia 18) pelas 16 horas no Pavilhão do Académico — Rua Costa Cabral — com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informação sobre a actividade Sindical
 - a) Comunicação da Comissão Directiva aos Operários Químicos
 - b) Apresentação do Projecto de Contrato Colectivo de Trabalho
2. Regulamento eleitoral

As entradas serão rigorosamente controladas. Por isso, os operários devem trazer o seu Cartão Sindical; se o não tiverem devem trazer o recibo de pagamento de salário e um cartão que comprove a sua identidade.

Porto, 14 de Agosto de 1974

A COMISSÃO DIRECTIVA

Fernando Pinto

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

Maternidade

Dr. Alfredo da Costa

LISBOA

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO
N.º 5/74

PARA O FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA A VAPOR PARA A LAVANDARIA DA MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

Faz-se público que na Maternidade Dr. Alfredo da Costa se encontra aberto o concurso público em epígrafe.

O respectivo caderno de encargos está patente nos Serviços Gerais e Económicos todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

O depósito provisório de 7 500\$00 e deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo anexo ao caderno de encargos.

As propostas, acompanhadas dos demais documentos, legalmente exigidos, serão aceites nos mesmos serviços até às 17 horas do dia 9 de Setembro próximo, realizando-se a sua abertura, publicamente, às 15 horas do dia seguinte, no Anfiteatro da Maternidade.

Lisboa, 13 de Agosto de 1974.

Pelo Director
O Chefe dos Serviços Gerais e Económicos

Carlos Brandão de Almeida

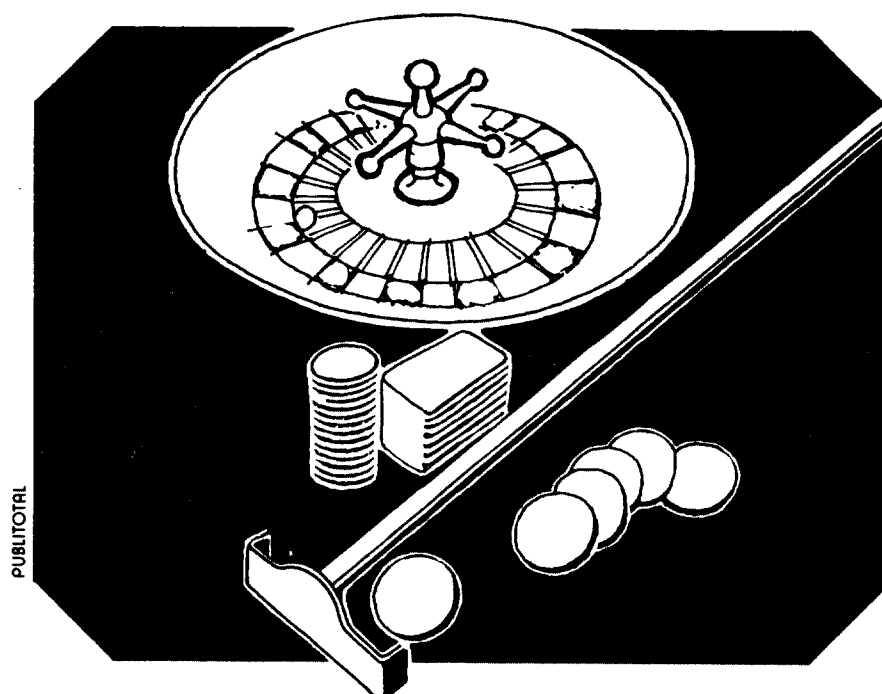
O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Ferreira, «Tabacaria da Estação de Oeiras»
OEIRAS



ALVOR
night · club 666

CASINO DE alvor

CASINO DE vilamoura



descubra a sua sorte nos casinos do Algarve





D. Maria Emília Lobo de Carvalho

FALECEU

Sua filha, genro, Neta e restante família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar à sua Divina presença a sua querida Mãe, Sogra, Avó e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus, Capela E, para o cemitério do Alto de S. João.

Hoje, às 18 horas, será celebrada missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA «ALTO PINA»
Telefs. 838687 - 821553 - 721467 - P. P. C.



Pedro Victorino de Castro Avelar Froes

Sua mãe, seu pai e seus irmãos, mandam rezar missa do 7.º Dia na Igreja de Santos-o-Velho, pelas 19,30 horas do dia 19.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef 534167

CICLISMO

VOLTA A PORTUGAL

Domingo no Autódromo chegada da 37.ª etapa, com 5 voltas à pista (às 12 h.).

Chegada do contra-relógio de populares, (a partir das 8,30 h.).

Festival de pára-quedismo (a partir das 10 h.).

PREÇOS POPULARES

Bilhetes à venda na A. B. E. P. e no Autódromo a partir das 8 h.

DESPORTOS

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pausa para meditação

Vale a pena aferir neste momento o que é a Volta a Portugal em Bicicleta: um carrossel gigantesco empunhando bandeira mais ou menos das cores de alguns clubes e a partir daí (e também) vagamente pelo entusiasmo, pela prevaricação de alguns clubes através de alguns atletas

O leitor sabe perfeitamente como se processaram as coisas. Ontem a brincar fomos a um lado qualquer, saímos dali para ir a outro lado. Andamos de pulinho em pulinho. E tudo isto se concretiza nos quinze segundos, nos dez segundos, nos cinco segundos, que cada um dos corredores ganha no momento crucial em que era preciso exibir outra gama de forças. Claro que o leitor também conhece perfeitamente como as coisas se desenrolaram. Está confirmado: a jovem guarda está em acção. César Aires, António Martins, Dinis Silva e José Martins são nomes da vanguarda desta Volta-74. Estão, portanto, em tudo o que é possível conquistar. E a meta maior é um aliciante de todo o tamanho.

Houve um considerável declínio de interesse por parte do público sangalense em face da ausência de Agostinho. Sessenta notas de mil foi quanto o clube da terra pagou à espera de um chorudo negócio que iria embolsar com pouco dinheiro. Se receber dele algum lucro, aqui estamos para acrescentar mais. Não dará a mecha para o sebo.

Da espectacular fuga de António de Castro e do belo esforço de Manuel Gomes no carrossel vespertino falaram já os nossos colegas que saíram mais cedo. Isto é mais o sururu criado na passagem do carro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Papeleria e Tabacaria Palolo» por Manuel António Curado da Silva. Rua Costa Pinto, 102-104. — PAÇO D'ARCOS

Por
NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

da direcção da corrida por Santa Comba Dão, onde João Lourenço (actor-locutor) não perdeu a oportunidade de verberar a atitude local de manter uma estátua do sr. António O. Salazar. Essa atitude corajosa de João Lourenço, porém, causou tamanha reacção de alguns elementos da população que o escutaram e ia-lhe valendo a sua «depuração» da Volta a Portugal em Bicicleta.

Guarda, Manteigas, Santa Comba Dão: vamos guardar isto que nos dão pelo caminho.

RECLAME

Estamos a caminho de Sangalhos. Os prospectos são esfusiantes e caem, como torcos, em volta do nosso carro. Dizem, por exemplo: «Profissão: estudante ou futebolista? Aplicados ou cábulas, como há, afinal, em todo o mundo, não há dúvida de que os rapazes da Académica são estudantes que jogam à bola e não rapazes que jogam à bola arvorados em estudantes.



César Aires atinge o final da Volta como verdadeiro sucessor de Jorge Corvo, seu antecessor no Tavira, e em postos de relevo na prova. Escassos segundos o separam de adversários cotados (como Jorge Corvo aqui há anos). Se ganha ou não a Volta, o contra-relógio o deve dizer. Mas, para já, os aplausos vão para o tranquilo ciclista algarvio.

Eram assim na Académica e continuarão a sê-lo no Clube Académico de Coimbra, segundo a palavra de Vítor Santos, de «A Bola».

«Coimbra na hora da transformação. Que motivos poderão exigir a extinção da obra social e desportiva quase centenária do futebol da Académica?

«Talvez por ser grande demais em país tão pequeno. Sejam quais forem os trabalhos e os sacrifícios a obra continuará no Clube Académico de Coimbra».

«A exortação vem de longe. Diz o dr. Paulo Cardoso, de Lourenço Marques em Março de 1971: «Velhos e novos, formaremos juntos a tal liga que tantos procuram e que só nós temos o segredo: o amor à camisola que defendemos e a amizade que liga todos os que, com esse amor e dedicação, lutaram e lutam, lado a lado, pelo mesmo ideal.»

«A voz vinha de longe e não se ouvia então, mas, agora terá ressonância: no Clube Académico de Coimbra.»

Continua na pág. 17

O TRAÇO DE PARGANA



DESPORTOS

Continuação da pág. 16

«Depois do terramoto: a «Torre» não caiu, a cabra não morreu e o rouxinol canta livremente. Estão a salvo e em boas mãos. Viva o Académico de Coimbra».

E ainda um outro, que diz: «Dura Lex, Sed Lex — por de facto, esperanças que por «de jure» o Clube Académico de Coimbra será a continuação da equipa da secção de futebol da Associação Académica, pois, pela decisão dos seus estatutos, pela decisão dos seus sócios, pela dedicação dos seus atletas, pelo entusiasmo dos seus simpatizantes, pelo ordenado pelo povo da cidade e, pela razão dos homens justos ao País, assim terá de ser.»

Ora, meus amigos, assim teria que ser: o eng.º Júlio Couceiro, o advogado Fonseca Viagas o tenente Acúrsio, os drs. Pires Santos e Francisco Soares, o jogador Bacanin, o jornalista Costa Santos, o bom camarada Portugal, o sr. André de Campos Neves e tenente Carretas (brigada de trânsito da G.N.R.) todos estiveram connosco tentando convencer-nos e mentalizar-nos de que o Clube Académico de Coimbra preenche, real e legalmente, a vaga deixada em aberto pela secção de futebol da Associação Académica de Coimbra. Muitas festas, algumas bebidas, muito entusiasmo. Tudo isto afinal a reflectir o clima que se vive em Coimbra. Aqui, a dois passos da Mealhada, de onde nos vamos alhear hoje da corrida para prosseguir uma outra tirada até ao Cadaval (Alto de Monteju) a distância equivalente a 172 quilómetros) poderá significar o encontrar, afinal, o grande homem desta 37.ª Volta a Portugal em Bicicleta.

PARTIDA

Na Torre a recusa anti-«do-ping» da falta ao controlo de Andrade e Roque, mais se fortaleceu com o comunicado de alguns clubes que explica mais ou menos a sua posição; só o Benfica e Sporting, alheios à luta de cristas, se manifestam em favor de um exame clínico que diga quem está ou não drogado nesta Volta a Portugal de «dregados» desde o primeiro minuto.

Depois, a cena de muro entre Joaquim Andrade e Dinis Silva, foi muito comentada. Mas o que mais se reflectiu, para além da quebra sangaiense a caminho da Bairrada, foram os comentários das «ajudas» do público a desvirtuarem a classificação na serra da Estrela e também a posição de Manuel Sousa que, ainda mal saído de uma crise tremenda, manifestou uma atitude de antagonismo para com todos e para com quantos lhe tentaram barrar o caminho, dizendo ontem, dizendo hoje, que ele não estava em condição física de poder empreender o caminho da estrada.

Depois das vacas e do leite. Depois de Soure, da passagem de nível, da neutralização que não foi. Depois do saneamento da Guarda e de Manteigas que bem desejávamos que já tivessem ocorrido.

Depois da «coboia» do «do-ping».

Nada mais restava que: tudo isto sucede agora a 48 horas da chegada. E que depois dos dentes da «ratinho» terem roído a etapa (conteremos depois a história de Castro) só nos falta uma coisa: que a Volta acabe aqui, para «todos» estarmos satisfeitos. Não há dúvida nenhuma de que, nascida sob mau signo, a Volta-74 é um bico de obra deixado, como

castanha a estalar, na mão de três carolas do cidismo: Jorge Lara, Idalino de Freitas e António Fernandes.

ABALADA

Conta-nos Carlos Vitorino: — Eu e José Madeira, quando ele «trabalhava» comigo no Ginásio de Tavira, estivemos uma vez em percalço: faltava-nos dez quilómetros para atingir Almada; uma moto da G.N.R. «repeçou-nos» trabalhando-nos até ao final da etapa do Prémio Ríopele. Chegamos assim ao fim da tirada Alcácer-Setúbal, mas quando lá chegamos, o dirigente, o homem que chefiava o meu clube, mandou-nos embora para casa, a partir daí nunca mais fiz meio-fundo.

Fala-nos assim um dos homens mais directamente visados ontem, à partida, de Seia para a Mealhada. Evidentemente que o problema já está dentro do conhecimento do leitor. João Marta, ofendeu grave-



Dinis Silva, uma vitória na Volta aos 18 anos de idade? Qualidades não lhe faltam e a oportunidade é única.

mente o técnico Manuel Graça (do Sporting). O dirigente José Soares (do Benfica) insurgiu-se também (e com certa razão) contra o orientador do Ginásio de Tavira (Brito da Mana) que afirmava, a pés juntos e com toda a confiança, que Joaquim Leite teria viajado através do percurso pela serra da Estrela, agarrado a uma moto da G.N.R. Só que a ameaça de abandono quase concretizada à partida de Seia, pelo dirigente taviense, (Brito da Mana em plano perfeito «au point») e se verificou que a ameaça de abandono desta equipa algarvia deu origem ao atraso da partida, nada mais traduziram do que a incongruência de uma posição mal definida. Já nos tinha constado que Brito da Mana rubricara um documento em que estaria de acordo em que ninguém (ninguém, dos clubes, dos solicitados, dos clubes) estivesse presente na hora do exame médico. No entanto ele acabaria por furar aquela «barricada» em que se tinha enclausurado. A partir daqui ninguém mais o viu.

Manuel Sousa (Porto) garante-nos a pés juntos:

— Com pastilha ou sem pastilha isto é uma coisa para os encarnados.

João Marta, chega ao carro da RTP e, sem mais nem menos, embate com a sua roda traseira contra o veículo. Mas voltamos à corrida. Atravessamos neste percurso até à Mealhada, João Marta, (o do acidente com o veículo da Televisão), Joaquim Sousa Santos e Américo Silva, que furam mas recolam.

E depois disso há a tal tentativa de fuga que iria resultar: António Castro, galgando terreno, pé ante pé, pedalada após pedalada, chegaria isolado à meta da Mealhada, de tal modo que ganharia tempo e tudo o que havia para auferir. Manuel Rego comandou o pelotão, comandou o pelotão durante algum tempo. Depois sucedeu o atraso de João Sampaio para rebocar Manuel Rego, por avaria. E António Castro começava a construir o seu triunfo: 25 segundos de avanço, 35, um minuto, dois, três, cinco.

Armindo Barradas foge do pelotão e lança-se em perseguição do fugitivo, mas o insipiente sportinguista não tardaria a ser absorvido, já com António Castro confortavelmente avançado e a ganhar para a sua arca um capote à Alentejana e nota e meia de prémio.

Furam entretanto, Luís Soares e Manuel Costa. E António Castro já com grande dianteira, parece o senhor De Gribaldy a passear entre os «safaris» lá da África misteriosa. Em Midos o médico é chamado para atender António Martins, avariado Joaquim Sousa Santos, e o ciclista da Ambar que pedalava na frente, nessa altura aufferia de uma vantagem «incomensurável»: cada minuto que passava era mais meio tempo adquirido a seu favor.

Fernando Mendes passa então para o comando do pelotão. E o carro de Sousa Cardoso (Porto) raspa pelo carro do Benfica. Aquele que foi no seu tempo notável ciclista é hoje, lamentavelmente o pior condutor da Volta. João Marta avaria e fica Amílcar Lopes para o rebocar. O mesmo sucede em relação a Joaquim Andrade que «pendurado» com um furo agarda que Manuel Costa fuja à sua espera, mas acabou por ser ele a conduzir o seu companheiro até ao pelotão. Avaria Vitorino Pereira e há novo furo (infelicidade pura) de Joaquim Andrade.

Na montanha de quarta categoria em S. João das Areias a ordem de passagem é a seguinte: António Castro, Norberto Duarte e Luciano Vale. A partir deste instante, braços no ar, Joaquim Leite espera apenas concluir a prova. Acabava de ganhar o título de «rei da montanha».

Com uma hora e dezasseis minutos de corrida tinham-se percorrido 50 quilómetros. António Castro levava já 6 m e 30 s, de avanço e conquistara muitos prémios particulares. Mendes descolara e ficaram com ele Venceslau Fernandes e José Pacheco para o trazerem para a frente: a operação levou apenas 3 m e 30 s.

Caem Ramalho Martins e

Manuel Rego na subida para Santa Comba Dão e o médico trata de escoriações nos dois. Fura também Carlos Vitorino. O fugitivo tem nesta altura 7 m e 45 s de avanço.

E então que em Santa Comba Dão surge o incidente entre João Lourenço e os «proprietários» do terreno. Se não fora o veículo de João Lourenço (o carro do director de corrida) correr a bom correr teríamos aqui um exemplo de como o saneamento não tinha chegado ainda a metade das Beiras portuguesas.

António Castro vai ganhando terreno. Em Moura (nome do Alentejo, mas na Beira) tem 11 minutos e 40 segundos de vantagem. Na bermas da estrada uma cara conhecida: Herculano de Oliveira, o homem que foi obrigado a desistir, está ali para lhe dar água para lhe dar conforto, para lhe dar uma palavra de amizade. Os dentes de «Ratinho» (António Castro) vão roendo tudo o que há para roer. Esta história de Castro, pequeno ídolo da Ambar, reflecte a virtude de provar o que a ânsia da conquista é capaz de fazer.

PALAVRAS

Amadeu José de Freitas chamou na televisão: «Isto é a etapa

H». Maria Margarida foi mais longe: «De tarde é que empina a sério».

Não estamos de acordo com nenhum e estamos perfeitos com todos. Tudo aquilo a que diziam respeito estes dois títulos revertia à Torre, às Penhas, à serra da Estrela. Só que neste momento um bonzo qualquer, um António Castro, bem planificado no seu íntimo, arrancou a média de 35,129, chegou à Mealhada e suportou à tarde o assalto do insólito de um Manuel Gomes cheio de força de ânimo, de entusiasmo, mo, que, entre os cálices do champagne transformado por Ivo Neves e Alcides Silva, na «mezinha» com que o Sangalhos consegue o seu cartão de visita na Volta, tudo isso junto, acrescentamos, significou apenas uma coisa: mais uma «etapa» cumprida, mais um circuito em que a casa pagou sessenta contos e não sabe, ainda agora, se ganhou ou perdeu.

Tudo na mesma, quartel em Abrantes. Só que o quartel de agora vai ficar no Cadaval e não sabemos se tudo ficará assim. Mas que haverá muita coisa para contar quando tudo isto puder ser explicado a toda a gente, essa é a grande verdade.

CLASSIFICAÇÕES

GERAIS INDIVIDUAL

H. M. S.	
1.º César Aires (Tav.)	46 25 33
2.º A. Martins (Benf.)	46 25 52
3.º Dinis Silva (Benf.)	46 26 23
4.º José Martins (Coel.)	46 27 20
5.º Fer. Mendes (Benf.)	46 27 27
6.º F. Bernardino (Sp.)	46 27 44
7.º C. Vitorino (Porto)	46 30 08
8.º J. Andrade (Tav.)	46 30 08
9.º Albo. Costa (Porto)	46 31 00
10.º Américo Silva (Bf.)	46 31 51
11.º A. Guedes (Ambar)	46 32 08
12.º Joq. Leite (Benf.)	46 32 10
13.º Mário Silva (Coel.)	46 34 34
14.º V. Cardoso (Ambar)	46 34 50
15.º Man. Silva (Porto)	46 35 45
16.º M. F. Oliveira (A.)	46 37 14
17.º Luís Soares (Tav.)	46 38 24
18.º Alv. Roque (Ambar)	46 38 33
19.º J. Fernandes (Tav.)	46 38 37
20.º V. Fernandes (Bf.)	46 38 47
21.º J. Pacheco (Benf.)	46 39 41
22.º A. Teixeira (Sport.)	46 43 56
23.º J. Sampaio (Coel.)	46 44 36
24.º Vitor Rocha (Sp.)	46 44 30
25.º Man. Costa (Porto)	46 47 30
26.º F. Ferreira (Sport.)	46 49 51
27.º Man. Rego (Coel.)	46 50 21
28.º Am. Vieira (Coel.)	46 50 37
29.º J. S. Santos (Sang.)	46 51 09
30.º L. Miranda (Sport.)	46 53 56
31.º C. Gomes (Porto)	46 55 26
32.º J. S. Santos (Sang.)	46 56 34
33.º João Marta (Sang.)	46 56 49
34.º J. M. Nunes (Tav.)	46 57 56
35.º A. Castro (Ambar)	46 58 25
36.º Man. Sousa (Porto)	47 00 38
37.º J. Freire (Ambar)	47 03 13
38.º Luciano Vale (Sang.)	47 03 20
39.º Manuel Gomes Sp.)	47 03 37
40.º A. Nascimento (T.)	47 08 04
41.º Joq. Silva (Ambar)	47 08 41
42.º Nor. Duarte (Sang.)	47 19 57
43.º Ar. Barradas (Sp.)	47 23 56
44.º Vlt. Pereira (Sang.)	47 45 06
45.º Amíl. Lopes (Sang.)	47 47 15
46.º R. Martins (Sang.)	47 55 59
47.º José Diogo (Sang.)	48 08 31

EQUIPAS

H. M. S.	
1.º BENFICA	139 06 51
2.º Tavira	139 28 12
3.º Porto	139 24 44
4.º Ambar	139 28 13
5.º Sporting	139 28 31
6.º Coelima	139 37 15
7.º Sangalhos	140 20 56
8.º Salgueiros	142 12 49

MONTANHA

Pts.	
1.º Joq. Leite (Benf.)	59
2.º José Martins (Coelima)	43
3.º F. Bernardino (Sp.)	34
4.º Am. Vieira (Coelima)	29
5.º Dinis Silva (Benf.)	22

Etapla Seia - Mealhada INDIVIDUAL

H. M. S.	
1.º A. Castro (Amb.)	2 43 43
2.º L. Vale (Sang.)	2 48 44
3.º F. Ferreira (Sp.)	2 48 52
4.º C. Gomes (Porto)	2 48 57
5.º J. Marta (Sang.)	m.t.
6.º A. Vieira (Coel.)	m.t.
7.º J. Leite (Bf.)	m.t.
8.º M. Gomes (Sp.)	m.t.
9.º A. Guedes (Amb.)	m.t.
10.º J. Martins (Coel.)	m.t.

Pista de Sangalhos INDIVIDUAL

Pts.	
1.º M. Gomes (Sport.)	1 38
2.º Luís Peres (Tavira)	1 40
3.º Joq. Andrade (Porto)	1 40
4.º Cust. Gomes (Porto)	1 41
5.º Fir. Bernardino (Sport.)	1 42
6.º J. M. Nunes (Tav.)	1 43
7.º Fer. Mendes (Benf.)	1 43
8.º Ant. Guedes (Ambar)	1 43
9.º Manuel Sousa (Porto)	1 44
Dinis Silva (Benf.)	m.t.

PONTOS

Pts.	
1.º Custódio Gomes (Porto)	90
2.º Fern. Mendes (Benfica)	43
3.º Joq. Leite (Benfica)	29
4.º Albo. Costa (Porto)	24
5.º Manuel Silva (Porto)	22

CAMISOLA VERDE
Prémio Philishave

publicit

V. já sabe
como se vai tornar
em poucos
meses
um técnico
bem pago?



Se não sabe, não conhece o método de «Instrução Programada», o mais avançado no ensino à distância.

Isto significa que v. pode em poucos meses tornar-se um eficiente contabilista, um bom técnico de electrónica, um intérprete de Francês ou Inglês e muitas outras opções que oferecem os modernos cursos AFHA do Centro de Instrução Técnica.

Escolha um deles e envie-nos o cupão sem demora. Há um lugar importante e muito bem pago que espera por si.

Prepare-se para o ocupar. Basta que v. adquira a indispensável preparação técnica.

ESTUDE.
CONTABILIDADE
O coração da empresa. Por isso o contabilista tem um cargo importante e muito bem remunerado.

ELECTRÓNICA. RADIO-TV
A Electrónica marca o ritmo do nosso tempo. Domine-a e obtenha grandes benefícios.

TRANSISTORES
Destina-se particularmente à especialização de bons radiotécnicos.

CORTE E CONFECÇÃO
Economize e vista com elegância, confeccionando os seus próprios vestidos.

DESENHO TÉCNICO
Uma profissão cada vez mais rentável, num mundo que projecta e constrói sem cessar.

FRANCÊS-INGLÊS
Os idiomas modernos indispensáveis no mundo actual

Agora v. já pode estudar em sua própria casa com muito menos tempo e dinheiro. Com uma constante e real assistência pedagógica. No final do seu curso um diploma, comprovará as suas habilitações.



GRÁTIS E SEM COMPROMISSO Enviem-me completa informação sobre o curso que indico.

CURSO _____

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
R. D. Estefânia, 32 - Lisboa 1

D. L. 41

VAUXHALL-OPEL
BEDFORD
os carros oficiais da
«Volta» são da
GENERAL MOTORS

VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS
CICLO-AREIRO
R. M. B. G. COUTINHO 3-B

NEVOAR, I.D.A.
Tudo para Karting
R. Actor Robles Monteiro,
L.A. LISBOA

PHILIPS
Radios e Gravadores



ATLANTICA LINE GÉNOVA

EXPORTAÇÃO IMPORTAÇÃO

Serviço expresso directo

LISBOA / USA / CANADÁ / LISBOA

Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.
Enchimento de contentores (grupagem) em dias fixos (6.ª-feiras) no Parque de Contentores da Matinha.

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Montreal Termino St. John	Lisboa chegadas
Atl. Montreal	21.8		29.8	28.8	30.8	1.9	8.9
Atl. Livorno	26.8	2.9	3.9	5.9	6.9		13.9
Atl. Marseille	5.9		12.9	13.9	14.9	16.9	24.9
Atl. Genova	14.9	21.9	22.9	23.9	24.9		1.10

Tempo do percurso Lisboa U. S. A.: 7 dias
— Tempo do percurso Lisboa-Canadá: 10 dias

OS AGENTES GERAIS:

**SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.**
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

AGENTES NO PORTO: SOCIEDADE COMERCIAL
OREY & BARROS LEITE, LDA.

JUSTIÇA E POLÍTICA

Continuação da pág. 3

trazerem prejuízo aos cidadãos portugueses indefesos (prejuízo, moral e material, tortura, a morte, até), que, como nos Estados Unidos os seus cúmplices nos vários escalões governamentais possam ser julgados pela justiça, independentemente de toda a política que os acuse — ou que os defenda.

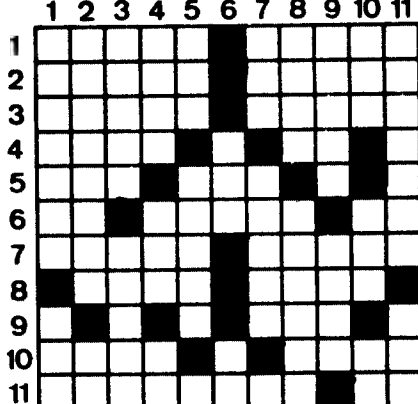
E que entre eles, como nos Estados Unidos, se possa encontrar um presidente da República, se caso disso comprovadamente for. Mesmo, — naturalmente, julgado à revelia.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 10863

HORIZONTAIS:

- 1 Sufa Vassouras já muito gastas
- 2 Acanhar Oculito
- 3 Pisponho em camadas. Alar
- 4 Cidade do Japão. Saudável
- 5 Senhora Pronome demonstrativo
- 6 Nesse lugar Encoleriza Oferece
- 7 Apara A corte
- 8 Ir para fora. Peixe do Algarve
- 9 Senhor em inglês
- 10 Remuneração Mestre
- 11 Nutre (fig.) Letra grega



VERTICAIS:

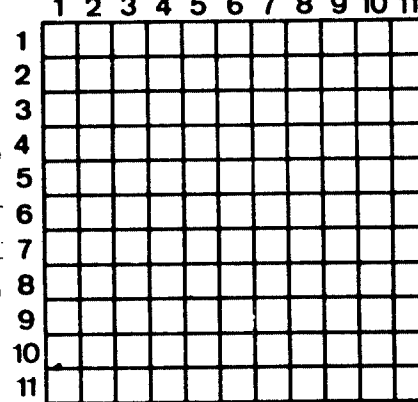
- 1 Tornar manso. Capa sem mangas.
- 2 Bicasas. Amónio (sq.)
- 3 Gostará muito de Bruxaria.
- 4 Escala. Uma das Novas Hébridas na Melanésia Amónio (sq.)
- 5 Anel Mitra de pontífice
- 6 Rio da Suíça. Prefixo de negação.
- 7 Bigorna de ourives Calhaus.
- 8 Folhas de certas palmeiras indianas que serviam para nelas se escrever. Obra crítica, picante, irónica ou jocosa
- 9 Apanhar. Remédio
- 10 Chapa sem mangas. Dávida. Bromo (sq.)
- 11 Variavas. Anore indiana de fibras têxteis.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7021

HORIZONTAIS:

- 1 Pega Pároco
- 2 Dourada Amofina
- 3 Recitará Nome de Mulher
- 4 Batráquio. Apelido
- 5 Aquela que carrega
- 6 Estimara
- 7 Tolo (Bras.). Dois mil e dois em romano
- 8 Pescadores de camarões.
- 9 Prende Composição poética
- 10 Cidade da Palestina ao N. do lago Tiberíade. Espancar.
- 11 Ave trepadora. Fruto da amoreira



VERTICAIS:

- 1 Nome de uma das doze tribos dos Hebreus no país de Galaad. Cobalto (sq.) Moradia
- 2 Caixa com estrondo. Assasinar.
- 3 Par urros Cria fama a (inv.)
- 4 A mais velha de determinadas mulheres Ladrão do mar. Erbio (sq.)
- 5 Em partes iguais. Recrear. Quinto filho de Jacob
- 6 Gálio. (sq.) Alternativa
- 7 Viração. Poema. Basta
- 8 Bolequim. Certo pano de seda, às vezes tecido de ouro. Grande ribeira da Ásia Russa
- 9 Desenrugo. Furioso
- 10 Por a data em Cobrir de ouro.
- 11 Enal Carla de jogar. Tempo do verbo ser.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10862

HORIZONTAIS:

- 1 Toa MAUS-AS
- 2 Orçai Merco
- 3 Doar Nios
- 4 VIZINHOS
- 5 Sias Aosta
- 6 Alça Dr As
- 7 Broa Saia
- 8 Aa Siamam
- 9 Rós
- 10 Orara Abu
- 11 Socara. Eram

VERTICAIS:

- 1 TOI OS Bagos.
- 2 Oro Iara Ro
- 3 Acavalo Mac
- 4 Ariscas. Rã
- 5 Mi Irar
- 6 Si SÃO.
- 7 Um. Nadaria
- 8 Senhorias.
- 9 Rios Am. Ar.
- 10 Acosta. Aba
- 11 Sós Ases UM

Proverbo: MAUS VIZINHOS. TODOS SÃO UM

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7020

HORIZONTAIS:

- 1 Lauta. Arcos.
- 2 Sal. Mau
- 3 Anota. Otava.
- 4 Ne. Urano. Ar
- 5 Leviana.
- 6 Je Dama
- 7 Tre São. Ama.
- 8 Rema CDII.
- 9 Inala Chama
- 10 Na. Iodai. Ar.
- 11 Ossos Maura

VERTICAIS:

- 1 Liana. Trino
- 2 Ne. Arenas.
- 3 Uso Ema
- 4 Tabui. Alia
- 5 Alaves. AOS.
- 6 Ai. As
- 7 Amonado. Cam.
- 8 Rationa. Chia.
- 9 Cua Amada
- 10 Va. Amimar
- 11 Suara Aiaia

Televisão

HOJE

1.º Programa (22.30)
O SINAL DO DRAGÃO

Série de aventuras, realizada por Charles Dubin e interpretado pelos artistas, David Carradine, Roy Benson, Ford Rainey, Fred Sadoff e Don Dubbini

2.º Programa (21.00)
MÉDICOS DE HOJE

Série dramática com o actor E.G. Marshall no protagonista

SIEMENS ESTORIL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e «Os Gatos Detectives» 13.15 Os Garotos do 47-A 13.45 Telegiornal - 1.ª edição 14.00 Hoje pode ver 14.15 Um caso da semana 14.35 Dó. Lá. Si 15.00 Documentário 15.25 Desenhos animados «Flintstones» 15.50 Estúdio sem marcação 16.30 Os Wallone 17.20 Teledesperto 17.45 Silêncio... Vamos Rir... 18.15 As Aventuras de «Black Beauty» 18.45 Cada dia uma esperança 19.15 Se bem me lembro 19.45 Cartaz TV 20.00 Ensaios 21.00 Telegiornal - 3.ª edição 21.30 Um país uma música 22.30 O Sinal do dragão 23.30 Volta a Portugal em bicicleta 23.45 Telegiornal - 4.ª edição 23.50 Fecho 2.º Programa 20.00 Abertura e «Os Garotos do 47-A» 20.30 Um caso da semana 21.00 Médicos de hoje 22.00 Expedição 22.30 Telegiornal 23.00 Fecho	1.º Programa 1.º Período 12.00 Abertura e Missa de Domingo 12.55 Expedição 13.20 Eurovisão - Grande Prémio Automóvel da Áustria 13.45 Telegiornal - 1.ª edição 14.00 Hoje pode ver 14.10 TV Rural 14.35 Eurovisão - Grande Prémio Automóvel da Áustria 14.55 Desenhos animados «O Romano Holiday» 15.20 Eurovisão - Grande Prémio Automóvel da Áustria 15.55 Eurovisão - Campeonato da Europa de Natacão 17.30 TV Infantil 18.30 Cinema de animação 19.00 Telegiornal - 2.ª edição 19.15 Série Juvenil 19.30 Actualidades da semana 20.30 Cecília, médica de aldeia 21.00 Telegiornal - 3.ª edição 21.30 Grande Festa da Canção no Coliseu dos Recreios 23.00 Domingo Desportivo 23.30 Telegiornal - 4.ª edição 23.45 Fecho 2.º Programa 20.00 Abertura e As Solteironas 20.30 Dó. Lá. Si 21.00 Noite de cinema «A Morte na a bordo» 22.30 Telegiornal 23.00 Fecho

urgência	
Emergência	115
Combeiros	32 2222
BVP	66 5342
H. de S. José	88 0131
H. de S. Maria	73 0231
P.S.P.	36 6141
Judiciária	53 5380
Intoxicações	76 1176
Aeroporto	71 1397
C.R.G.E.	53 7021
C. Águas	36 1361
Combóios	32 6222

Radio

EMISSIONA	1.º Programa	01.00 Fecho.
16.00	Noticiário, Música variada	
18.00	Debate	
20.00	Jornal da noite; Orquestras	
21.30	Som de pesquisa	
23.00	De um dia para o outro	
00.00	Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário	
Programa em MF1 de Lisboa		
23.00	Rádio estudantil	
00.00	Junção com o 1.º programa	
2.º Programa		
16.40	A pianista Ingrid Haebler. Sonata em sol maior, op. 78 «Fantasia» (Schubert)	
17.17	A Sinfonia N.º 12 Shostakovich, pela Orquestra Filarmónica, dir. por Georges Prétre	
18.00	Conjuntos instrumentais	
19.00	O maestro Eugene Ormandy à frente da Orquestra Filadélfia	
20.00	Jornal da noite	
21.30	Concerto sinfónico 1.ª Parte	
22.10	Intervalo: Canções de Strauss	
22.25	Concerto sinfónico 2.ª Parte	
23.20	Concerto pelos «Segres de Lisboa»... «Música Ibérica do século XIII ao século XVI»	
23.45	Solos de piano	
00.08	O quarteto «Loewenguth»	
01.00	Fecho	
Programa Estereofónico MF		
21.15	Música ligeira variada	
22.00	Que quer ouvir? programa elaborado por Margarida Brandão	
RADIO CLUBE		
Onda Média		
18.00	Noticiário	
18.30	Projeção	
18.30	Meia hora depois	
19.03	Fórmula 1	
19.30	Vedetas e canções	
20.15	Comentador desportivo	
20.30	De sete em sete dias	
20.45	Música para o seu jantar	
21.32	Quando o telefone toca	
22.05	Antiquária	
22.30	Quando o telefone toca	
23.05	Mensagens bíblicas	
23.30	No Mundo aconteceu	
02.00	A noite é nossa	
06.00	Diário Rural	
07.00	Talismã	
Modulação de Frequência		
16.00	Noticiário	
17.00	Noticiário	
18.02	O nosso programa	
19.04	Em órbita-1	
20.00	Noticiário	
21.03	Bom noite em FM	
22.02	Clube à Gó-Gó	
00.02	Em órbita-dois	
01.02	Banda Sonora Sonopol	
02.00	Perspectiva	
03.00	Fecho	
RADIO RENASCENÇA		
16.00	Noticiário	
16.05	Rádiorama	
18.05	Programa Carnuagem	
18.23	Palavra do dia. No final: Terço e bênção	

Tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em algumas regiões, o vento era fraco e caía neblina ou xhuva em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	19°
P. DOURADAS	
COIMBRA	
PORTALEGRE	25°
LISBOA	20°
FARO	29°
FUNCHAL	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

..... Máxima 29,5°

..... Mínima 9,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 14,6°

Atmosfera: 9,9°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.29 4,0 m	9.07 0,6 m
15.49 4,3 m	21.38 0,4 m

Dia 18

4.15 4,1 m	9.51 0,4 m
16.34 4,4 m	22.21 0,3 m

Dia 19

4.59 4,2 m	10.34 0,4 m
17.18 4,4 m	23.02 0,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ
AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado temporariamente muito nublado especialmente por nuvens altas, vento geralmente fraco, possibilidades de trovoadas dispersas no interior, condições favoráveis a ocorrência de neblina ou nevoeiros matinais na faixa Costeira Ocidental a Norte do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.52

OCASO ÀS 20.28

☉

DIA 17

☾

DIA 24

☀

DIA 1

☾

DIA 9

Radio

EMISSIONA

19.30 Página 1

21.04 Meditando

21.08 Grande Prémio

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Esquema, 13

23.05 A 23.ª hora

EMISSIONES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das 06.00 às 10.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 04.00

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30

Rádio Peninsular

Das 14.30 às 19.30

baterias

TUDOR

pilhas

NOVOS SERVIÇOS DE
VENDAS E ARMAZÉM

R. PROF. REINALDO DOS SANTOS

28-A - TELEF. 78 81 83-4-5

farmácias de serviço

cinemas

cinemas

cinemas

LISBOA

TURNO — G 1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA

Bairro, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 651321). Biotar, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824).

ALVALADE

Zil, Avenida da Igreja, 9-D (Tel. 71780). Roma, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466).

AREIRO

Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860).

AVENIDA LIBERDADE

Fernandes, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476).

AVENIDAS NOVAS

Alcantara, Av. da República, 74-A (a Entrecampos) (Tel. 771379).

BAIRRO ENCARNACÃO

Ascesso, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216).

BENFICA

Lavinha, R. eng. Paulo de Barros (ex R.C. projectada à Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242). Alegria, Est. de Benfca, 180-A/B (Tel. 780511).

CAMINHOS DE FERRO

Frazão, R. da Cruz de Santa Apolonia, 90-92 (Tel. 847019).

CAMPOLIDE

Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610).

CAMPO GRANDE

União, Rua Saravá de Carvalho, 145-F (Tel. 663643).

CHELAS

Banha, Est. de Chelas, 173-175 (Tel. 382241).

ESTEFÂNIA

Mundial, Largo D. Estefânia, 9 (Tel. 45578).

LAPA

Eduardo Cesar, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631).

LUMIAR

Douro, Alim. Linhas Torres, 93-A/B (Tel. 791131).

S. MAMEDE

Albano, Rua Escola Politécnica, 59 (Tel. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

S. Sebastião, Largo S. Sebastião Pedreira, 1-9 (Tel. 48642). Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Tel. 553468).

TURNO — G 2

(TODA A NOITE)

AJUDA

Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944).

ALVALADE

S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A/B (Tel. 725140).

ANJOS

Confiança, Avenida Almirante Reis, 48 (Tel. 821653).

AREIRO

Garantia, Av. Padre Manuel Nobrega, 5-A/B (à P. do Areiro) (Tel. 727300).

AVENIDAS NOVAS

Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 773043).

BAIRRO DA LIBERDADE

Salutar, R. B. 75-A/B (Tel. 683694).

BAIXA

Azevedos, Filhos, Praça D. Pedro IV, 31 (Rossio) (Tel. 327478-A).

BENFICA

União, Est. de Benfca, 592-594 (Tel. 700092).

CAMPO DE OURIQUE

Lobel, Rua Infanta 16, 98-B (Tel. 688807).

CASTELO

Ziler, Rua S. Tome, 54-56 (Tel. 862835).

ESTRELA

Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971).

LUMIAR

Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480).

OLIVAIS

Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

PICHELEIRA

Luzmar, Rua João Nessim, Costa, 16-A (Tel. 728395 e 7207703).

POÇO DO BISPO

Freitas, Rua Zolimo Pedroso, 11-13 (Tel. 381136).

REGO

Baptista, Rua Francisco Tomas da Costa, 3-A a 3-C (Tel. 771873).

SANTO AMARO

Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638629).

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953).

CAXIAS

Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PACO DE ARCOS

Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 4) (Tel. 2432039).

OELRAS

Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 243090).

PAREDE

Guincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204).

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, Quinta das Parreiras, 29-A (Tel. 261186).

ESTORIL

Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Tel. 260116).

CASCAIS

Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078). A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019). Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485).

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).

QUELUZ

Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117). Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM

Arado e Sá, Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (Tel. 2940781).

MEM MARTINS

Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, 173-B (Tel. 980456).

SINTRA

Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 2930391).

COLARES

Abreja, (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204250).

ALMADA

Almada, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271).

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Perspectiva-74 e gravuras (das 14 às 20 h).

BLOCO (CASCAIS) — Colectiva (das 16 às 20 h).

ESCOLA PRIMARIA DA DAMAIA — Colectiva de pintura e tapeçaria (das 21 às 23 h).

CASINO ESTORIL — Pinturas de Vamona, Navelcar (das 15 às 3 h).

FOTO CLUBE 6x6 — Trabalhos de Alfredo Cunha (3.ª e 6.ª-feiras, das 21.30 às 24h.)

GALFRIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Bárbara Guerreiro (das 15 às 19 e das 21 às 24 h).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernardette Stern, serigrafias de Acácio Assunção e António Brito Caiola (das 5 às 20 h).

***** LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS *****



O JORNAL motor

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 178-A (Tel. 2040302).

BARREIRO

Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212).

COVA DA PIEDADE

Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182).

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO

Higiente, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).

SESIMBRA

Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL

Rosado Pinto, P. do Bocage, (Tel. 22484) Nova, R. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

10.º TURNO

SUB TURNO A

Canevarro, Rua da Restauração, 53; Constituição (da), Rua da Constituição, 93; Ferreira de Carvalho, Rua do Bonjardim, 354; Oriental, Rua do Bonjardim, 727; Padão, Largo do Padão, 342; Ramos, Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB TURNO B

Figueiredo, Ld.ª, Rua de Codoite, 125; Lider, Rua da Lider, 171; Parede, Rua das Flores, 114; Sousa Soares, Rua de Santa Catarina, 141; Vitória, Rua de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO L

S. Sebastião, Rua António Borges; S. Nicolau, Rua Ferreira Borges; Pavia, Praça do Comércio.

ROXI (T. 48580)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
O célebre filme de Eric Rohmer uma crónica de amor livre! A COLECCIONADORA com Hayde Politoff, Patrick Bauchau e Mijanou.

CONDES (T. 322523/326710)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
15.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sutherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor... como jamais foi visto no écran "The Sun".

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)

15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Um filme impressionante! O ABO-MINAVEL DR. PHIBES

Grupo D (18 anos)

11.00
Grupo A (6 anos)
"Manhã infantil".

VIAGEM AO OUTRO LADO DO SOL com Roy Thinnies

24.00
Grupo D (18 anos)
"O Cowboy à Meia-Noite".

O CAÇADOR DE INDIOS de Andre de Foth

MUNDIAL (T. 538743)

15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)

3.ª Semana a esgotar
Carlo Giuffrè e Maria Mell na comédia BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO, PRETENDE CAVALEIRO

Amanhã o mesmo programa

00.30
Grupo A (18 anos)

A PE ATE PARIS com Jaime Uys

OXFORD (CASCAIS)

15.30, 18.30, 21.45 e 00.30

Não aconselhável a menores de 18 anos

"Ciclo do Cinema Proibido".

O ATENTADO realização de Yves Boisset, com Michel Piccoli, Gian Maria Volonté e Jean Seberg

Amanhã 15.30, 18.30, 21.45 e 00.30

Grupo D (18 anos)

ESTADO DE SÍTIO realização de Costa Gavras com Yves Montand, Jean-Luc Bideau e Renato Salvatore

CINEARTE (T. 660446)

15.30 e 21.30

Grupo B (10 anos)

Os Charols em OS MALUCOS EM ESPANHA

ODEON (T. 326283)

15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
O filme que apaixonou as mulheres UMA HISTORIA PERVERSA com Marisa Mell e Jean Soler. Sinistro mistério de um crime de adultério premeditado para condenar um marido à morte

RESTELO (T. 610375)

17.00 e 21.30

Grupo D (18 anos)

4.ª Semana! Eastmancolor

DESCULPE, VOCÊ CONHECE O SEXO? realização de Vittorio de Sisti

00.15

Grupo C (14 anos)

"Sessão de Terror".

UM TUMULO DE SANGUE com Andrew Kerr

CINEMA CASTIL (T. 530194)

15.30, 18.30, 21.45 e 00.30

Grupo D (18 anos)

2.ª Semana!

Um filme de Elio Petri INQUERITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA com Gian Maria Volonté e Florinda Bolkan

Amanhã o mesmo programa excepto às 00.30

IMPERIO (T. 555134)

15.15, 18.30 e 21.30

Não aconselhável a menores de 18 anos

Lee J. Cobb, Barbara Hershey e Lola Falana O PREÇO DO SILÊNCIO um filme de William Wyler

Amanhã o mesmo programa

CASINO ESTORIL (T. 264521/234946)

18.30 e 21.30

Grupo D (18 anos)

Eastmancolor

A FILHA DO MILIONARIO com Sheila Chile, Michel Bouquet e Pierre Mondy

Amanhã o mesmo programa

ALVALADE (T. 717480)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Grupo A (6 anos)

Estreia. Colorido

Walt Disney apresenta PATO DONALD E C.ª a grande parca das férias!

00.15

LAGRIMAS E SUSPIROS de Ingmar Bergman

AVIZ (T. 47188)

15.30, 18.30 e 21.45

Grupo B (10 anos)

A NOVA VIAGEM DE SINBAI com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)

15.15 e 21.30

Grupo B (10 anos)

A NOVA VIAGEM DE SINBAI com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)

15.15 e 21.30

Grupo B (10 anos)

A NOVA VIAGEM DE SINBAI com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)

15.15 e 21.30

Grupo B (10 anos)

A NOVA VIAGEM DE SINBAI com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)

15.15 e 21.30

Grupo B (10 anos)

A NOVA VIAGEM DE SINBAI com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)

15.15 e 21.30

Grupo B (10 anos)

A NOVA VIAGEM DE SINBAI com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)

15.15 e 21.30

</

GERAL



REMANESÇA GRAFICA, S.A. L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º e 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. OIBOA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

O PRIMEIRO MINISTRO AMANHÃ, NA TV

O Primeiro-Ministro, coronel Vasco Gonçalves, fala amanhã ao País, em princípio às 21 horas, através da Radiotelevisão Portuguesa. Tema da comunicação: análise da actual situação económica e anuncia algumas das medidas a adoptar pelo Governo.

POSSE DE MELO ANTUNES

Está marcada para o início da próxima semana a tomada de posse de Melo Antunes no cargo de presidente da Junta Governativa de Moçambique. Segundo apurámos a FRELIMO pretende 75 por cento dos lugares no novo Governo.

O PROJECTO DE GOVERNO PROVISÓRIO PARA ANGOLA REJEITADO PELO M.P.L.A.

LUSAKA, 17 (R. ANI) — O Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.) rejeitou por unanimidade, o plano apresentado por Lisboa de criação de um Governo Provisório em Angola, por dois anos, segundo afirma, hoje, o jornal «Zambia Daily Mail», que pertence ao Governo Zambiano.

O jornal diz que os representantes do M.P.L.A., actualmente aqui reunidos em congresso, aprovaram um moção que afirma nomeadamente:

«Rejeitamos, por unanimidade, as manobras colonialistas de iminente formação de um Governo Provisório e os portugueses serão os responsáveis pelas consequências resultantes de tais decisões unilaterais.»

Segundo o jornal, o M.P.L.A., reafirmou ainda a sua decisão de prosseguir na luta de libertação até ao fim.

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A TODOS OS DIAS
HORAS DE 21 ANOS * HORAS DE 18 A 21 ANOS

AMANHÃ

MATINÉE ÀS 17 H.

KARA KARAS
VEGETAS DA CANÇÃO DO PARAGUAI

RUDI SCHWEITZER
ORIGINAL MALABARISTA

ZELIA LOPES
com RALF SALA e NOBRE COSTA

"EXTRAUAGANZA 74"
com CHRISTINE MERAC
JANEIRO, OLIVIERO BONACI

FERNER TRINDADE e o seu grupo de instrumentos
SYDNEY SILEY ORPHEUS QUARTET

MAIORES DE 14 ANOS

PREÇOS
CHÁ COMPLETO, 63\$00
(Taxas e impostos incluídos)

VEIGA SIMÃO NO ALGARVE

Encontra-se no Algarve o embaixador Veiga Simão que veio de Nova Iorque para passar o fim-de-semana com a família. Amanhã deve deslocar-se a Lisboa onde terá vários encontros, nomeadamente com Mário Soares, Melo Antunes e Almeida Santos.

ESTÂNCIA TERMAL DE LISBOA «BANHOS DE S. PAULO»

TRAVESSA DO CARVALHO, 23 (A S. PAULO)
TELEF. 32 55 58

Aberta todos os dias, excepto aos domingos das 8 às 13 horas

Milhares de doentes beneficiam da acção das ÁGUAS SULFÚREAS DO ARSENAL DE LISBOA — as mais mineralizadas e sulfídicas, levemente radioactivas, reconhecidas como sendo das mais ricas da EUROPA — no tratamento de Reumatismos, Gota, Nevralgias, Ciática, Asmas, Sinusites, Faringites, Laringites, Rinites, Bronquites, Doenças da pele, Circulatórias e Hipertensão, Obesidade, Celulite, etc.

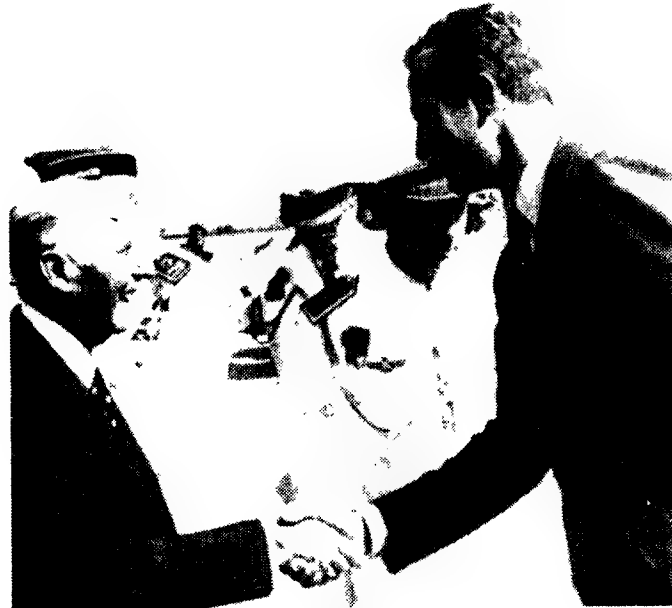
ACUSAÇÕES AO GOVERNO ESPANHOL

ENCOBERTO O ESTADO DE SAÚDE DE FRANCO

TOULOUSE, 17 (R.) — O secretário do Partido dos Trabalhadores Socialistas espanhóis, no exílio, Rodolfo Illois, acusa o Governo de Madrid de encobrir deliberadamente o estado de saúde do general Franco, no quadro de uma tentativa discreta para a transferência de poderes ao chefe de Estado interino, o príncipe D. Juan Carlos.

Num congresso do Partido realizado nesta cidade, Illois disse aos 200 delegados presentes que a actual situação política em Espanha deve ser objecto de um estudo rigoroso, em vista do possível desaparecimento de Franco da cena política.

O relatório geral do Partido dos Trabalhadores Socialistas preconiza a instauração de uma República Democrática que respeite a liberdade de Imprensa, de Associação e o direito à actividade política.



O Partido não aceita a monarquia, o regime totalitário ou qualquer solução que não tome em conta a vontade do povo espanhol — acrescenta.

Ao congresso, que termina na segunda-feira, assistem delegados das Américas do Norte de África, da própria Espanha e de outros países europeus.

O dr. Borges Coutinho, que é natural de São Miguel, foi candidato às «eleições» de 1969 pela CDE local. O distrito de Ponta Delgada é composto pelas ilhas de São Miguel e Santa Maria.

GOVERNADOR DE PONTA DELGADA

O dr. Borges Coutinho a quem o ministro da Administração Interna, tenente coronel Costa Brás, conferirá posse como governador civil do distrito de Ponta Delgada na próxima quarta-feira, declarou-nos esta manhã que estava «satisfeito por ir tomar contacto com uma população que sempre teve uma raiz democrática, mas a qual nunca foi permitida a expressão das suas opiniões. Pretendo ajudar a criar as condições, as vias e os canais que permitam à população do distrito defender os

seus próprios interesses e direitos e expressar os seus anseios há tanto tempo espeznhados».

O tenente coronel Costa Brás conferirá posse aos três governadores civis do arquipélago dos Açores na próxima semana em Ponta Delgada, em Angra do Heroísmo e na Horta.

O dr. Borges Coutinho, que é natural de São Miguel, foi candidato às «eleições» de 1969 pela CDE local. O distrito de Ponta Delgada é composto pelas ilhas de São Miguel e Santa Maria.

NOTAS VÁRIAS

PRESOS E ALGEMADOS EM ESPANHA

Cinco jovens portugueses, naturais de Vila Real de Santo António, resolveram ir até Ayamonte, Espanha, na quarta-feira, a fim de fazerem compras, coisa que é vulgar aos habitantes daquela vila, bem como aos naturais de Ayamonte deslocarem-se até ali. Acontece que, no regresso a Portugal foram presos e algemados, apesar de estarem munidos da documentação legal. Em seguida foram interrogados isoladamente, durante cerca de três horas, e como nada tivessem dito, soltaram-nos, tendo sido acompanhados por elementos da polícia de segurança espanhola, no regresso a Portugal.

Os jovens são: José Eduardo Nascimento Francisco, de 20 anos, estudante; Nelson da Rosa Mascarenhas, de 22 anos, da F.A.P.; Décio Belarmino Soares Roberto, de 20 anos, empregado de escritório; António José Ribeiro Calé Marta, de 19 anos, estudante; e Mário Vitorino Pinto Samudo, de 21 anos, também estudante.

Segundo estes declararam, o comissário que os interrogou disse que o povo espanhol estava com o actual regime português, mas que não admitiam que fossem estrangeiros para Espanha causar conflitos.

OLIVAR LLO
AV. MADRID, 16-B
TEL. 714391-714388

AUTOMÓVEIS de ALUGUER

COMAFA

REABRE

TODOS OS SEUS SERVIÇOS

NO PRÓXIMO DIA 19

ESTAREMOS NA
EXPECTATIVA DAS
V/ PREZADAS ORDENS.

Materiais de construção—Rua Joaq. Bonifácio, 21 A B C D. P. P. C. A. 562447 - 10 linhas
LISBOA



Suplemento de «Diário de Lisboa», 17 de Agosto de 1974

Mosca

nota de apresentação

Que teria acontecido aos presos políticos de Caxias, do Aljube, ou de Peniche, se eles se tivessem revoltado e apossado de qualquer destas cadeias?

Não o sabemos. Antes de mais, duvidamos que alguma vez tivessem podido fazê-lo porque a P.I.D.E. nem andava a brincar nem permitia que se criassem situações favoráveis a tais acontecimentos. Admitindo por mera hipótese, porém, que alguma vez tivesse surgido uma situação favorável a um «golpe» interior levado a cabo por «oposi-

cionistas» presos, é evidente que a cadeia em que esse golpe tivesse tido lugar seria cercada imediatamente pelas chamadas «forças da ordem» e que:

A) As operações teriam sido conduzidas por um «chefão» qualquer (o próprio Silva Pais?) que não teria hesitado em recorrer a todos os processos para liquidar o levantamento.

B) Que os presos teriam sido todos separados e torturados barbaramente por agentes da P.I.D.E. (pelos agentes que se encontram actualmente na Penitenciária?)

ATÉ QUE OS «cabecilhas» da revolta fossem apurados.

C) Que estes cabecilhas teriam sido torturados de todas as formas; que alguns deles, tendo perdido os sentidos e a capacidade de sofrer, teriam sido assistidos clinicamente (por médicos ainda recentemente ao serviço?) a fim de recuperarem os sentidos e a capacidade de sofrimento para os interrogatórios continuarem; que todos teriam sido ferozmente punidos por uma P.I.D.E. destituída de qualquer sentido de humanidade e que todos veriam o seu regime agravado por novas medidas de segurança.

Que teria acontecido se alguns dos presos de Caxias tivessem conseguido subir ao telhado da cadeia e aí tivessem exibido cartazes pedindo justiça?

Se não tivessem descido do telhado num curtíssimo espaço de tempo, é perfeitamente possível que tivessem sido metralhados. De qualquer forma, não há dúvida de que a P.I.D.E. inventaria um processo tenebroso de se vingar e que a vingança seria levada a cabo por muitos dos agentes que agora se encontravam na Penitenciária. Inútil será dizer que estes revelariam, no decorrer das diligências, todo o seu zelo profissional e toda a sua fidelidade ao regime. Haverá quem não saiba o que isto quer dizer?

Que teria acontecido a quem tivesse, de qualquer forma, auxiliado os presos de uma cadeia política portuguesa que se tivessem revoltado?

O costume: interrogatórios, meses e meses de cadeia aguardando que os processos fossem enviados para tribunal e, por fim, ou o julgamento ou a liberdade caucionada.

Que teria acontecido aos familiares dos presos políticos que se tivessem revoltado no antigo regime?

Como é evidente, a P.I.D.E. não se teria preocupado com eles. Os que não tivessem meios de subsistência teriam passado fome a menos que tivessem sido auxiliados pelas «organizações clandestinas» criadas para esse efeito. Quem tivesse sido caçado a auxiliar de qualquer forma os presos políticos, porém, teria sido perseguido pelos mesmíssimos agentes que, agora, clamam por justiça para as suas famílias.

Que teria acontecido se os presos políticos de uma cadeia fascista se tivessem revoltado e exigido o direito de participar no funeral de um colega?

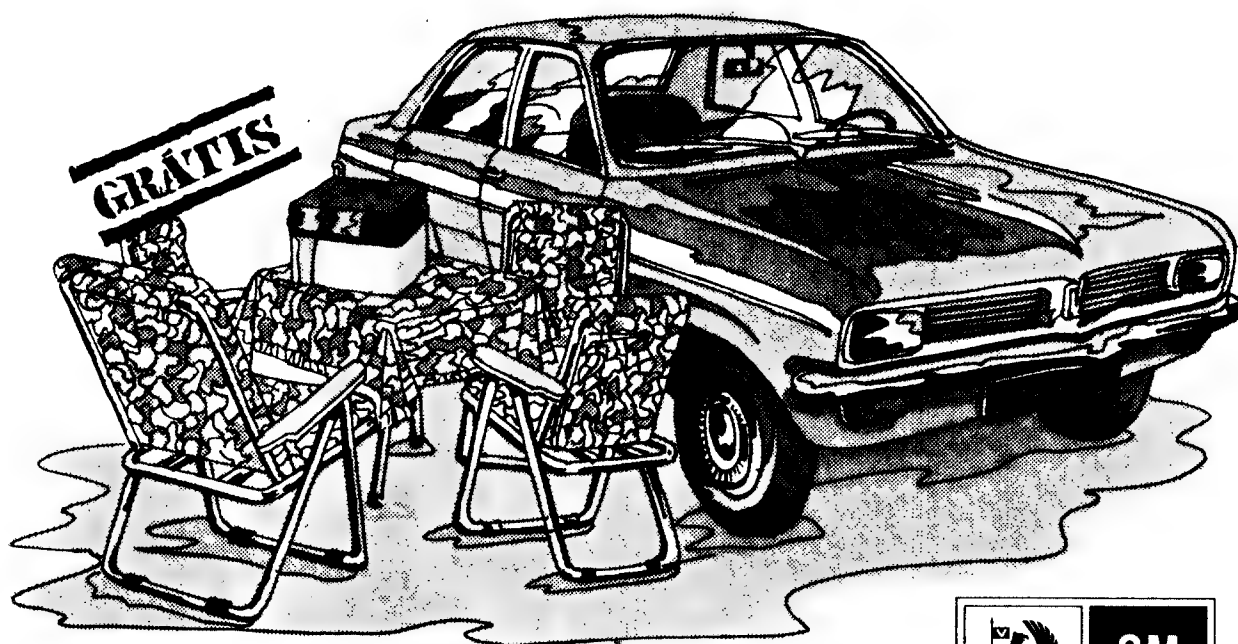
Só os muito novos terão esquecido as manifestações de prepotência a que as chamadas «forças da ordem» se entregavam no decorrer de funerais de democratas conhecidos. Só porque a MOSCA tem um carácter humorístico é que perguntamos:

A) Que teria acontecido aos presos políticos comunistas que tivessem ousado pedir para participar, por exemplo, no funeral de Catarina Eufémia?

Sim, que teria acontecido?

De uma coisa estamos certos: os resulta-

Viva especialmente equipado para verão



O verão chegou. O sol, a praia e a vida ao ar livre esperam por si. E para que viva melhor o seu verão equipamos especialmente o Viva 74 com um conjunto portátil Solcampo.

Uma mesa com uma bonita toalha, quatro cadeiras e uma geleira. Um equipamento de 2600\$00, mas absolutamente grátis. Este é um equipamento especial para o verão. Mas o Viva 74 é um carro especial para

todo o ano, para todas as estações, por isso vem equipado com travões de disco às rodas da frente, interior alcatifado, bancos reclináveis e muitos outros refinamentos.

Se pensa comprar um Viva 74, compre-o já. Esta oferta dura apenas de 1 de Julho a 31 de Agosto. 1974

Visite o seu concessionário Vauxhall e Viva o Verão.



Viva o Verão

dos de tal atitude não teriam dado vontade de rir a ninguém...

Que teria acontecido se os presos políticos da cadeia de Caxias, por exemplo, tivessem exigido conversas com um ministro do antigo ministério?

Não temos a menor dúvida em afirmar que não tinham falado com ninguém senão, possivelmente, com alguns dos agentes da P.I.D.E. actualmente detidos em Caxias e isso em circunstâncias muito — mas é que mesmo muito, especiais.

Para que fazemos estas perguntas?

Unicamente para chamar a atenção dos leitores deste suplemento para a diferença de tratamento que se verifica entre o regime dos presos políticos do fascismo e os do presente regime.

Acresce que:

A) Os antigos presos políticos não eram criminosos e estes...

B) Que se aos detidos na Penitenciária fosse administrada a justiça que pedem, entendendo-se por justiça o que eles entendiam por justiça, a sua situação seria... valerá a pena explicar em que situação ficariam?

Que deveriam fazer os detidos na Penitenciária?

Deviam estar calados, quietos, e, sobretudo gratos por lhes não ter sido aplicada a pena de táliaio.



TEATRO PIDE APRESENTA "A CONFISSÃO"

PERSONAGENS: Um Inspector-Chefe e um Agente de 2.^a

LOCAL DA CENA: Gabinete de cinco estrelas, sito numa bem conhecida rua de Lisboa.

ÉPOCA: Antes de 25 de Abril.

ACTO ÚNICO

A. 2.^a — Chefe, o preso da cela 20 já confessou tudo!

I.-C. — O quê?!... O tipo falou?!

A. 2.^a — E verdade... Disse tudo o que queríamos que dissesse.

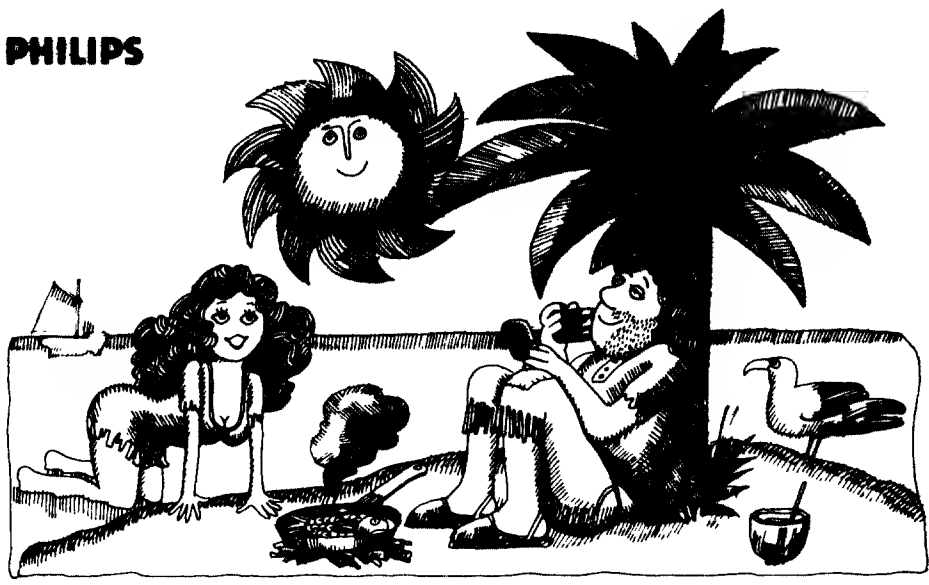
I.-C. — Mas, isso é bestial!... Olha, nunca pensei que o homem chegasse a falar...

A.2.^a — O chefe bem sabe como os nossos métodos são eficientes!

I.-C. — Pois sim, mas lembra-te que o tipo era surdo-mudo de nascença!!!

MARKENES

PHILIPS



passa as férias...
com ela!

ela... a philishave compact

Tão prática, tão fácil, tão cómoda!

philishave compact

a máquina de barbear que cabe
no bolso dos seus jeans!



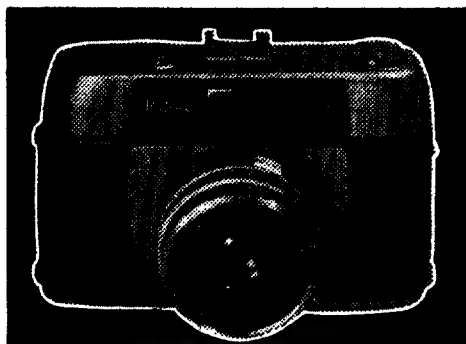
LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS



O JORNAL **motor**

MÓVEIS DE PORTUGÁLIA
MÓVEIS DE ESTILO — ESTOFOS
CARPETES E ALCATIFAS —
CAPACHOS PARA AUTOMÓVEIS,
ELEVADORES, ETC.
Av. Almirante Reis, 100-A e D — LISBOA
Tel.: 92 19 12

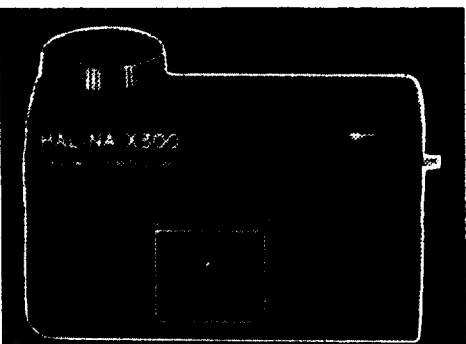
HALINA UM OUTRO PREÇO PARA A FOTOGRAFIA



HALINA RADIETTE

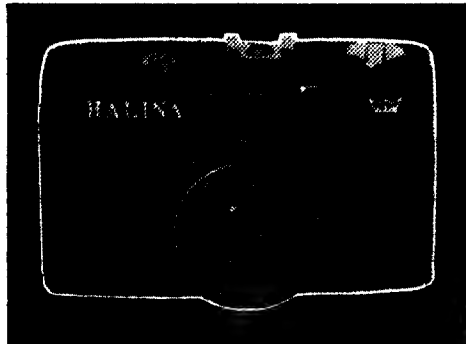
Máquina fotográfica de 35 mm. de película, obturador de 1/2 a 1/45 seg. com trava. Velocidade de 1/30 a 1/250 seg. e sincronização flash.

HALINA RADIETTE TELETRIC, as mesmas características, com teleobjetivo incorporado.



HALINA X 300

Máquina fotográfica para cassettes com objectiva de foco fixo, célula CdS com indicação de insuficiência de luz, avanço automático da filme e focagem de 1,2 m. a infinito.



HALINA 600

Máquina fotográfica de 35 mm. de película, obturador de 1/2 a 1/45 seg. com trava. Velocidade de 1/30 a 1/250 seg. Focagem de 1 m. a infinito. Contador de exposições.

HALINA 600, as mesmas características, mas com acabamentos cromados.

AV fotografia
ao seu alcance, sem
necessidade de gastar muito
dinheiro, é a proposta
que lhe faz o conjunto
de máquinas HALINA.
O seu preço
e a sua qualidade
são a garantia
dessa proposta.

Um exclusivo

BELTRÃO COELHO, LDA

Lisboa Porto
À venda em todas as casas da especialidade

Voltamos à carga, fazendo a vontade aos inúmeros leitores deste suplemento que nos têm pedido mais relatos do que acontecia na chamada Assembleia Nacional. Alguns dos textos que apresentámos eram francamente cómicos. (Referimo-nos aquele tipo de cómico que faz rir) mas o de hoje não o é. Escolhemo-lo para o nosso número de hoje por entendermos que não deixa de ter razão de ser nesta MOSCA em que se faz referência aos acontecimentos que tiveram lugar na Penitenciária. Como é sabido ps agentes da PIDE detidos nesse estabelecimento prisional pediram «justiça» mas não explicaram o que entendem por justiça como não explicaram se pediam a justiça que eles defendiam antes do 25 de Abril.

Admitindo que haja ainda quem não saiba o que era a justiça que estes senhores defendiam, publicamos este extracto Diário das Sessões que nos parece elucidativo sobre o assunto mas, podíamos publicar outros, muitos outros...

O SR. PRESIDENTE: ... Tem a palavra o Sr. Deputado Roboredo e Silva.

O SR. ROBOREDO E SILVA: ... Sr. Presidente, Srs. Deputados: Pedi a palavra para verberar, com a mais profunda indignação os criminosos atentados bombistas ocorridos na tarde de sexta-feira e madrugada de sábado últimos. Se crimes hediondos como este, que sacrificam vidas inocentes e destroem o património nacional público e privado, são ignóbeis em qualquer altura da vida dos povos, os que se praticam quando um país enfrenta em algumas das suas parcelas, mortíferos ataques terroristas, que ceifam vidas, consomem fazendas e obrigam a juventude de Portugal a sacrifícios sem fim, então tais atentados são verdadeiros actos de traição, merecedores da maior repulsa e de castigos exemplares.

VOZES: Muito bem! Muito bem!

O ORADOR: ... Pode admitir-se que não seja fácil identificar os assassinos mas se o forem como é lícito esperar, é preciso que a punição seja correspondente à que a lei prevê para crimes de alta traição. O covarde golpe, teria como principal objectivo destruir órgãos muito importantes do Ministério do Exército, com repercussões nas estruturas militares, o que repito, nas circunstâncias actuais, constituiu forte agravante para o crime cometido. E a propósito ocorre dizer que não pode descurar-se a vigilância e a segurança das instalações das forças armadas.

Tenho dito algumas vezes nesta Casa que sou católico e como tal entendo que só Deus tem direitos sobre a vida dos homens. Todavia, Deus no Seu divino entendimento não evita as guerras, certamete para castigo dos desarmados e pecados mortais que a Humanidade não pára de praticar. Por ser assim são excepção os países civilizados só sei de um ... que não têm nos seus códigos a pena de morte para actos de traição ou cobardia praticados em tempo de guerra, de que resultem graves consequências para a segurança militar ou a sobrevivência das pátrias. Assim sucede em Portugal.

Não se deduza do que menciono que estou a advogar a pena de morte fora dos casos previstos na lei militar, aliás, só aplicáveis em campanha contra inimigo estrangeiro. Estou apenas a lembrar que actos de traição contra a Pátria podem sofrer a pena máxima se se verificar uma situação de guerra declarada, o que não está em causa, felizmente.

ANTOLOGIA DO TEATRO CÓMICO PORTUGUÊS

Ora a não ser sustada esta vaga de crimes monstruosos, parece-me que o Governo terá de enfrentar as realidades e seguir a solução que permitiu aplicar a legislação penal do Código de Justiça Militar ao ultramar por via do Decreto-Lei n.º 45 308, de 15 de Outubro de 1963, adoptando para a metrópole disposições semelhantes aplicáveis a todos os crimes contra a Nação cometidos na situação de emergência que enfrentamos, uma vez que este tipo de luta subversiva revolucionária se estende a toda a terra portuguesa e toda ela sofre as terríveis consequências dos crimes cometidos por facínoras da pior espécie, verdadeiros bandidos, indignos de serem tratados como seres humanos porque não têm nem alma nem coração. É que neste género de guerra todos estamos na primeira linha devendo subtrair-se a palavra retaguarda do vocabulário até que volte a paz ao chão português.

VOZES: Muito bem!

O ORADOR: ... Penso que um primeiro passo será uma revisão da orgânica administrativa das forças de segurança, saltando por cima de equiparações ultrapassadas, abandonando essa infeliz decisão que foi a de aplicar as letras, para efeitos de vencimentos, às forças militares e para militares. Quem tem a vida em constante risco não pode ser igualado, para efeitos de honorários, àqueles que trabalham no ambiente tranquilo de uma repartição ou gabinete mais ou menos confortável.

É sabido de todos que os efectivos da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Nacional Republicana estão reduzidos por falta de concorrentes, e essa falta é apenas resultante dos limitados vencimentos que são atribuídos aos seus servidores, que têm de **ser homens bons, decididos, patriotas e prontos a dar a vida pela segurança dos seus semelhantes e pela defesa do património que é de todos nós.**

Neste apontamento não poderia deixar de englobar a Polícia Judiciária designadamente a Direcção-Geral de Segurança. Esta última organização precisa de homens perspicazes, hábeis e sérios, à altura das difíceis tarefas que têm de desempenhar, o que só se consegue pagando o que é devido e merecido. De resto, organizações com finalidade idêntica existem em todos os países democráticos, **pois nos do bloco comunista nem é bom falar.**

O SR. VASCONCELOS GUIMARÃES: ... V. Ex.ª dá-me licença?

O ORADOR: ... Com certeza.

O SR. VASCONCELOS GUIMARÃES: ... O problema que V. Ex.ª está a tratar tem uma gravidade tão grande para o País que eu sinto-me na obrigação de dar o apoio inteiro que ele merece e aproveitar esta oportunidade para fazer uma breve resenha dos atentados do tipo do passado na sexta-feira ultimamente registados em Portugal. E permito-me ler um extracto que tirei de um jornal diário, onde se diz:

26 de Outubro de 1970 ... Explodiu uma bomba no navio Cunene, atracado na doca de Alcântara.

21 de Novembro de 1970 ... Registaram-se diversas explosões em Lisboa, nomeadamente na Escola Prática da antiga P.I.D.E., no cais da Fundação no Centro Cultural da Embaixada dos E.U.A.

8 de Março de 1971 ... Diversos engenhos explosivos danificaram aviões militares e destruíram helicópteros na base aérea de Tancos.

26 de Julho de 1971 ... Foi detectada uma carga de plástico numa lancha da Marinha em construção na Figueira da Foz.

27 de Outubro de 1971 ... Sabotagem nas instalações da N.A.T.O. (Comiberlant), um dia antes da inauguração oficial, em Oeiras.

7 de Novembro de 1971 ... Instalações da N.A.T.O., na Costa da Caparica, foram danificadas por uma explosão.

12 de Janeiro de 1972 ... Duas explosões destruíram instalações, carga e bagagem no navio Muxima, que se preparava para largar para Moçambique, atracado no porto de Lisboa.

11 de Julho de 1972 ... Sete bombas danificaram catorze viaturas pesadas e três carros particulares nos Olivais e em Moscavide.

9 de Agosto de 1972 ... Explosões danificaram estações de energia eléctrica em diversos pontos do País (áreas de Lisboa, Porto e Coimbra).

26 de Setembro de 1972 ... Sabotagem de duas estações de Rádio Marconi em Palmela e Sesimbra.

31 de Dezembro de 1972 ... Registaram-se explosões de fraca potência nas estações ferroviárias do Sul e Sueste, Santa Apolónia e Cais do Sodré, e ainda em Moscavide, à saída de um campo de futebol.

6 de Janeiro de 1973 ... Onze engenhos de fraca potência explodiram em diversos pontos de Lisboa, os quais lançaram simultaneamente tipos vários de panfletos.

26 de Janeiro de 1973 ... Rebentou uma bomba fraca nas traseiras de um prédio em Portimão.

O último atentado, aquele a que V. Ex.ª se vem referindo, foi o de maior intensidade. Parece-me, salvo erro de memória, que até hoje o País ainda não foi suficientemente informado quanto às investigações e detecção dos elementos que causaram estes prejuízos morais e materiais

no País, desde 1970 até 1973. Temos nada menos que treze atentados neste espaço de tempo, segundo o extracto que acabei de ler, mais o citado por V. Ex.^a. Deixo a V. Ex.^a os comentários que julgar conveniente fazer, mas peço com a maior urgência ao Governo que tome em toda a conta este problema.

O interruptor não reviu.

O ORADOR: — Muito obrigado, sr. Deputado Vasconcelos Guimarães, por esses elementos, que desde logo completam a minha exposição, a qual, no fundo tem como objectivo alertar, ou melhor, dar força ao Governo para que tome todas as providências que requer uma situação que está a tomar aspectos absolutamente alarmantes.

Os portugueses querem trabalhar, estudar e realizar com a certeza de que não estão sujeitos a ataques hediondos e à mercê da felonía de umas quantas dezenas de bandidos a soldo de estrangeiros, mas sabe-se lá se também de portugueses que, contudo, pretenderão passar por bons cidadãos.

Julgo que as populações poderiam ter um importante papel a desempenhar nesta fase atribulada da vida nacional, alertando as autoridades sempre que tenham suspeitas ponderadas sobre pessoas ou organizações capazes de acções antinacionais. Mas sem aproveitar essa abertura para vinganças ou delações indígnas.

A repulsa geral que os atentados bombistas que me refiro provocaram na população de Lisboa está à vista, pois eu ouvi os mais veementos protestos de gente modesta com quem tive ocasião de falar.

VOZES: — Muito bem!

O ORADOR: — **O povo, o bom povo português, é alérgico ao banditismo e não hesita em apoiar o Governo nesta emergência, para tomar as medidas as mais drásticas, que tão efandos crimes requerem.**

VOZES: — Muito bem!

O ORADOR: — Os que me conhecem melhor sabem que sou um homem tolerante, avesso a violências, partidário de soluções suaves, enquanto elas são possíveis. A minha reacção neste caso é por consequência, mais válida, porque é ditada por um sentimento de indignação e de revolta contra autênticos atentados de lesa-pátria, visto que, além do impacto nacional, buscam o estrangeiro. Suponho que numa Câmara que representa o povo de Portugal haveria que declarar bem alto que esse povo não quer mais mortes de inocentes, não quer mais devastações materiais, não quer, enfim, que a ainda impropriamente chamada retaguarda se traiam os seus filhos, **que arriscam diariamente a vida para defender populações e a integridade da Nação em terras de África.**

VOZES: — Muito bem! Muito bem!

O ORADOR: — Seria, pois, a meu ver, de dar ao Governo, **uma voce**, um voto de confiança para que assuma todos os poderes que, com a ponderação que tem de ser uma das suas constantes, repete indispensáveis com o objectivo de cessarem definitivamente crimes monstruosos que criam um ambiente de intranquilida-

de e de mal-estar, altamente pernicioso para que se levem a cabo as grandes tarefas de progresso e promoção social a que metemos ombros e queremos realizar, mas sob a égide da boa paz portuguesa, que temos de manter custe o que custar.

VOZES: — Muito bem! Muito bem!

O ORADOR: — Sr. Presidente, Srs. Deputados: Como homem que se considera absolutamente independente e senhor das suas opiniões, mas que põe a Pátria acima de tudo, dou desde já ao Governo, para este fim específico, um cheque em branco.

VOZES: — Muito bem!

O Sr. Sá Viana Rebelo: — Sr. Presidente, Srs. Deputados: Não é um queixume que vou apresentar, nem sequer um apelo de Deputado representante de terras distantes, aos Srs. Ministros do Ultramar e da Educação Nacional. Desejo apenas deixar aqui um apontamento, na sequência de diligências que se arrastam desde 1967, isto é, há seis anos, e manifestar um desejo.

O Instituto de Educação e Serviço Social de Pio XII, que funciona em Luanda, com aprazimento de todos quantos conhecem a sua valiosa obra, foi criado ao abrigo do Decreto n.º 44 159, de 18 de Janeiro de 1962.

Esse decreto prevê que no Instituto se ministre o curso de assistentes sociais com habilitações de base — 7.º ano do liceu ou equivalente — e duração de quatro anos, tal e qual como nos cursos existentes no Portugal europeu.

Os programas do curso de assistentes sociais foram aprovados pela Portaria n.º 19 091, de 11 de Abril de 1962.

Os cursos de assistentes sociais dos Institutos Superiores de Serviço Social de Lisboa, Porto e Coimbra foram reconhecidos superiores por despacho ministerial de Outubro de 1961, data em que os institutos do ultramar, tanto o de Luanda como o de Lourenço Marques, ainda não tinham sido criados.

Pelo ofício n.º 2442/71, P-41.3, de Junho de 1971, da Repartição do Ensino da Direcção-Geral da Educação, do Ministério do Ultramar, a 1.ª Secção da Junta Nacional de Educação considera que devem ter-se como superiores, para efeitos militares, os cursos de assistentes sociais previstos no Decreto n.º 44 159, de 18 de Janeiro de 1962, a que já me referi; no entanto, os alunos do Instituto de Pio XII, de Luanda, foram informados de que tal parecer é ali desconhecido, pelo que estão em vias de terem de interromper o curso a fim de cumprirem o serviço militar.

Mais ainda, na Universidade de Luanda, ao contrário do que sucede com os assistentes sociais formados pelos institutos da metrópole, os diplomados pelo Instituto de Pio XII não são admitidos.

Para cúmulo, a uma educadora social diplomada pelo Instituto de Pio XII, que funciona em Luanda, em território português, por consequência, a uma educadora social, repito, que pediu equivalência do respectivo curso ao Ministério da Educação Nacional, para efeito de conti-

nuação dos seus estudos, foi-lhe solicitado, pelo ofício n.º 3626, de 22 de Agosto de 1972, que apresentasse os planos de estudo e programas «respeitantes às habilitações literárias estrangeiras» que possuía.

Que se deseja?

Apenas que os cursos do ultramar de Educação e Serviço Social, a exemplo daqueles que funcionam no Portugal europeu, sejam reconhecidos como superiores para todos os efeitos, civis e militares.

A SR.^a D. CUSTÓDIA LOPES: — V. Ex.^a dá-me licença?

O ORADOR: — Faça favor.

A SR.^a D. CUSTÓDIA LOPES: — Eu queria apoiar V. Ex.^a pelo assunto que está tratando, porque o mesmo acontece no que se refere a Moçambique.

As assistentes sociais desta província estão muito preocupadas com a questão que V. Ex.^a está a apresentar e também me pediram para que intercedesse para os cursos dos institutos sociais do ultramar fossem equiparados aos da metrópole.

Já que V. Ex.^a tomou a palavra para interceder por Angola e também pelo ultramar, eu limito-me a reforçar e a apoiar as palavras de V. Ex.^a.

O ORADOR: — Muito obrigado, minha senhora.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: Não quero deixar de pronunciar nesta sala algumas palavras que traduzam os ecos que vêm de Angola, ecos do pasmo e da mágoa ali sentidos quando houve conhecimento dos actos recentemente praticados aqui na metrópole, tendentes a desorganizar, e portanto enfraquecer, a máquina do nosso Exército, a garantia máxima da ordem da paz que todos deveríamos querer nas diversas parcelas do território português.

As Forças Armadas, pelo que representam de devoção à Pátria e de suporte à sua existência, deveriam ser sagradas e objecto do carinho respeitoso de todos quantos querem continuar vivendo num Portugal livre e coeso.

As Forças Armadas deveriam ser consideradas como um santuário livre de discussões e muito menos alvo de dissensões. Mas não, há quem as procure atingir na sua eficiência, existe quem tente levar-lhes mais preocupações do que aquelas, e bem grandes, que tem de enfrentar.

Eu sei, todos nós sabemos, o que buscam os autores dos atentados terroristas da última semana.

E por isso Angola estranha e com mágoa verifica que tal possa acontecer, pois, repetindo o que declarou há dias no Funchal o sr. prof. doutor Armando Cortesão, «das profundezas da história pátria estendem-se-nos as mãos e bradam-nos as vozes dos antepassados conjurando-nos a que continuemos a defender até ao limite extremo o património sagrado que eles nos legaram e que tanto saber, esforço e sangue lhes custou, e, assim, ao mesmo tempo servindo a Humanidade com a defesa da causa da civilização ocidental».

VOZES: — Muito bem!



NOTÍCIAS CURIOSAS

Esta foi apanhada no «Diário de Notícias» do passado dia 5 de Agosto de 1974 na página 22 última coluna da direita:

«Strip-Tease: Raparigas modernas sem complexos, precisam-se para montar espectáculo de nível internacional. Bom ordenado mensal. Tratar Praça da Alegria, n.º 58. Todos os dias das 18 às 20 horas.»

Sem comentários...

ANÚNCIOS DA TELEVISÃO

Para além do verão o que será preciso fazer-se mais para que o bom Povo Português beba cerveja?

A RTP, sempre na vanguarda da educação nacional, «amanda» para dentro das nossas casas dois anúncios de cerveja que não podem passar despercebidos pela originalidade. O primeiro fala de uma cerveja que é «só para alguns» (!!!); o segundo é aquele que mostra um senhorinho meio «empitado» que faz fitas ordinárias e de mau gosto só para dizer que a cerveja «tal» é boa a copo:

Que mais nos faltará ver?

A PROPÓSITO DE BANDEIRAS

Com tanta bandeira que há para aí, logo

se resolveu embrulhar «aquilo» na bandeira nacional.

Resta-nos perguntar se a bandeira continua a ser o símbolo da integridade nacional ou passou meramente para o estatuto de pano para embrulhar coisas.

São estas as chamadas brindadeiras de mau gosto?

Ou será a falta de plástico?

NOTÍCIA DA ÚLTIMA HORA

O professor Palma Carlos demitiu-se do partido em que se tinha inscrito recentemente.

O que será aquilo dos móveis?

AINDA NOTÍCIAS DA ÚLTIMA HORA

O doutor Sá Carneiro ainda não se demitiu mais vez nenhuma.

QUEM TEM MEDO DE RICARDO?

Ricardo, mais conhecido pelo senhor Nixon, foi finalmente saneado!

Aquilo é que são uns jornais!

Aquilo é que é liberdade de Imprensa!

Aquilo é que é uma arma com que muita «malta» ainda não sonhou!!

PORTUGAL, PAÍS SEM GRAVADORES

Se por cá existisse o hábito, tão americano, da gravação perpétua de todas as conversas importantes em matéria política, o que a «malta» não gostava de saber o que aconteceu durante a conferência de «tréguas» feitas o senhor general Galvão de Melo e os pides «revoltados»...

MERCADOS DE VERÃO

Lisboa foi, ultimamente, invadida por ciganos! Anda tudo ao Deus dará... Para o turista menos incauto em matéria de Geografia, Lisboa pode bem passar por Tânger ou Ceuta com os mercados de verão espalhados pelo chão da cidade.

Então mas já não existem mangueiras para varrer aquilo tudo?

UMA ANEDOTAZITA PARA AMENIZAR CENAS ENTRE ADÃO E EVA



MEDOS

Vem no livro, mauzinho aliás, editado por Edições Afrodite e que diz respeito à Pide. É um bilhete com uma «cunha» a favor de Joaquim Paço de Arcos. Diz assim: «O escritor Joaquim Paço de Arcos pede que não deixemos que a crítica o espezinhe no «Frente a Frente» de amanhã, na TV. O sr doutor não faz uma ordem para os leitores??» Assinatura irreconhecível e data de 13-9-71.

A «Malta» não explicou mas o bilhete é uma «cunha» de um funcionário para o director da censura/exame prévio.

Será que ele não vai mesmo para o Brasil?

FÁBULA TRISTE

Era uma vez um corcunda feio como a noite e mau como a peste. E esse corcunda era o mais hábil de entre os escravos todos e o mais sádico de entre os homens todos.

O rei, um dia, resolveu chamá-lo à sua presença e fez-lhe uma proposta. O reino andava a atravessar uma fase de desvario, própria do mundo em que se vivia, e ele havia pensado se o corcunda queria trabalhar para o seu rei como chefe-todo-poderoso da polícia.

O corcunda sorriu maliciosamente e disse que sim.

E durante muitos e muitos anos, ajudado por muitos e muitos outros corcundas, ele trabalhou para o seu rei e para o seu país. Com dedicação, com entusiasmo, com fé, com perseverança, com habilidade.

E encheram-se as prisões e encheram-se os cemitérios. Os corcundas não tinham mãos a medir e, devagarinho, matavam, torturavam, espezinham, aviltavam as gentes daquela terra.

E esgotaram-se as prisões, e esgotaram-se os cemitérios, e esgotaram-se as bocas cansadas de gritar.

Um dia, muitos anos depois, quando o grande chefe dos exércitos voltava da guerra, ficou alarmado ao deparar na condição em que viviam os homens do seu reino e país. E resolveu acabar com aquele estado de coisas.

Prendeu o corcunda chefe-todo-poderoso e prendeu os seus ajudantes. Exilou o rei, a mulher do rei e a filha do rei; exilou o Grande Ministro e todos os pequenos ministros. Enfim, limpou conforme ponde e soube aquele reino velho de tantas amarguras.

Mas o corcunda chefe-todo-poderoso ficou muito zangado na sua prisão junto ao mar. E os corcundas-escravos ficaram muito zangados na sua prisão junto ao Parque Real.

Escreveram cartas, gritaram pela noite fora, disseram mentiras, arranjaram desculpas. E passeavam-se com o semblante inocente e o peito limpo de pecado.

O corcunda chefe-todo-poderoso pediu auxílio ao Papa, ao Rei local, aos Reis de todo o mundo, às organizações humanitárias, a Buda. E invocava a sua inocência e a falta de provas que justificasse a sua prisão. E os corcundas-escravos gritavam para os céus a sua inocência e culpavam o sistema do rei, a força do sistema do rei, a culpa do sistema do rei. E que não, que eles eram muito amigos do povo e só queriam era o bem do povo. E contavam histórias e diziam mentiras enormes fabricadas na noite das suas inconsciências.

O povo ouvia tudo em silêncio, de punho cerrado, de boca cerrada, de coração apertado e triste.

Pobres criaturas! Pobres dementes! Murmurava o povo.

Até que a criança vestida de negro fez ouvir a sua voz por entre a multidão silenciosa e, apontando para as grades da prisão gritou:

— Cobardes!

GRANDE FEIRA DO DISCO

MILHARES DE DISCOS

A 25\$00

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

RUA FORNO DO TIJOLO, 25 - C

Os Distribuidores cinematográficos celebraram entre si um acordo, segundo o qual não entrarão, por agora, em Portugal filmes meramente pornográficos. Esta decisão, pertenceu, portanto, apenas aos distribuidores. Revelando pois uma consciência social das mais elevadas, emitiram mesmo o seguinte parecer que deram a público numa notícia cuja publicação, pelo menos, apareceu no Expresso.

Transcreve-se: **Entendemos não ser este o momento oportuno para a introdução de fitas deste tipo em Portugal, porque as estruturas sociais e mentais ainda estão em mutação e receamos o impacto negativo que a exibição de filmes deste género poderia provocar.**

Num outro parágrafo da notícia, o informador acrescentava que o acordo vigente poderia vir a ser revisto e que, em sua opinião, os filmes essencialmente pornográficos acabariam por ser exibidos em salas especialmente destinadas a esse fim, como sucede, aliás, em diversas capitais europeias. Depois de ler esta monumental tirada, a minha tia Miquelina — cuja alma está já em eterno descanso — ficaria enternecidamente grata aos bons moralistas. Não ficou ela, porque jaz em decúbito dorsal, mas certamente ficaram outros. De resto, isso não admira. Todas as épocas são dominadas por uma moral que, normalmente não deriva nem de religiões nem de filosofias, porque a moral é muito mais a soma dos preconceitos da humanidade.

Logo, e só por isso, há que desconfiar de moralistas.

UM COMENTÁRIO SAFARDANA

Com que então, não está o portuga valente preparado para a exibição de «fitas» pornográficas? Mas que tem andado ele a fazer durante os últimos anos senão a preparar-se para isso? Lutando na mais tenebrosa clandestinidade «pelo direito à pornografia» era do conhecimento geral a circulação de filmes de oito e dezasseis milímetros e de abundante material gráfico. Quantos sacrifícios e riscos se corriam para conseguir o filmezinho e o livrozinho?! Quantas sessões privadas?! Quantas reuniões de esclarecimento?! Quantas encomendas ao Silva quando ia a Londres? E ao Almeida quando ia à Dinamarca... E a este... e àquele?

E quantos foram enchendo o «poche» com a mercadoria? Quem é que no reino não viu, uma só vez, uma pequenina e única vez, uma pequenina e única coisinha pornográficazinha? Quem foi? Quem foi, seus marotos? Os senhores distribuidores unidos não viram? Também não se prepararam para o impacto? Se calhar quem não viu foram as pessoas do tipo da aludida minha tia Miquelina, a quem a Igreja capava os ímpetus com a imagem da demoníaca e pecaminosa volúpia ou bons e primitivos portugas das serranias. Mas a esses não admira, porque nem a electricidade lhes lá chega ainda hoje, quanto mais uma perna ao léu. De resto, esses, em matéria de cinema, só lhes toca, quanto muito, A Morgadinha dos Canaviais, e mesmo assim devem ter que andar uma catrefada de quilómetros a pé.

Ora, segundo parece, as tais salas de exibição, confinam-se a grandes cidades. No caso do reino, só há uma grande cidade: Lisboa. (Definição estatística, entenda-se!) Lisboa e o

A coluna de RUI DE BRITO

seu apêndice de classe. Estoril-Cascais. É exactamente nesta área que se encontram as camadas mais preparadas para o impacto!

Ou não?

ONDE É QUE JÁ OUVIMOS ISTO?

Se bem me lembro, também se dizia que o reino não estava preparado para a liberdade. Esta afirmação é e sempre foi extremamente reaccionária!...

OUTRO COMENTÁRIO MENOS SAFARDANA

O que fez o êxito de bilheteira do filme medíocre que dava pelo nome de «A Piscina» mesmo cortadinho às postas pela censura? Por que motivo é que agora se voltam a exhibir filmes com a garantia de «versão integral» como é o caso da Rebolona, do Blow-Up e outros? Por que motivo se publicita o «Aquele Inverno em Veneza» com a afirmação de se ver o «acto» como jamais se viu em cinema? Afinal qual é a arma de bilheteira? E o inosso e apatetado Outono Escaldante?

E quanto a impacto negativo, como se poderá classificar A Grande Farra, o Último Tango e o já anunciado Laranja Mecânica? Este último, e segundo o mesmo critério dos distribuidores, não poderá desencadear um impacto muito negativo? Só a pornografia cinematográfica é que de facto entra nos cuidados a haver com a pretendida «mutação» das estruturas sociais e mentais?

FACTOS SÃO FACTOS

A pornografia é mais velha que polvora e o portuga tem, como todos os povos, uma larga tradição de contacto com ela.

— Nos países onde existem as tais salas, há sempre mais estrangeiros na assistência do que os próprios naturais.

Muitos desses até são da província. Passou a ansiedade urbana.

— O bom portuga, quando viaja, também se encontra nos locais onde ela existe. De resto, estão sempre por lá os estrangeiros, que no seu país não gozam da liberdade de acesso, por ser clandestina.

— A pornografia, conservada como tabu, é prejudicial como todos os tabus.

— Entre erotismo e pornografia há diferença. Explorar o erotismo lançando a pornografia na clandestinidade é confundir e retardar o avanço da libertação sexual.

— A pornografia está em decadência nos países onde teve maior impacto.

Qualquer tipo de recalçamento sexual se pode traduzir numa transferência de agressividade para outros campos de acção em que a violência não é alheia.

APARTES

As razões morais podem muito bem encobrir outras razões em que a moral é grande ausente. Podem ser argumento de outro fundamento. Senão vejamos: a moral do lobo é comer a ovelha. A moral da ovelha é comer a erva. A moral do homem é matar os dois por razões diversas.

Por estes motivos e pessoalmente desinteressado em qualquer estreia do género (não por razões morais, mas porque já ultrapassei essa fase de rotina) só espero que coincida o alcance da maturidade social e mental do reino com a abertura da primeira cadeia de cinemas especializados.

Por outro lado, será também bonito e estratégico que os distribuidores concordantes façam coincidir com esta coincidência a coincidente revisão da agora decisão!

Até lá como dantes: actividade clandestina. Só que neste caso, o medo não guarda a vinha. Entretanto assistamos à hipocrisia decadente da publicidade cinematográfica, toda ela cheia de reticências e subentendidos eropornográficos.

De facto, parece que é melhor andar de esguelha do que em linha recta.

Mas que se trata de um grande negócio e como tal não se pode desbaratar, lá isso é verdade!

Só por razões de ordem informativa, a malta quer depois saber quem são os interessados nele. Mas isso virá a seu tempo... Estamos interessados nisso, sim senhor... «À cause des mouches et du poisson frite»...

(... Isto é para dar um toque pornográfico e afrancesado ao artiguelho porque uma Pigalle de caca já nós temos no Intendente!)

RUI DE BRITO

SR. AUTOMOBILISTA..!

ECONOMIZE, AUMENTANDO A DURAÇÃO DO SEU AUTOMÓVEL

MANDANDO APLICAR NOS CHASSIS UM BANHO PLÁSTICO

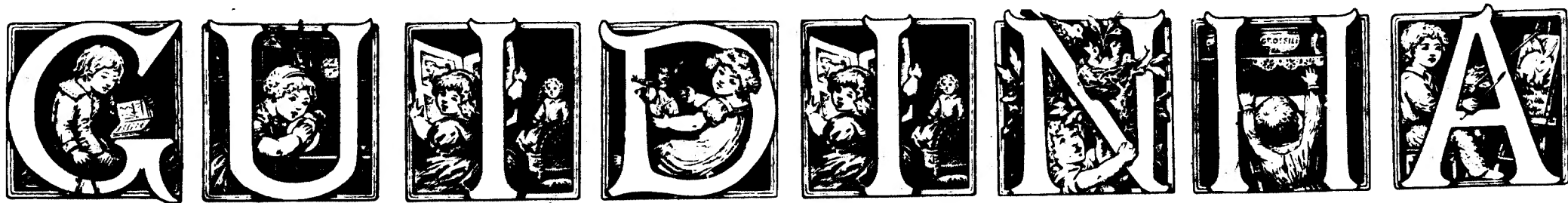


UNDERCOATING
ANTI RUÍDOS E DISPENSA PINTURA

REVESTIMENTO PROTECTOR PARA CARROS NOVOS OU USADOS
GARANTIA DE 6 ANOS - PREÇO TABELADO

COTAL

RUA ARTILHARIA UM, 105 - A - TELEF. 68 3131
RUA DOS LUSÍADAS, 113 - A - TEL. 63 10 57
Faça a sua marcação com antecedência



DEU A MANIA DO CINEMA AO MEU PAI

Ora cá estou eu no meio das férias que não tenho por via do preço da carne do peixe dos sapatos e do mais que é preciso e que leva o pilim todo que devia ir para as férias sim porque este ano não há pilim para nada o meu pai quando soube que os da PIDE têm cama mesa e roupa lavada à custa dele sim porque ele é contribuinte ficou pior que uma barata e lembrou-se logo de ir dizer que era da PIDE a ver se o prendiam porque como continuava a receber o ordenado e não tinha despesas a gente podia ir para a praia o que era bestial só não o fez porque tinha vergonha de voltar à Graça com toda a gente a saber que ele tinha sido um deles quando penso no que se gasta neste mundo e eu com tanta precisão até fico tonta ainda no outro dia me contaram que há aí uma fita chamada a grande bufa em que as pessoas comem tanto que até morrem é claro que é uma fita estrangeira porque aqui na Graça isso nunca aconteceu aqui na Graça o contrário até é mais natural mas isto agora em matéria de fitas anda bestial digo isto pelo que está a acontecer ao meu Pai que não ia ao cinema desde que acabaram as fitas do Costinha e do António Silva e que agora não faz outra coisa senão andar de cinema em cinema e que chega a casa com os olhos de fora a dar vivas à revolução sexual e a uma coisa que há chamada a liberdade do corpo uma noite destas até levou a minha Mãe chegou a casa à hora do jantar e começou com falinhas mansas a dizer que a minha Mãe andava sem ideias que era uma provinciana que andava atrasada que tinha de o acompanhar porque as estatísticas de Nova Iorque mostravam que quando a mulher não acompanha intelectualmente o marido tem mais probabilidades de se divorciar e mais isto e mais aquilo tira daqui tira dali e convidou-a para ir ao cinema como se aquele discurso todo fosse preciso para isso sim porque ela está sempre pronta para ir seja aonde for coitadinha que

nunca sai de casa bastava ele dizer-lhe vamos à rua para ela ficar logo toda contente enfim abriram o jornal da tarde estudaram as fitas que havia e vai foram ver uma chamada o último tango em Paris que vai na Baixa de Lisboa porque na baixa cá da Graça nunca vai nada que se aproveite lá o que eles viram não sei só sei que quando chegaram a minha Mãe vinha calada que nem um rato toda corada e que não abria a boca por nada deste mundo quem vinha todo saltitante era o meu Pai mais alegre que um pássaro numa cesta de trigo quem o visse até pensava que ele tinha tido a terminação na lotaria o que nunca lhe acontece que ele coitado vai para dois anos que resolveu deixar de perder dinheiro a comprar jogo porque gosta mais de o gastar em vinho cada um é como é e ninguém tem nada com isso mas vai no dia seguinte ao almoço como era Domingo o meu Pai chegou à cozinha de pijama todo lampeiro e perguntou à minha Mãe «Olha lá mulher então porque é que te levantaste tão cedo não sabes que é Domingo?» e vai ela toda aguerrida disse que se tinha levantado porque não queria estar na cama e ele riu que nem um perdido lá porquê não sei o que sei é que quando ele saiu ela foi à janela falar com a vizinha do 3.º esquerdo e disse-lhe que tinha ido ao cinema ver o tal tango mas quando eu me sentei para ouvir a história o que sempre é melhor que nada ela ficou toda furiosa e mandou-me lá para dentro tive de encostar o ouvido à porta e mesmo assim só a ouvi dizer toda zangada «com margarina, vizinha Conceição! Ora veja lá uma coisa destas! Com margarina!» lá o que isto queria dizer não sei mas calculo que a fita era estrangeira porque a gente cá na Graça costuma é cozinhar com óleo mas lá que esta ida ao cinema mudou a vida toda cá em casa e a prova é que antigamente a minha mãe nem acabava de ver o filme da televisão de sono que tinha às

vezes chegava ao intervalo e ia deitar-se mas agora desde que foram ver o tal tango fica até ao fim e quando a fita acaba diz ao meu pai para se ir deitar que ela ainda tem uma fiada do bordado a fazer e a verdade é que só vai para a cama depois do meu pai adormecer chega a ir nas pontas dos pés ao quarto duas e três vezes para ter a certeza de que ele já está a dormir eu cá por mim acho tudo isto ratão mas não sei o que se passa nem quero saber porque acho que não se deve meter a colher nem mesmo cheia de margarina entre marido e mulher o que eu digo é que nunca vi uma fita que não me deixasse ir para a cama à hora do costume e que algumas até me levam a querer ir mais cedo mais dia menos dia o meu pai tem é de a levar ao teatro, porque ainda me lembro muito bem de que antigamente quando começava o teatro da televisão, todos adormeciamos logo que era uma limpeza para dormir não há como o teatro é o que eu digo mas para acabar estas notícias cá da minha família só digo que ontem o meu pai perguntou se a minha mãe queria ir outra vez ao cinema e que ela desatou aos berros a dizer que ele era um valdevinos malandro cor de ferrugem e que nunca mais ia ao cinema na vida inteira que o que ele queria sabia ela mas que podia ir fritar carapaus com margarina para outro sítio que se quisesse fosse visitar a menina Lisabeth do primeiro andar que essa é que era do ramo e mais isto e mais aquilo foi uma barulheira tal que até fiquei com vergonha da vizinhança e tudo isto por causa duma fita de cinema, olhem que vale a pena, estes adultos, é o que eu digo, até parecem crianças, enfim adeus que esta já vai longa e que eu quero ir ver as montras do S. Jorge a ver se percebo porque é que foi este barulho todo.

GUIDINHA

